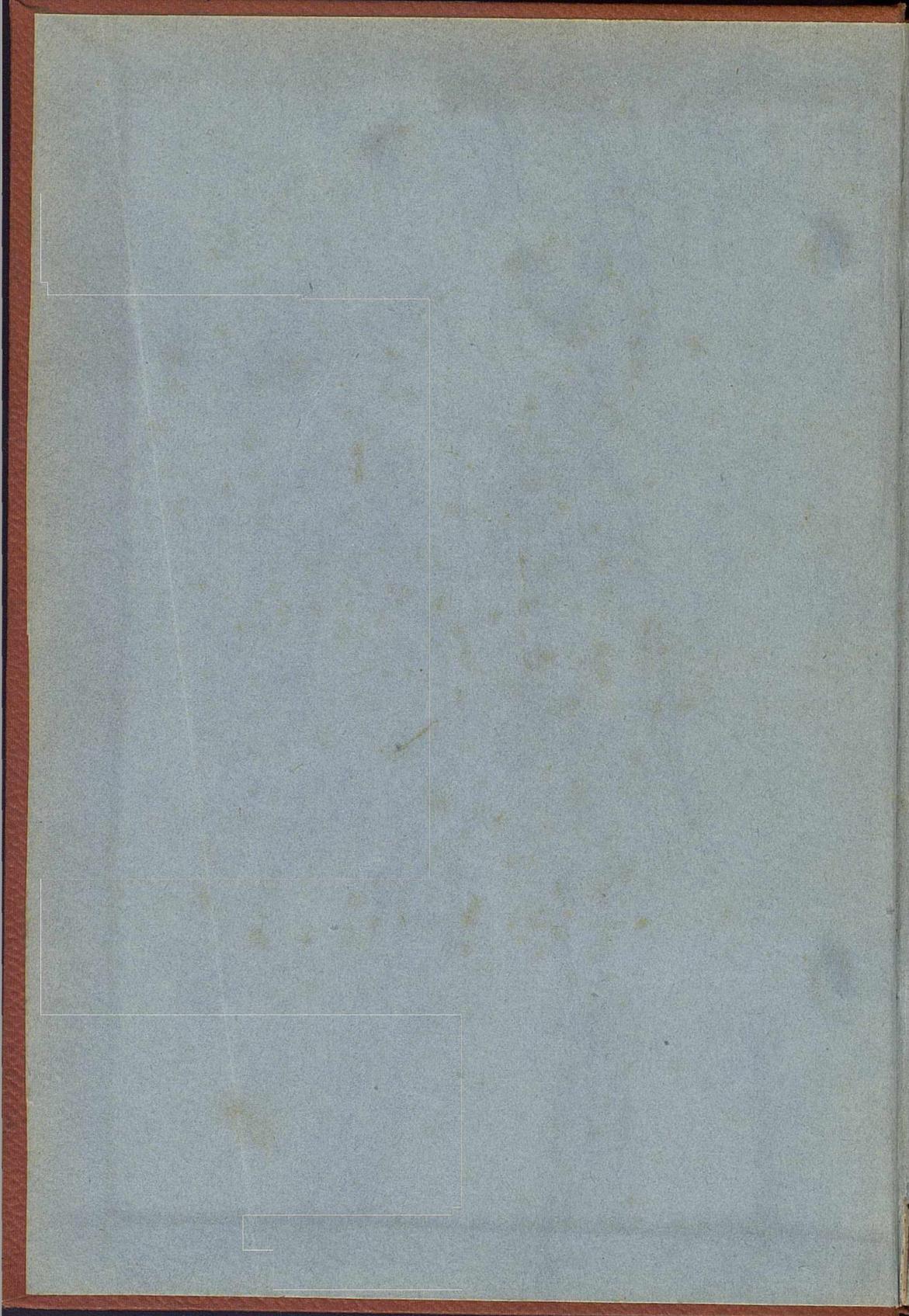


TA
EL
L

3
69



S. N. E. 26 - C. 7

Para a Bibliotheca de Coara



CANCIONEIRO GERAL



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

B
6869

CANCIONEIRO GERAL

CONTINUAÇÃO

AO DE

GARCIA DE RESENDE

COMPILADO POR

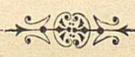
96.-5.011

ANTONIO FRANCISCO BARATA

E

avaliado pelo Doutor

THEOPHYLO BRAGA



EVORA
Empreza Typographica Eborensis
Rua do Paço, 43 e 45
1902

BIBLIOTHECA PUBLICA
DE
EVORA
REG. A FL. 164 DO LIV

MANCIONERO GERAL

CONTINUAÇÃO

40 00

GARCIA DE RESERVA

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

PHAEDRUS, L.º 3.º F. 56

Antonio Francisco Barata

F

Escrito pelo Autor

THEOPHILUS BRAGA



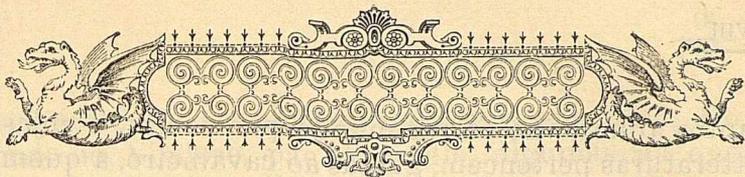
1802

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
Conselheiro*

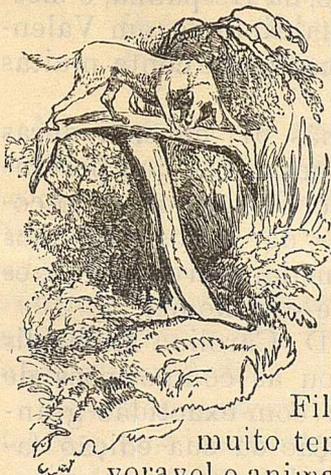
José Carlos de Gouvêa

A Vossa Excellencia, que é dos pouquissimos eborenses que tem livraria selecta, que lê com proveito proprio e alheio, e que, desde moço até á idade das cans, tem consagrado ás letras e sciencias boa parte de sua vida; a Vossa Excellencia, que a seus estudos deve os altos logares que attingiu e a que tem direito na sociedade portugueza; a Vossa Excellencia, a quem se deve a impressão deste **Cancioneiro** em terra onde não ha protectores das letras, Fabios e Lentulos, a Vossa Excellencia consagra este livro, e gostoso transmite á posteridade seu nome

Antonio Francisco Barata.



PREFAÇÃO DO COMPILADOR



TRINTA ANOS são passados depois que eu copiára grande porção de poesias quinhenistas do Codice $\frac{CXIV}{2-2}$ da Bibliotheca Publica de Evora e de outros, no tempo em que seu Bibliothecario era um amigo, o Doutor Augusto Philippe Simões, no tumulo ha muito tempo. Com o parecer d'elle, favoravel e animador, busquei dar-lhes publicidade então; não o consegui, porém; por que não achára nem um editor corajoso, nem um Mecenas, em Evora.

Puz de parte as copias que agora, ao cabo de

tantos annos, vão correr mundo peninsular, a cujas litteraturas pertencem, graças ao cavalleiro, a quem se dedica este livro, do qual o senhor Doutor Theophilo Braga, ao saber da nova, escreve: «...vim achar uma carta sua, datada de 22 da minha hegira, com a deliciosa noticia de que se ia imprimir o Cancioneiro quinhentista! Disse logo para mim: Ainda ha portuguezes »

São estas poesias escriptas, ao que devo calcular, depois de 1516 até ao fim desse seculo aureo de nossas letras e mesmo entrado já o xvii. Não entrariam, por esta razão chronologica, no *Cancioneiro Geral*, que, 'nesta sua patria, devêra ter colleccionado Garcia de Resende, e o fizera estampar em Lisboa, 'naquelle anno de 1516.

Não foi uma novidade a publicação deste Cancioneiro, porque já F. del Castillo, na Hespanha, o mesmo fizera, publicando por Xp̄fal Kofman, em Valencia, em 1511, o *Cancionero General*, que conta muitas edições.

Desde o principio até folhas 61, encerra obras de Sá de Miranda o codice-cancioneiro, que pertencera á senhora D. Guiomar de Castro, que não conheço, e d'ahi por diante, as de varios engenhos portuguezes e castelhanos, a maior parte dos quaes desconhecidos por omissão de seus nomes.

Viu este livro a senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, e delle tomou as composições de Sá de Miranda, descrevendo-o com exactidão grande a paginas lxxv da Introducção da sua edição famosa das obras do poeta Conimbricense.

De D. Manoel de Portugal larga é a messe a ceifar, tanto de composições escriptas em portuguez, como em castelhano, por aquelles tempos igualmente manejado de nossos escriptores, as quaes não en-

contrámos em suas obras, impressas em 1605. Do conde do Vimioso, pae d'aquelle, algumas ha que escaparam ao compilador d'ellas, impressas no mesmo anno das do filho.

Sobre o thema escolhido do conde: *Sentenças*, algumas composições tem o Cancioneiro, que se dão á estampa, mostrando-nos ellas como o genero paremiologico foi cultivado e estimado por aquelles tempos, em que floresceram D. João Manoel, mencionado já no *Cancioneiro Geral*, Antonio Ribeiro Chiado, Diogo de Tovar e outros.

'Nelle se encontram tambem alguns sonetos attribuidos ao Infante D. Luiz e ao Duque de Aveiro, como os que começam:

*A' redea solta corre o pensamento
Horas breves do meu contentamento
Quem vê, senhora, claro e manifesto
Porque quereis, senhora, que padeça.*

Não se publicam 'neste Cancioneiro, porque veem na edição de Camões, do Visconde de Jorumenha, como escriptos por aquelle. Aceitando a doutrina do Visconde e de outros, anteriores, que os consideram de Camões, consigno o facto da attribuição delles a outrem, e deixo de os reproduzir. E' para reparo entretanto, que um livro contemporaneo lhes dê outra paternidade.

Duas composições tem de Francisco de Sá de Menezes, cuja inediteidade se me affigura indubitavel.

Só temos, como é sabido, alem do *Cancioneiro Geral* os cinco tomos impressos da *Fenix Renascida*, onde se encontram as poesias dos engenhos dos seculos xvii e xviii, com excepção de uma ou outra, que possa vir de mais longe.

Subsequentemente foram publicados alguns cancioneiros antigos, que por sua ordem chronologica são :

—Fragmentos de um cancionero inedito... dado á estampa por Carlos Stuart em Paris em 1823 :

—Cancioneiro d'el Rei D. Diniz, mandado imprimir pelo Dr. Caetano Lopes de Moura em Paris, em 1847 ;

—Trovas e cantares, publicados por F. A. Varnhagen, em Madrid, no anno de 1849 ;

—Cancioneiro da Vaticana, publicado sob a direcção do sr. Dr. Theophilo Braga, em Lisboa, em 1878.

E' este ultimo o de maior importancia historica e linguistica. Taes são os principaes.

Não quizera eu dar á luz poesia alguma, que já o fosse 'neste ou n'aquelle livro ; mas, possivel será que alguma haja escapado na busca que fiz em Camões, Bernardim Ribeiro, Diogo Bernardes, Sá de Miranda e outros, e nos *Cancioneiros Geraes*, tanto portuguez como castelhano, que trabalho é esse de grande fôlego, que não tenho, nem posso ter, na vida que vivo do grangeio do pão quotidiano. Caso é para dizer como João de Barros, no prologo da primeira edição das *Decadas*: «Reparti o tempo da vida, dando os dias ao officio e parte das noytes a esta escriptura.»

Não ha prejuizo de ninguem, se, pois, alguma composição poetica for repetida e conhecida : ler se-á tambem 'neste livro.

Um ponto ha que devo esclarecer aqui : o das copias do *Cancioneiro*, sem duvida apographo, donde extrahi a maior parte d'esta collecção.

E' sua letra a da transição da forma graphica dos escriptos quinhentistas para a que tem vindo até nossos dias, com caprichos deploraveis na enca-deada, a peor de todas, que muito foi usada até ao decorrer do seculo xviii.

Instruido não foi o amanuense, que não entendendo muitas palavras, ou dos originaes, que vira ou já de copias delles, em vez de pôr seu cuidado em bem perceber o que lia e copiava tratou o caso de modo mais comeseinho e simples, imitando, desenhando tal ou tal palavra! donde o estropear e escurecer o sentido grammatical e logico em muitos logares, e em omittir versos inteiros, deixando mancas a muitas estrophes! Os mesmos defeitos e erros lhe notou a sabedora dama, a que me refiro 'neste escripto, escrevendo: «...o copista errou milhares de vezes por ignorancia...»

Aqui foi o meu maior trabalho, trabalho enor-missimo, que mal levaria a cabo se não foram, ago-ra, na revisão, na aferição das copias com os codices, dois cyreneus bondosos, habeis e instruidos, que vieram em meu auxilio: os senhores capitão de en-genheria, João Eloy Nunes Cardoso e D. Ricardo Villiardebó: a elles devo o poder arrastar a cruz até ao cume da montanha, onde me espera, talvez, a crucifixão entre os Dimas e Gestas destes Calvarios, os cães das boas letras, já conhecidos de D. Francis-co Manoel de Mello.

Por se ajuizar das difficuldades vencidas, se bem o foram, aqui ficará uma breve amostra aos enten-didos, que me offerece uma ode a Vasco da Gama:

- 1.º Com pena a cerviz dura ao duro mouro.
- 2.º Cada um a boca põe seguro a boca.
- 3.º Vos irão ao lusitano patrio Tejo.

4.º Que de troe tão famosa está confuso.

5.º A cujo fez tomando o companheiro.

6.º El que qua por agora.

Não se entendem taes versos: leram-se e substituíram-se:

1.º Com pena a cerviz dobra ao duro mouro.

2.º Cada um 'nellas põe seguro a boca.

3.º Voará ao lusitano patrio Tejo.

4.º Que de heroe tão famoso está confusa.

5.º Achyles tornando o companheiro.

6.º Fiquem cá por agora.

E como estas difficuldades em portuguez, não menos, se não mais, em castelhano.

Não mirei selecção de composições, tanto na distribuição dellas pelo livro, como na sua propria escolha: luz e sombras promiscuamente; claros escuros que se dão as mãos, assim na bondade como na linguagem; 'naquella podera ter refugado algumas, por menos primorasas, 'nesta agrupar as portuguezas e o mesmo fazer ás castelhanas. Attendi á variedade por satisfação do espirito: a monotonia enfada e cansa.

Para a orthographia da actualidade transportei a quinhentista, não só por que isto faço de ha tempos a esta parte, como o sentem muitos portuguezes; mas porque de egual modo se pensa na visinha Hespanha, donde, pouco ha, me escreve o sabio academico, senhor D. Cesareo Fernandez Duro: «Hay personas escrupulosas ó casadas con la opinion ya un poco castigada, de que en el traslado de documentos antiguos debe respetarse la ortografia e aun la puntuacion, dictamen razonable quando se trata

de papeles en que quepà diversa interpretacion, pero que no me parece sostenible en trabajos literarios y mucho menos en los poeticos. Pasò mucho tiempo sin que hubiera fijeza en la escritura y el empeño en transcrebirla, equivale á dar culto al capricho ó á la mala enzenança de los malos amanuenses, pues facil es el convencimiento de que las mismas palabras están escritas de diversos modos en los mismos dias, siendo distintas las manos que las trazaron.

En los versos tiene ademas la copia literal, los inconvenientes de afear la impresion y de dificultar la inteligencia, por lo que yo prefiro acomodarlos al uso moderno, siempre que al hacerlo no se altere el sonido, que es lo de importancia.»

A' linguagem deixei apenas algumas palavras typicas em sua forma archaica como feição característica do seculo que a empregou, sem, contudo, embaraçarem a natural comprehensão do texto ao leitor: assim ficam no livro: dino, mouro, sento, por *digno, morro, sinto*, etc.

Retoquei versos manifestamente errados do copista, deixando, contudo, muitos defeituosos por frouxos, ou por duros, cousa que tambem caracteriza a metrificação quinhentista, de que nem Camões se isentou. Isto não obstante, nota-se em muitas partes uma grammatica emperrada, enviezada, um tanto escura.

Direi, ao terminar, que tenho a convicção de prestar algum serviço á litteratura portugueza, deixando-lhe este volume de poesias quinhentistas, no mesmo formato da edição do *Cancioneiro de Garcia de Resende*, de Stuttgart, por lhe poder servir de continuação, e por salvar, deste modo, do possivel

desapparecimento aos codices, por algum dos muitos meios que seguem e perseguem aos livros. (1)

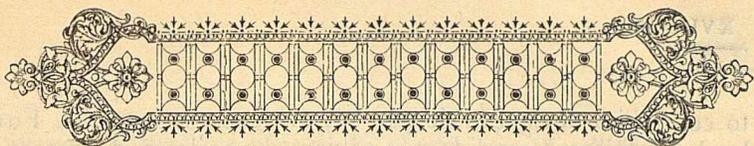
Não trabalho por interesses mundanos, não embargante o delles carecer; mas por gosto íntimo, e por menos penoso me ser o tempo que falta para se apagar a luz de meu espirito, começado de se embaciar, de perder a lucidez que alguma hora teria.

Sem ser homem de letras professo, sem diplomas escolares, que acreditam e dão sabedoria official, cansado do trabalhos e de annos, mais não pude fazer, nem melhor.

Agora, logar ao mestre.

Evora, outubro de 1902.

(1) Esta segunda edição foi publicada com o titulo: *Cancioneiro Geral*.—Altportugiesche Liedersammlung desedeln Garcia de Resende. Neu herausgegeben von Dr. E. H. v. Kausler, k. wirtemb. Archivrath, Ritter des Ordens der wirtemb. kroneund des k. preuss. rothen Adler ordens III, classe, Mitglied der Gesellschaft für altere deutsche Geschichtskund u. s. w. Stuttgart, Gedruckt auf Kosten des literarischen Verens. 1846, etc.



ESTE CANCIONEIRO



ARRANCAR ao pó dos archivos e da letra apagada e quasi illegivel um Cancioneiro do seculo xvi, é contribuir com mais um documento artistico para a comprehensão da grande Epoca quinhentista, em que o genio portuguez se revelou na maxima intensidade das suas capacidades.

O seculo xvi é considerado na marcha da Civilisação europêa como o maior seculo da Historia ; pois é n'esse quadro assombroso que se destaca Portugal pela sua influencia activa, nas navegações, especulativa, no humanismo, e affectiva, na phase classica da sua litteratura. Todos os documentos d'esse seculo de quinhentos merecem o maior interesse. Quando o sempre estudioso Barata pensou na publicação d'este Cancioneiro, e luctava com a difficuldade material de o salvar pela imprensa, animando-o cá do meu can-

to contrahi a obrigação de pôr em evidencia a sua valia. Fui lendo as folhas á medida que sabiam do prélo, e de surpresa em surpresa achei-me na posse de um interessantissimo documento, que faltava á Historia da Litteratura portugueza.

Antes de apontar as peças que merecem uma attenção desvelada, caracterisaremos rapidamente o Cancioneiro: E' um producto de uma moda ou usança do seculo XVI, a que allude Jorge Ferreira de Vasconcellos, satirisando os *Cancioneiros de mão* e a sua ruim letra. Era um prurido, como os albuns na passada epoca do Romantismo; mas a ruim letra revela-nos que os compiladores não tinham gosto ou cultura litteraria, e colligiam a torto e a direito confundindo as trovas da medida velha, com os versos endecasyllabicos da Eschola italiana. Gil Vicente na sua farça de *Quem tem farellos* ridicularisa o personagem Ayres Rosado, folheando o seu Cancioneiro de mão antes de ir a um gargarejo debaixo da janella da sua namorada. Esse defeito frequente nas colleções da poesia do seculo XVI é o que hoje mais nos interessa, porque contém as variadas correntes do gosto, e por vezes trechos preciosos salvos por essa mesma circumstancia; assim apparecem colligidos *Motes velhos*, que prolongam o conhecimento dos Cancioneiros aristocraticos do seculo XV, e *Romances velhos* glosados nas Coplas lyricas, que mostram a resistencia contra os metros italianos e o gosto da Renascença. Tambem n'esses Cancioneiros geralmente amorosos, penetraram as Satiras da epoca a sucessos politicos, que se tornam de inapreciavel valor. As difficuldades que Barata encontrou na transcripção do presente Cancioneiro de ruim letra e deturpado texto, resultaram d'essa origem apodada por Jorge Ferreira. Deve, portanto, compensar-nos por excellentes achados. E não errámos na previsão.

Começa o Cancioneiro pelas *Trovas de Manoel Pereira d'Ocem, estando em Arzilla, a um seu amigo que estava em Portugal, em que lhe dá novas de si e da terra*. — Em 1863 publicou o Visconde de Juromenha na sua edição das Obras de Camões, (t. IV, pag. 454) esta peça com o titulo de *Carta escripta de Africa em resposta á de um amigo*. Atribuiu-a gratuitamente a Camões, pelas circumstancias de ser escripta de Africa e conter allusões vagas que se poderiam applicar á situação em que se viu Camões. Diante do presente Cancioneiro fica provado o character apocrypho da Carta publicada por Juromenha; e no mesmo genero publicou elle

uma outra peça com o título *Carta escripta d'Africa a um amigo*, (ib., p. 447) que é irrefragavelmente de Manuel Pereira d'Ocem, mas que escapou á curiosidade do colleccionador quinhentista. O apuramento do texto camoniano, lucidamente começado por D. Carolina Michaelis, lucra com esta contribuição, que nos traz mais um poeta á phalange gloriosa dos vates quinhentistas. Se o texto que serviu a Juromenha lhe trouxe a Carta que falta ao presente Cancioneiro, e começa : *Por usar costume antigo...*, em compensação é expedido em melhores variantes na assignada por Manuel Pereira d'Ocem. Faremos rapida comparação :

E julga o que cá sento
Do que lá sentiria
S'algu'hora ou algum dia
Tive este tal pensamento.

(Jur., IV, 454)

E julgue o que cá sento
e o que lá sentiria,
se algum'hora ou algum dia
tivestes tal pensamento.

(Barata, 1.)

Vou me traz esto em que ando
Quando a tormenta mais arde,
Suspirando a menudo,
Hablando de tarde em tarde.

(Jur., 455.)

Vou-me traz isto em que cuido,
Quando a tormenta mais arde,
Suspirando a meudo,
Trabalho de tarde em tarde.

(Bar., 2.)

S'alma, mais que a vida
Mais que a vida ha de durar
Maldita seas, ventura.

(Jur., 455.)

Se alma mais que a vida dura,
Mais que a vida hade durar ;
Maldita seas, ventura, etc.

(*Bar.*, 2.)

No texto de Juromenha ha leituras imperfeitas, ou incorrecções do texto originario, que se resituem pelo presente :

Suspirando cada hora,
Por el tu amor sen ti ora,
Passé yo la mar salada.

(*Jur.*, 457.)

Suspirando cada hora,
Por el vuestro amor, señora,
Passé yo la mar salada.

(*Bar.*, 3.)

Vinham de esporas douradas,
E vestidos de alegria,
Com adargas e braçadas

(*Jur.*, *ib.*)

Vinham de esporas douradas
E vestidos de alegria,
E adargas embraçadas...

(*Barat.*, 4.)

A recensão dos dois textos é vantajosa para a Carta de Manuel Pereira d'Ocem, que tem o valor litterario de nos reflectir a moda de terminar cada copla de redondilha com um conceito tomado como glosa dos *Romances velhos*, que no seu tempo eram os mais conhecidos.

A segunda peça do Cancioneiro tem a rubrica : *Trovas feitas a este Cantar velho* :

De pequena tomei amor
por que não no entendi;
agora que o conheci
mata-me seu desfavor.

(p. 6.)

Esta quadra tomada de um *Cantar velho*, tambem mereceu a sympathia de ser referida por Gil Vicente, que diz : *De pequena mataes, amor.*

Camões, (ed. Juromenha, IV, 61) tral-a com uma variante : «Mata-me *com* desfavor,» e bordou sobre ella quatro estrophes deliciosas. Pedro de Andrade Caminha, tratou-a tambem em duas outavas em redondilhas (ed. Priesbck, p. 298.)

As trovas do presente Cancioneiro (p. 6) nada ficam a dever ás dos grandes mestres coévos, e provam-nos a vitalidade d'esse vestigio das Canções palacianas, que se sustentavam entre os poetas por causa da musica, como se confirma pelo *Cancionero musical de los siglos XV y XVI* publicado por Barbieri.

Na epoca em que se elaborára este Cancioneiro era já corrente entre o vulgo a Ecloga de Bernardim Ribeiro : *Sylvestre e Amador*, publicada em folha volante; as *Trovas a esta cantiga* (p. 11), sem comtudo declarar qual, trazem incluída a estrophe de Bernardim Ribeiro :

As cousas que não tem cura,
Amador, não cures d'ellas;
E as que não tem ventura,
Não te aventuras por ellas,
Por que é mor desventura.
Deixar ir por onde vão,
Não vás onde te levarem;
Que se umas se acabarem
Outras se começarão.

Evidentemente esta estrophe foi tomada da folha volante de 1536, como se verifica pelas variantes no texto da edição da Evora de 1557 :

As cousas que não tem cura,
Amador, não cures d'ellas;
E as que não tem ventura
Não te aventuras por ellas,
Porque causam mór tristura,
Deixa as ir por onde vão,
Não vás onde te levarem,
Que se umas se acabarem
Outras se começarão
Para mais paixão te darem.

(Eclog. III.)

As duas restantes estrophes d'este Cancioneiro formam a Volta da primeira, que é a Glosa tomada de Bernardim Ribeiro.

Apparece tambem glosada por D. Simão da Silveira e por Jorge da Silva, a Cantiga :

Para que me dan tormento
aprovechando tan poco ?
perdido, mas no tan loco,
que descubra lo que siento.

(p. 24 e 26.)

Não admira, que sendo Camões amigo d'esses dois poetas da côrte, e seus confidentes de amor, glosasse tambem a mesma Cantiga em duas bellas estrophes em castelhano. (Ed. Jur., iv, p. 65.) Seria um reflexo das intrigas da côrte, quando Jorge da Silva soffria a paixão occulta pela Infanta D. Maria, e Camões ainda encobria qual das tres Catherinas de Athayde era a idealisada Nathercia ? Não admira, que encontrando-se n'este Cancioneiro, composições dos principaes amigos de Camões, se encontre esta singularissima referencia em dois tercetos de um Soneto: *De D. João de Almeida a Camões*, depois de 1572 :

Do illustre Gama os feitos celebrados
tanto de espanto tem por ti escritos,
quanto tem de terror por elle obrados !

Descobridores ambos inauditos,
elle, dos mares nunca navegados,
tu, de conceitos nunca d'outrem ditos.

(p. 158.)

E' uma revelação luminosa ! relaciona-se com a sympathia de Camões pelos Almeidas destemidos, *por quem o patrio Tejo chora*, e com esse appello da carta que escreveu pouco antes de morrer a D. Francisco de Almeida. Mas sem antecipar successos historicos importantes, a que alludem poesias do Cancioneiro, apresentemos ainda outros vestigios de Mo-

tes velhos; D. Manuel de Portugal, tem ahí duas voltas de Vilancente, nos versos :

Eu não levantei os olhos,
pois que nunca pude vêr
nem a sombra do prazer.

(pag. 63.)

Vamos encontrar o mesmo Mote (mais correcto) tratado pelo poeta Jorge Fernandes, o *Fradinho da Rainha* (Fr. Paulo da Cruz) da epoca em que se occupára no seculo das galanterias do amor:

Já os abri a deshora,
E lhes mostrei tal visão,
Que lhes disse o coração :
—Vereis o prazer agora.—
Mas, para elles melhor fôra
Em toda a vida não vêr,
Que buscar alli prazer.

Quantas vezes castigados
M'os deixou esta ousadia,
Por querer vêr alegria
Entre tão tristes cuidados.
Aporfiam magoados,
Que já tomariam vêr
Só as sombras do prazer.

(Ined. de Caminha, II, 194.)

Os *Motes velhos* eram tomados geralmente de Canções lyricas muito vulgarisadas ou pela belleza poetica ou pela graciosa melodia. Adiante, (p. 217) encontra-se o seguinte Mote, de que achámos a canção originaria d'onde saiu :

Se de vós já se me deu,
não se me dá nada agora;
sêde de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.

Foram desenvolvidos estes versos em oito quadras lindas ; merecem que archivemos aqui a Canção antiga, que publicámos em 1881 nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza* (p. 266).

Si de vós já se me deu,
nam se me dá nada agora;
sey d'outro muito embora,
que eu quero tambem ser meu.

Confesso, senhora minha,
que no tempo que vos vim,
andava fora de mim,
porque na alma vos tinha.
Mas agora, que sei eu
que estaes de minha alma fóra,
sey d'outro, muito embora.

No Cancioneiro castelhano em que a encontrámos tem o título de *Letrilha portugueza*; n'esse mesmo Cancioneiro manuscrito, in 8.º pequeno, em papel de linho, vem Satiras á perda da autonomia portugueza em 1580, que se relacionam com as Satiras aos Governadores de Portugal no tempo de Philippe II.

Quanto ao aspecto historico, o Cancioneiro conserva nos documentos litterarios de alto merecimento; destacamos a Elegia de Francisco de Sá de Menezes á morte do Principe que Deus tem. (p. 57.) Quem era o Principe ? Era o apaixonado filho e unico herdeiro de D. João III, o celebrado Principe D. João, falecido prematuramente em 1554. Era um exaltado apreciador da poesia portugueza, e para corresponder ao seu pedido é que Sá de Miranda por tres vezes lhe enviou os cadernos dos seus versos. (Vid. edição princeps por D. Carolina Michaelis.) Todos os poetas quinhentistas da nova Escola italiana celebraram esse falecimento, que feriu as letras portuguezas; os versos do seu camareiro D. Francisco de Sá de Menezes são um documento de adhesão á nova eschola implantada pelo seu parente Sá de Miranda.

O Soneto de Jorge Dias Cardoso *Ao Conde Almirante quando foi por Viso-Rei da India*, refere-se aos cem annos passados sobre o descobrimento realisado pelo seu antepassado. (1598.) Tambem o Soneto de Pero da Costa Peres-

trello, *Feito no tempo das alterações de D. Antonio, sendo ainda vivo el-rei D. Anrique* (p. 161), colloca o Cancioneiro n'essa epoca da terrivel transição para o jugo de Philippe II, quando em 1578 elle já comprava com cedulas as consciencias da fidalguia catholico-portugueza.

Elegia a El-Rey D. Sebastião (p. 183) é um magoado presentimento da sua proxima desgraça :

Taes promessas de ti os Céos nos deram
no teu tão milagroso nascimento,
que esp'rito igual a si em ti pozeram.

Enlevado de amor, de santo intento,
perante essa brandura temeraria,
deter-te com meu verso um pouco intento.

Quem poderia ter escripto estes deliciosos tercetos ? Bernardes não, porque acompanhou a temeraria expedição como cantor das futuras victorias. E porque não attribuil-os a Camões, por isso mesmo que não foi o poeta escolhido para glorificar a empreza de Africa ?

Aquella linguagem mascula, sentenciosa e poeticamente vibrante, só Camões a possuia n'essa epoca de decomposição moral. O Cancioneiro que contém um Soneto datado de 1606 (p. 223) foi organizado no periodo em que ainda se podem n'elle colligir os eccos dolorosos da perda da autonomia da Nacionalidade portugueza. Aí se acham colligidas Sattiras contra os Governadores de Portugal, que nos dão a alma da historia, mais palpitante que nos apagados documentos officiaes.

São bem significativas essas quadras referindo a physionomia moral dos Governadores do Reino :

Um, sombrio e resolutu,
Outro, nunca experimentado,
Outro, que só tem cuidado
De adquirir, e é astuto.

Todos tres de mão commum
darão contigo através,
se dois e um fazem tres,
estes tres não fazem um.

Um nos conselhos moderno,
outro altivo e temeroso,
outro, astuto e cubiçoso,
como farão bom governo ?

(p. 228.)

Ao governo do Archiduque Alberto, substituiu Philippe II um Conselho, em que entrava o Arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, D. João da Silva, conde de Portalegre, D. Francisco de Mascarenhas, conde de Santa Cruz, conde de Sabugal, tendo por escrivão da puridade Miguel de Moura. As Satiras choveram sobre esses delegados do poder estrangeiro ; uma d'ellas é a glosa ao Mote : «Fugir, que quer o céo cahir» (p. 229.)

Todas estas peças historicas são de alto interesse, e apenas uma pequena parte dos protestos, que se divulgaram. Do Cancioneiro castelhano que possuímos já publicámos nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza* a Satira á perda da Nacionalidade, que tambem foi encontrada por Camillo Castello Branco nos manuscriptos de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, e a publicou nas suas obras.

Na *Musa das Revoluções* incluiu Alberto Pimentel cinco Satiras em verso de redondilha menor ao Arcebispo D. Miguel de Castro, ao conde de Portalegre, ao conde de Santa Cruz, ao conde do Sabugal e a Miguel de Moura. (Op cit., p. 73 a 78.) Bem merecem essas trovas serem incorporadas em um Cancioneiro formado das numerosas peças quinhentistas que andam dispersas. Transcreverei algumas quadras feitas contra Miguel de Moura :

Quem mais de si cuida

Tem menos rasão,

Fortuna não muda

A má geração.

.....

Contra natureza

Sobe o que é pezado,

Não diz bem alteza

Com villão chumbado.

.....

Grandes monstros vimos

N'esta nossa idade ;
 Mas tudo deixemos
 Para a *puridade*.

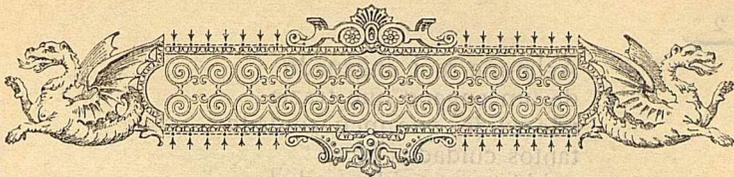
Ha epochas em que a depressão dos caracteres é geral, como uma crise humana; Portugal soffreu essa doença no ultimo quartel do seculo XVI, como se expressa no Soneto *Ao tempo presente*. (p. 10.)

N'este valioso codice da Bibliotheca de Evora salvo pela imprensa, predominam os documentos poeticos da gloriosa idade quinientista; ainda se encontram eccos dos serões palacianos, taes como as Trovas de D. João Manuel (p. 205) e outras feitas no tempo de El-Rey D. Fernando de Castella, (p. 209.) e ainda composições do Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal e de D. Luiz da Silveira.

Parece-nos encontrar na Ecloga *Minicio e Simabeu* (p. 87) uma composição de Diogo Bernardes, o cantor do Lima; a sua pleiada está representada no Cancioneiro, como se vê pelas numerosas trovas de D. Manuel de Portugal, que dedica uma das suas poesias a Jeronymo Côrte Real.

As poesias lyricas de Gabriel Pereira de Castro acham se hoje perdidas, mas para consolação temos aqui uma, o Soneto á sepultura do arcebispo D. Aleixo de Menezes, presidente do Conselho em Madrid. (p. 148.) O Cancioneiro fecha com a curiosissima peça de Simão Fernandes de Tavira, intitulada *Arte nova de Algarismo*, em 94 estrophes, e que no codice eborense foi transcripta com a data de 1531. Barata, que fez uma edição especial d'esta Arithmetica, no seu prologo diz-nos que Gil Vicente se referira encomiasticamente a Simão Fernandes de Tavira, segundo o informára o Dr. Sousa Viterbo, que sobre este auctor traz documentos nos seus livros *Trabalhos nauticos e Inventores portuguezes*.

O que ahi fica apontado basta para reconhecer o vasto campo de estudo a que se presta este documento litterario salvo agora pela imprensa. Todos os que amam a nossa Litteratura hão de sentir-se reconhecidos pelo commovente interesse com que Antonio Francisco Barata excavou mais esta joia da grande epocha quinientista; seja esse reconhecimento a insignia que enaltecerá o seu nome modesto e a sua intenção sincera.



*Trovas de Manoel Pereira do Sem,
estando em Arzilla, a um seu amigo que estava
em Portugal, em que lhe dá novas de si
e da terra*

M n'lastes-me pedir novas
e pois hei de obedecer,
quero que sejam em trovas
por vos dar em que entender:
em que esta arte de trovar
se vá desacostumando,
a quem anda como eu ando
tudo se ha de perdoar.

Deixando todo o embaraço,
desde o dia que cá vim,
vos darei conta de mim
e da vida que cá passo,
e julgae o que cá sento
e o que lá sentiria,
se algum' hora ou algum dia
tivestes tal pensamento.

Acho-me mui enganado
de um engano que trazia ;
não cuidei que meu cuidado
tantos cuidados havia :
cuidei que a vida mudada
mudasse tambem ventura ;
mas da má sempre é figura,
que da boa não sei nada.

E pois me já obriguei,
dar-vos-hei conta comprida,
de como passo a vida
'nesta vida que tomei :
Vou-me ao longo da praia
sem outros ricos petrechos,
uma adarga ante pechos
y en la mano una azagaia.

Faço no meu pensamento
mais torres que as de Almeirim ;
mas emfim, leva-as o vento ;
porque são vento, emfim :
vou-me trás isto em que cuido
quando a tormenta mais arde,
suspirando a miudo
trabalho de tarde em tarde.

Fujo da conversação,
anoja-me a companhia,
e trago os olhos no chão
e mui alta a fantasia :
como me vou alongando,
que me não podem ouvir,
las vozes que iba dando
al cielo quieren subir.

Vejo desfeitos em vão
todos meus vãos fundamentos ;
porém, os meus pensamentos
não cansam nem cansarão :
se alma mais que a vida dura
mais que a vida ha de durar :
maldita seas ventura
que asi me hazes andar.

Cuido no que é já passado
 e no que está por passar ;
 porém, nunca o meu cuidado
 se muda de um só logar :
 quando em mim torno cuidando,
 que de mim mesmo me velo,
 los ojos puestos en el cielo
 juramentos iba echando.

Vejo o mar embravecer,
 vejo que depois melhora ;
 mil cousas vejo cada hora,
 uma só não posso ver :
 assim vou passando a vida
 'nesta saudade tamanha,
 mirando la mar de España
 como mengua y crecia.

Quem disser que a saudade
 é vida pera gabar,
 se o disser de verdade
 dil-o-ha por me anojár :
 vida que alma entristece,
 em que toda dor consiste,
 el dia que ha de ser triste
 para mi solo amanece.

Crede-me quanto vos fallo,
 pois vos fallo como amigo ;
 e crede que o que calo
 é muito mais do que digo :
 ando com a alma cansada,
 suspirando cada hora
 por el vuestro amor, señora,
 passé yo la mar salada.

Andando só, como digo,
 apartado da manada,
 fazendo contas comigo,
 que emfim não fundem nada ;
 querendo buscar o atalho,
 pera ver o que desejo,
 vi venir pendon bervejo
 con trecientos de cavallo.

Vinham de esporas douradas,
 e vestidos de alegria,
 e adargas embraçadas
 a flôr de la berberia :
 com gritos e altas vozes
 vinham a redeas tendidas,
 ricas aljubas vestidas
 y en cima sus albornozes.

Gentes de muitas maneiras
 e de diversas feições,
 corriam a estas tranqueiras
 como a ganhar perdões ;
 mas, por que vos não enganem,
 cousas que outros vos escrevam,
 los bordones que ellos llevan
 lanças vos pareceran.

Tudo andava de alevanto,
 era o campo todo cheio,
 em tudo punham espanto,
 de nada tinham receio :
 com vozes grandes e festa,
 vinham bradando de lá
 cavalleros de Alcalá,
 no os alabarei de aquesta.

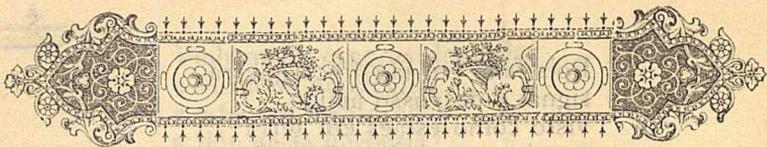
Comigo mesmo fallando,
 como se a outrem fallasse,
 dizia a quem me lembrasse
 do em que andava cuidando ;
 e pois que tamanho dote
 não se alcança por cuidar,
 a las armas moriscote
 si en ellas quereis entrar.

Contar feitos esquecidos
 é muito contra minh'arte :
 houve mortos e feridos,
 houve mal de parte a parte,
 e houve homem que dizia
 na força do mor receio :
 donde estás que no te veo,
 que es de ti, esperanza mia ?

Pois fallo em tão fraca guerra
 signal é de vosso amigo,
 visto como estaes em terra
 que ha outras de mor perigo ;
 e pois muito mais fizera
 quem faz isto que aqui vedes,
 y que nuevas me traedes
 do meo amor que lá era ?

Quizera dizer-vos mais ;
 mas pois vos não digo tudo,
 fazei conta que sou mudo,
 entendei-me por signaes ;
 que se fosse tão ousado
 que inda d'isto mais dissesse,
 a que muerte condenado
 puede ser que grave fuese.





Provas feitas a este cantar velho



Pequena tomei amor
porque não no entendi,
agora que o conheci
mata-me seu desfavor.

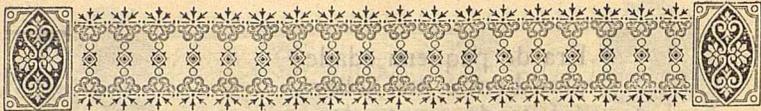
Trata-me como inimiga
sem o nunca merecer,
antes por ella perder
o do amigo e amiga :
elle, era enganador,
eu, muito desenganada,
a elle não lembra nada,
a mi o seu desfavor.

Enganei-me com cuidar
que o levaria por bem ;
mas quem virtude não tem
não sabe galardoar :
elle era ingrato, amor,
que eu então não conheci,
agora que o entendi
mata-me seu desfavor.

Era de pequena edade
pera bem e mal saber ;
á falta de o entender
tratei-lhe sempre verdade ;
agora que sou maior,
do que fiz me arrependi ;
foi tarde, pois que já vi
matar-me seu desfavor.

A principio me enganou
com cousas que lhe ouvi,
e depois que o entendi
logo me desenganou :
tratou-me como senhor
que dos seus se não doía,
e a quem o não conhecia
mata-o com seu desfavor.



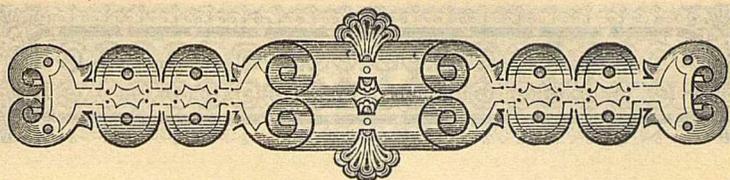


De Henrique d' Almeida



Des que una vez miré
señora, vuestra beldad,
yamas por mi voluntad
los ojos de vos mudé ;
pues sin vos plazer no siente
mi vida, ni la desea :
si no quereis que os vea
que veré que me contente ?





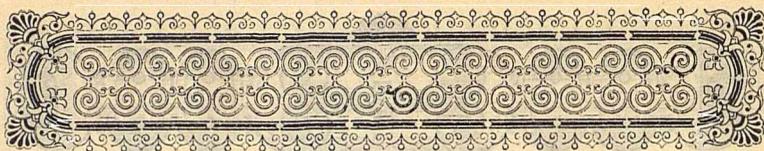
Trovas a esta cantira

As cousas que não tem cura
amador, não cures d'ellas,
e as que não tem ventura
não te deixes commo ellas,
porque a amor de ventura
deixar se per onde vão.

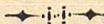
El conde D. Francisco de Portugal

—•••••—
A ver en tanta hermosura
envuelta tal condicion,
de los ojos fué ventura;
mas del alma perdicion.
Señora, no quiera Dios
que seais vos homicida,
en ser el alma perdida
del que se perdió por vos.





Ao tempo presente



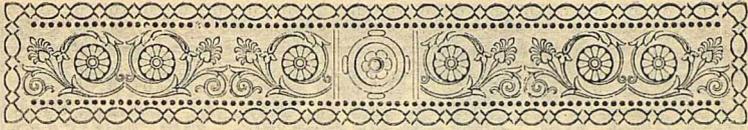
Nenhum effeito torpe da cubiça
deixa em Portugal de ser tentado;
vergonha não impede o começado,
razão o não defende, nem justiça.

Mostra-se a virtude na cortiça;
dentro, jaz o vicio afistulado;
vê-se o navio ir indo alagado
ninguém acode ao leme nem á driça.

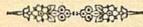
Cresce, e não tem váo a iniquidade,
está a caridade toda fria,
medo de mais forças ou valia,

tolhe fazer mal, que não bondade :
ande quem quizer per está via :
tudo se paga, a todos vem seu dia.





Provas a esta cantiga

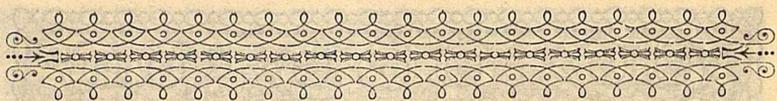


As cousas que não tem cura,
amador, não cures d'ellas,
e as que não tem ventura
não te adventures por ellas ;
porque é mor desventura
deixar ir per onde vão :
não vás onde te levarem ;
que se umas se acabarem
outras se começarão.

São males que dá o tempo
a quem tem pouca ventura ;
trabalhos que não tem cura
cural-os é mor tormento,
deixar ir per onde vão,
acheguem aonde chegarem ;
que quando não se acabarem
ao menos te acabarão.

Quieta teu pensamento
com discripção madura,
e não te dêem sentimento
as cousas que faz o tempo ;
que o tempo mesmo as cura :
nada faças com paixão,
pois és dos que muito sabem
que antes que se acabem
ellas te acabarão.





Trovas a— Isto não é vida

Com ver-vos passava,
senhora, meu mal,
só 'nisso cuidava
sem cuidar em al ;
se me isto não val
não posso viver,
isto não é vida
e vae de perder.

De vos ter, senhora,
na minha alma escripto,
se mantem o sprito
sem vos ver agora ;
mas se não melhora
haver-vos de ver,
isto não é vida
hei me de perder.





SONETO

De D. Fernando da Cunha



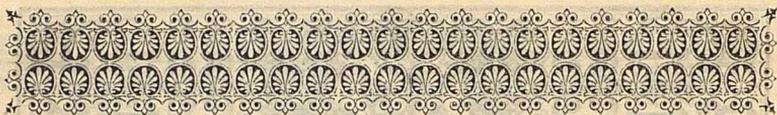
En que podré esperar contentamiento
pues tras todo mi mal, señora mia,
consiente fortuna que á porfia
me venga ahora dañar cada elemento.

Mis esperanzas se las lleva el viento ;
el fuego crece donde arder solia ;
lleva-me el agua cuanto bien tenia
y la tierra hará el apartamiento.

Vos juntareis com esto el olvidar-me ;
porque no merezco quedar asegurado
de todo, del temor de vuestro olvido.

Yo no me quejaré por no aliviar me ;
que no és justo que quede en buen estado
el que vivo quedó y os ha perdido.





D. Henrique de Portugal
a D. Christovam de Moura, estando em Madrid,
onde havia um anno o detinha com palavras

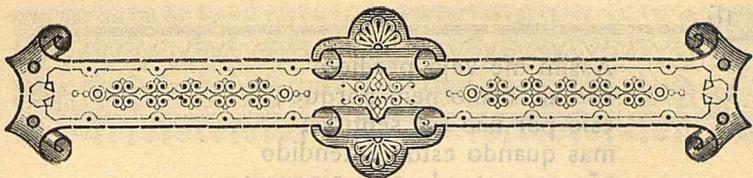


El luego se hizo semana,
y creció ella despues
tanto, que se hizo mes.

Y hará muy presto un año
que, no me valiendo el ruego,
me voy tras aqueste luego
viviendo ya de mi daño
por huir a un desengaño,
que para luego ó despues
seria mal entremes.

Su Magestad está saño,
y vos, señor, a su lado,
y yo tal que cierto es pecado
no se me dar ya la mano :
con rei tan blando y humano
en hazer bien, para que és
dejarlo para despues ?





Note alheio

Tenho um bem que mal me trata,
não me entendo com ninguém,
fujo de quem me quer bem,
quero bem a quem me mata.

Quanto mais morro mais vivo,
desespero do que espero,
aborreço quanto quero,
busco a meu mal esquivo,
de meu bem só desespero.

Assi não acho ninguém
mais que quem me desbarata,
foge de mim todo o bem,
e quando tenho alguém
tenho um bem que mal me trata.

De queixar-me, a liberdade
não na tenho, e é de modo
que, pera a formar verdade,
basta pedir-m'a a vontade
pera me faltar de todo.

Assim me vejo perdido
não sei como nem porque ;
calo por não ser sentido ;
mas quando estou entendido
não me entendo com ninguém.

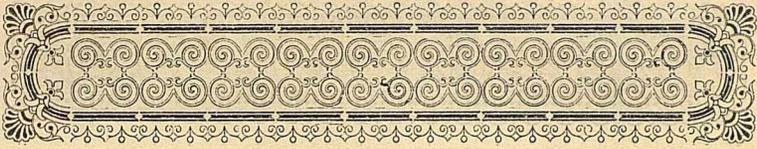
Vede em que estado me vejo
tão fôra de natural ;
por rezão já me não reajo
e a quem me quer mal desejo
que me queira maior mal.

Não pode extremo mor ser
que este em que todos me vêm,
nem no pode mor haver,
que busque quem me não quer,
fuja de quem me quer bem.

Tanto me aborrece a vida
que o mesmo fôra perdel-a,
se fôra della homicida,
se quem a quer ver perdida
não se perdera com ella.

Perca-me eu e não me veja
quem deste modo me trata,
a vida em mim não esteja,
mal quero a quem m'a deseja
quero bem a quem me mata.





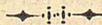
Provas d'um autor incerto



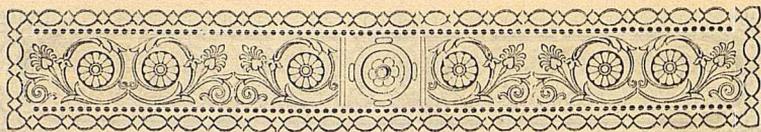
Los servicios recibidos,
aun que no estén olvidados,
tanto son agradecidos
cuanto pueden ser pagados ;
mas se exceden el poder,
muda-se la voluntad,
y quien ha de agradecer
dá por paga enemistad.



Pasquim de D. Luiz Lobo da Silveira



Vou mordendo e arranhando
sem ser gato de proveito ;
porque mor algalia deito.



A' morte do Conde da Feira



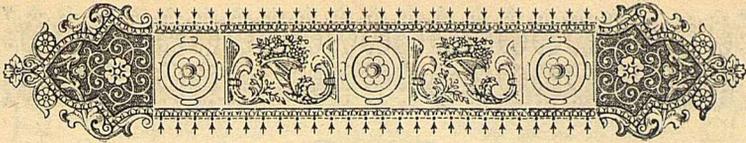
As maritimas nymphas do oceano
tristes soltando a roxa cabelleira,
'num crystalino tumulo um Pereira
depositam, de engenho soberano.

Ali Neptuno vem tremulo e cano :
com lento passo a funebre bandeira
arrasta, do illustrissimo da Feira,
segundo Numa em paz, recto Trajano.

Apollo, de pesar, a luz encobre,
a madeixa molhando no occidente,
attonito de ver tão triste historia ;

mas logo mais formoso se descobre,
vendo reinar o viso-rei do oriente
por infinitos seculos na gloria.



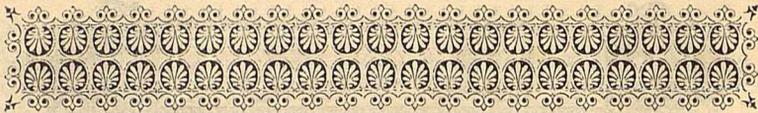


Provas de autor incerto



Tenho um amo singular ;
mas quem o serviu e teve
diz, que quanto mais nos deve
menos nos pode pagar :
justiça distributiva
não a pode haver equal,
onde a palavra é tal
que andam buscando a quem sirva
e a quem serviu querem mal.





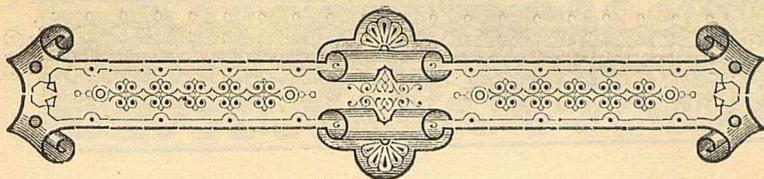
Estanças ao mundo



Ai! misero, sujeito á natureza
mortal, caduca, fraca, esvaecida!
Ai! vãos contentamentos, que tristeza
nos daes, e lagrimas na despedida!
Ai! fantasticas honras, que em pobreza
todas vos reduzis no fim da vida!
Como estragaes o entendimento
d'aquelle que de vós faz fundamento?

Uma mortalha triste, um dó choroso
o acompanha á funebre sepultura:
ali pára o sublime estado honroso
e do mundo a perversa e boa ventura:
o alto, o baixo, o fraco, o poderoso
ali mostram disforme e vil figura,
e todos, em geral, no passo forte,
uns mesmos accidentes têm de morte.





MOTE

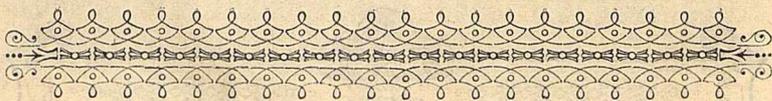
Já não quero de meu mal
outro bem,
que saber que nenhum tem.

GLOSA

Mal que espera melhoria
não o ter eu por meu mal!
porque fica o risco igual
com o bem que pretendia;
nenhum remedio queria
a meu mal, nem outro bem
que saber que nenhum tem.

Que o mal sem esperança
a quem padece, desculpa;
porque o bem de sua culpa
faz da tormenta bonança:
já vejo que faz mudança
o meu mal pera mor bem,
pois nenhum remedio tem.





*Provas a um homem que se embarcava
para Coima*



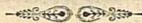
Quem não parte na maré
ou se embarca na romagem,
coisa mui sabida é
que ha de dormir na estalagem ;
por isso cumpre apressar,
que onde as agoas são quebradas
tarda muito o repontar.

E em tal navegação
ha um perigo mui grande,
que quem erra a conjunção
não lhe nada o caravelão,
por mais agoa que demande,
polo que vos quiz lembrar
que deve ter de querela
quem ficar no areal,
vendo os outros ir á vela.



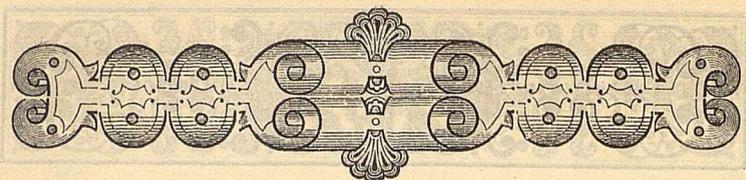


*Prova de um autor incerto a certo
homem conhecido*



Que coberta de cubiça
é fingir necessidade!
Que capa de iniquidade
é rigorosa justiça!
Que rebuço de preguiça
é diligencia baldia!
Que couto de covardia
é santidade fingida!





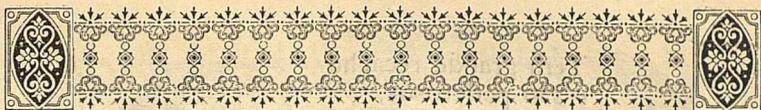
D. Simão da Silveira a esta cantiga



Para que me dán tormento
aprovechando tan poco?
perdido, mas no tan loco
que descubra lo que siento.

Por mas que sea cruel
mi grande mal de sufrir,
bien me puede el descubrir ;
mas yo no lo haré a el :
bien puede mi pensamiento
apregonar-me por loco ;
mas yo no siento tan poco
que descubra lo que siento.





Provas feitas a um certo proposito

... ❧ ...

Christãos e mouros
guardae-vos mui bem,
guardae-vos de touros
que taes cornos tem.

Nasceram-lhe cedo,
mas não são agudos,
e não hajais medo
que não são pontudos :
são muito cornudos,
e sabeis que tem...
são mansos, sisudos,
nãõ matam ninguem.

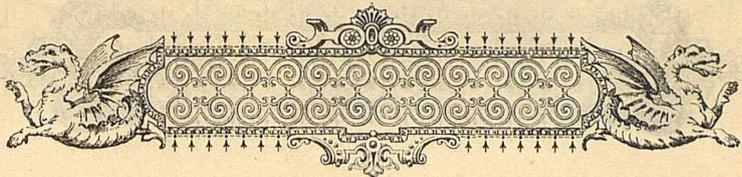
E são alguns delles
já touros capados,
e estão todos elles
mui mal inclinados ;
são mui atufados
e sabeis que tem...
serão decepados
sem matar ninguem.

Tem grande recacho
e são poderosos,
mas não tem despacho
nem são temerosos :
são mui proveitosos
e sabeis que tem...
nem são furiosos
nem matam ninguém.

São velhos e gordos,
vermelhos e brancos ;
saltaram já todos
mui grandes barrancos ;
são mui tençoeiros
e sabeis que tem...
são pouco guerreiros,
não matam ninguém.

Não soffrem garrocha ;
mas tomam a capa,
ninguem lhes escapa
sem haver escorcha ;
fugir-lhes não val,
e sabeis que tem...
são mansos per mal
e bravos per bem.





De Jorge da Silva, ao mundo



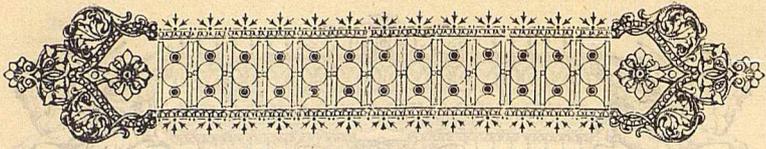
Todas as cousas tem seu proprio tempo,
seu principio, seu fim e seu logar ;
tempo ha de rir, tempo de folgar,
tempo de descanso, outro de tormento.

Abaste quanto me levou o vento ;
baste saber que o porvir ha de passar
como o presente, nem me ha de ficar
do prazer mais que o arrendimento.

Leve-me o mundo o que me tem levado ;
já agora não quero nem bem nem mal,
nem desejo mais que ver-me desatado.

O misero, o em que cousa mortal
põe sua esperanza, quam enganado,
quam perdido se ha de ver este tal !





Pasquim de D. Jeronymo Coutinho



Aqui jaz um tão honrado,
que ninguem pode ser mais,
se houvera dois destes taes
fôra este reino abrasado.



Pasquim do Conde da Vidigueira



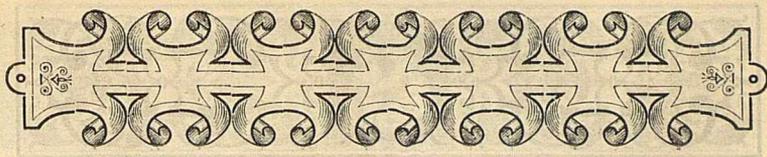
O mal de ser eu gottoso
me fez ser gran mentiroso.



Pasquim do Conde da Castanheira



Só vás no mal albardado!
Albardão é meu morgado.



De Jorge da Silva

...—•••—...
Para que me d n tormento
aprovechando tan poco ?
perdido, mas no tan loco
que descubra lo que siento.

Para que me d n fatiga,
que es trabajo vano, en fin ;
mal quo no fio de mim,
como quereis que lo diga ?
Por mas que sea el tormento
aprovechar  mui poco ;
soy perdido y mais soy loco,
mas no dirá lo que siento.





Provas satyricas

Todo lo puede

Pode dar, pode tirar,
já tirou, deu um condado;
não pode fazer calar
o que quizera calado.

Todo lo pide

O velho será sisudo,
será bom corte de espada;
mas quem toma a todos tudo
para que é pedir-lhe nada?

Todo lo supe

Sabe muito bem servir,
se servir não é saber;
quem não sabe proceder
mal saberá prosequir.

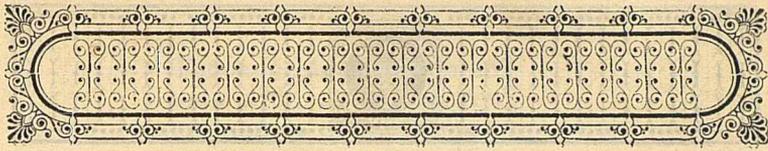
Todo lo calla

Calar por muito mandar
é feito de esforçado;
calar sendo injuriado
é mais medo que calar.

No puede, ni sufre, ni calla, ni habla

Para mal só tem poder,
pode tudo, nada lhe dão;
sofre mandal-o um villão
cala o que se ha de dizer.





De um autor incerto



Quem diz temor, diz *morte*, assim se escreve,
inimigos cruéis de meu amigo,
que tanto sem temor levou consigo
a morte, a que temor grande se deve.

Em breve tempo mata, e em tão breve
que com mais pressa o faz do que o digo,
contra mim se atreveu, mas não comigo,
que em quanto me não mata não se atreve.

Tanto alongou um bem que por meu tinha,
que só fiquei com o mal que me sustem,
não sendo culpa, mas desgraça minha.

Tão só me vejo, enfim, que os que me vêm
entendem morrerrei, e tão asinha
que pera tanto mal não ha mor bem.





Provas á sentença dada contra um fidalgo

A sentença já é dada ;
pero foi mal requerida :
toda pessoa culpada
deve estar arrependida
por como será julgada
quem a bem solicitou ;
sua pena lhe darão ;
que povo não perdoou
desde o rei té ao peão.

E pois se punha em direito
esta tal condemnação,
houveram de ter respeito ;
que ainda que era feio o feito
era fermosa a rezão,
e devera de lembrar
ao senhor e aos doutores
que os erros por amores
erros são de perdoar.

Todos 'neste caso erraram,
todo o mundo 'nelle errou ;
erraram os que julgaram
muito mais o que o julgou,
só dom Fuão acertou ;
e posto que não responde,
nem o querem escutar,
mais queria ser o conde
que el-rei, que o manda matar.

Eu não sei bem as desculpas
que pode ter dom Fuão ;
mas parece de rezão
que não deve de ter culpas,
porque perca o ser barão ;
mas foi de maneira urdido
este negocio, e tramado,
que eu julgo por bem perdido
a quem foi melhor livrado.

Honrados e deshonrados
accusaram o senhor,
devendo de ser lembrados
que Deos ao bom amador
nunca demandou peccados ;
mas quem tem má condição
'nella faz seu fundamento,
e pode mais a tenção
do que pode o entendimento.

Em gente tão entendida
todo erro cae em deshonra :
foi a cousa assim urdida,
que onde uns perdem a vida
os outros perdem a honra :
todos veem poucos prazeres
de negocio tão ruim ;
porque feitos de mulheres
sempre vêm ter este fim.

Todos 'nisto são culpados,
assi os reus como autores ;
mas nos casos tão travados
nunca erram os creados

sem gran culpa dos senhores :
e que tenha má desculpa
quem taes cousas foi fazer,
os que têm maior poder
esses têm maior a culpa.

Tudo ali se soube errar,
tudo ali foi ordenado ;
que se pode mal julgar
quem haverá de ficar
mais perdido ou mais culpado :
e segundo a cousa dura,
eu tenho por assentado
que assás tem de má ventura
o melhor aventurado.

De quem taes trabalhos tem
a longe vão seus agouros ;
mas 'neste caso, porém,
hei só dó de Jerusalem,
que está em poder de mouros,
que a têm fortalecida,
muito soldado, e velada,
de seu senhor mui guardada ;
porém mal abastecida.

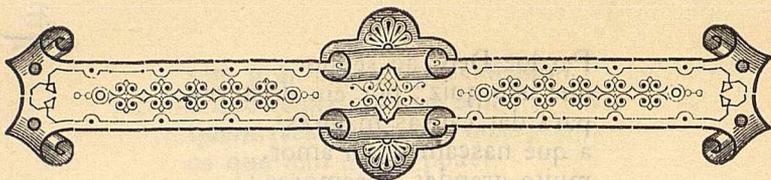
Muitas cousas se atalharam
se houvera atalhadores,
ou se os aconselhadores
'nestes feitos se lembraram
da honra de seus senhores ;
mas, respeito, que cegou,
fez tudo assi ordenado,
que errou quem aconselhou
e quem foi aconselhado.

Uns erraram per rudeza
outros por muito subtis,
alguns delles por baixeza,
outros por muita villeza
que os faz ser muito vis :
por malícia que eu sabia
errariam outros muitos ;
e porém quem mais podia
errou mais que todos juntos.

Perdoe Deos ao senhor
 que isto quiz ; pôr em doutores
 para dar causas maiores
 a que nasçam d'um amor,
 muito grandes desamores ;
 porém isto haverá cabo,
 e tudo virá a paz,
 em que pês a um diabo
 que taes obras sempre faz. (1)



(1) Allude ao conhecido escandalo palaciano havido nos Paços de Santarem em 1546, quando um filho do Conde Barão de Alvito, diz-se que penetrára de noite nos aposentos de D. Juliana, filha do Marquez de Villa Real, que depois foi esposa do Duque de Aveiro.



MOTE

O mor trabalho de todos
é esperar algum tempo.

GLOSA

Trabalho é desejar
sem pôr no desejo atalho,
trabalho, sem premio amar,
trabalho, desesperar,
esperar, tambem trabalho.

Traz amor 'nalma encoberto
trabalho por varios modos ;
eu tenho, porém, por certo
que é servir por preço incerto
o mor trabalho de todos.

A pena de amor forçosa
com a esperança serena
um amante, que se ordena,
que esperança tão penosa
seja o remedio da pena.

Tendo por só passatempo
o tormento da esperança,
que nunca deu fructo a tempo,
se alguma cousa o descansa
é esperar algum tempo,



Note furtado



Meus males tudo procuram,
só o não me acabar pretendem;
o porquê, é porque entendem
que se não duro, não duram.

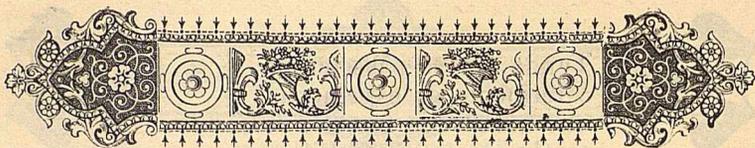


Do conde Luiz da Silveira



Voy como loco sin tiento
con los ojos a buscaros
y despues de no hallaros
sabe Dios lo que yo siento!
los veo en el pensamiento
y en el alma, en el deseo,
con los ojos no los veo.





MOTE

Tudo que vejo tem fim ;
só eu no mal que padeço
não acho senão comêço!

GLOSA

Os Sertorios cannibae,
de que o mundo se espantou,
por triumpharem dos mortaes,
devendo ser immortaes
a morte delles triumphou.

Assi esta desventura,
que me atormenta a mim,
não pode ter muita dura ;
porque, emfim, na morte escura
tudo o que vejo tem fim.

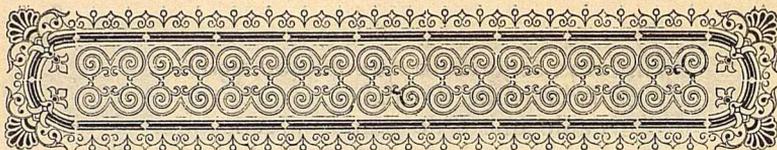
A vida passo com pranto,
males sem conto sustenho,
e pasmo de durar tanto
sendo taes, que o meu espanto
pasma dos males que eu tenho ;

Mas segundo o que eu conheço
da calidade do mal,
cuido que é de grande preço,
vendo que sou immortal
só eu, no mal que padeço ;

Porém, não sinto clemencia
no fado, pois me não mata,
vendo que a violencia
deste mal, me desbarata
minha constante paciencia ;

Mas já que a amor me entreguei
todos os males mereço,
pois por vontade os tomei,
e depois que os comecei
não acho senão comêço !





Por ver se tanto mal se acabaria

GLOSA

Cheguei a termos taes co'o mal que passo
que em trespasso me vi de dar á morte,
não dando á minha vida mor espaço
que o que teve um fraco aos pés de um forte :
o peito não armei de ferro ou de aço,
mas de minha desgraça, triste sorte !
tudo a fim de mudar, e mais faria
por ver se tanto mal se acabaria.

Não quiz minha desgraça que acabasse
por não querer meu mal ver-se desfeito ;
mas antes me ordenou que o sustentasse ;
porque cessando a causa cessa o effeito :
busquei então meu bem que me matasse
vendo-me 'neste passo tão estreito,
nem bem nem mal achei como eu queria,
por ver se tanto mal se acabaria.

Mil graças descobriu minha desgraça
emquanto pretendi perder a vida ;
ora me afogava, ora outra traça
de morte imaginada e nunca ouvida :
determinei-me a não morrer de graça,
antes pedir a paga ao homicida,
buscando os termos todos que podia
por ver se tanto mal se acabaria.

Emfim, não teve fim o mal que tenho,
 nem deixo de ter mal, só vida triste :
 com males e sem bens só me sustenho,
 por me acabar meu mal que tanto insiste :
 desta maneira o levo e o entretenho,
 que de outra, cresce mais e mais resiste ;
 assim faço e desfaço, e mais faria
 por ver se tanto mal se acabaria.

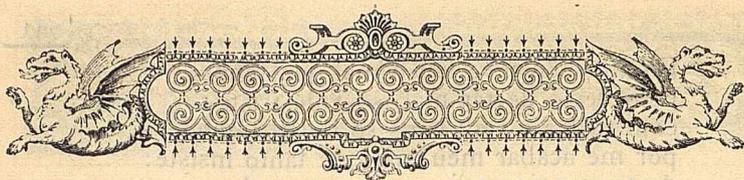


Prova de um homem que queria deixar o mundo



Mundo quien te conociera
 cierto soy que no te alabe,
 quien te quiere no te sabe,
 quien te sabe no te quiere :
 yo me despido de ti
 por quedar alegre y ledó,
 y tornar como naci,
 para que alcance sin ti
 lo que contigo no puedo.





Que me dá que se me dê?

Minha alma em seu mal esquivo
por seu mal seu gosto mede ;
que sendo este excessivo,
delle me sustenho e vivo,
pelo bem de quem procede.

Em paga do que mereço,
e em paga de minha fé,
me dão mal, mas se mal é
o que só desejo e peço,
que me dá que se me dê ?

Não ha dôr que igual me seja
como sentir um tormento,
sem nenhum merecimento :
razão contra mi peleja
mas quel-o meu soffrimento.

Assim me queixo de quem
tão mal paga a minha fé ;
mas se sua vontade é
querer-me dar mal por bem,
que me dá que se me dê ?





*De D. Manoel de Portugal
a uns amigos seus que se iam cedo do
Perreiro do Paço*



Dois dias não dão signaes,
dal-os-á quem tem ventura :
busco-vos na noite escura,
mas nas sombras não estaes.

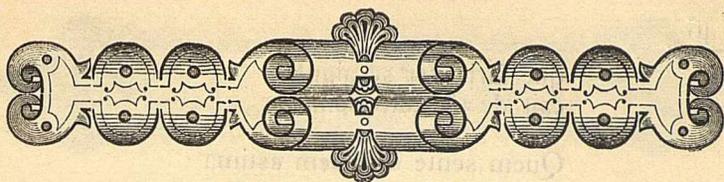
Tenho-vos tanta amisade,
que, em extremo sentiria
se per nenhuma alegria
deixasseis a saudade :
deixaes-me na noite escura,
á tristeza me deixaes,
e que não m'a accrescentaes
viverá em mim segura.

Por estas sombras passeio,
que da luz ando assombrado,

e a alma pelo cuidado
 se me vae donde elle veio:
 alma, quando me deixaes?
 que mourô se me afigura;
 mas se em mim de lá tornaes
 é mor dor e mais sem cura.

Por aquella claridade
 em que novos mundos vejo,
 levou-me uma tempestade
 onde nunca foi desejo:
 no alto da fermosura,
 sem ver terra, vi que estaes,
 senhora, em tanta altura
 que vós só ali chegaes.





CANTIGA

De D. Manoel de Portugal



Se tendes por grande culpa
querer-vos, senhora, bem,
ninguem mor que eu vol-o tem.

Do mal podera esperar
remedio, mas do bem, não;
que uma tamanha affeição
como a haveis de perdoar?
quem vos dá tanto pesar,
que vos quer tamanho bem,
nenhuma desculpa tem.

Levou-me tão alto amor
donde a vista já desmaia:
se de ali quereis que caia
vede o espanto e rigor!
se imaginar muda a cõr

que faria ver se alguém
cair de tão alto bem ?

Quem sente de quem estima
pequenas cousas magoam ;
tal estou que me affeioam
despresos e desestima ;
que não pôde haver acima
de um tão estranho bem
cousa que lhe estorvo dêem .

Dizem que extremos faço
por esses olhos divinos ;
mas a mim só desatinos
me parecem os que faço :
perdoae tão grave culpa ;
que não merece ninguém
querer-vos tamanho bem .



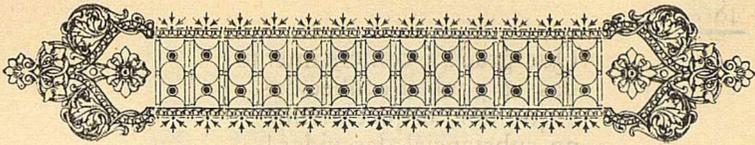
ESPARSA

*De D. Alvaro de Abranches sobre os versos
de Virgilio, que começam*

Tempus inane peto

Um tempo sem mal nem bem,
que a alguns descanso seria,
a quem espaço não tem
isto só te pediria
se o merecesse alguém ;
per que 'nelle me ensinasse
a fortuna a me doer
da vida, se me ficasse,
quando de ti me apartasse,
pera nunca te mais ver.





*Provas que seguem o intento e estylo
das do conde do Vimioso*



Malicias mal entendidas
quantas honras tem roubadas?
e as virtudes fingidas
por nescios são mal julgadas;
não pode ter bom saber
quem em tudo é contrafeito;
porque cega o entender
trazer tudo a seu respeito.

Gran baixesa é dos senhores
contentar-se de viver;
os que põem tudo em comer
não farão grandes primores:
quem se presa de grandesa
nas cousinhas veniaes,
mostrará grande fraqueza
nas que forem principaes.

Que graça é contentamento
das vergonhas conhecidas,
e que dôr, esquecimento,
no substancial das vidas!
grande medo é ver chegar
as cousas a tal estado,
que é remedio não cuidar
para não cair pasmado.

Emquanto sente o doente
não é todo corrompido;
mas depois que elle não sente
dae vós tudo por perdido;
gran parte é de perdimento
ter-se por subtil crudo;
porque erros de entendimento
estes são peor que tudo.

Doudice desenfreada
nunca fez nenhum bom feito,
nem foi bem aconselhada
a pessoa per respeito:
debaixo do temporal
é o conselho odioso;
mas toda a raiz do mal
está no malicioso.

Os que são ruins em cabo,
os que torcem as verdades,
estes taes, como o diabo,
são subtis pera maldades;
mas, se tratam de virtude,
e de cousas de honra e ser,
permittle Deos que se mude
seu saber em não saber.

Quem se tem por poderoso
não se tenha por captivo,
nem se mostre temeroso
quem se tem por muito altivo;
quem não tem atrevimento
não presuma de ufania,
nem se chame soffrimento
ao que só fôr coyardia.

Gran perigo é pôr-se tudo
debaixo de um só juizo ;
antes o bom siso rudo
que o subtil com prejuizo :
gran mal é ver sem alçada
os que nasceram com ella ;
grande dôr vel-a tomada
de um ruim sem merecel-a.

Quem procura de ser só,
trabalha desfazer tudo,
e por isso é de haver dô
do sandeu e do sisudo ;
porque nada vos não val
quer façaes, quer não façaes ;
que o caminho que tomaes,
esse é pera maior mal.

As religiões damnadas,
as justiças pervertidas,
as virtudes simuladas,
as equidades fingidas
tudo vem de se cuidar
que um só é o prudente,
e que é o acertar
fugir do commum da gente.

Entre tredos e leaes
não se cria muito amor ;
grande mal é poder mais
o creado que o senhor :
ignorantes governados
sempre cuidam que o não são ;
que vae da terra e de estados
onde falta discripção.

Os creados lisongeiros
menirão a seu senhor ;
os pannos tomam a côr
que lhe dão os tintureiros,
e por isto quem comprar,
se não fôr mui recatado,
muitas vezes lhe hão dar
o sajal polo brocado.

Quem se vence do seu vicio
 quantos erros que commette!
 quem não serve seu officio
 nos alheios se entremette:
 a quem virdes occupar
 em alheios exercicios,
 ver-lhe-eis grandes cuidar
 no que fôr de seus officios.

Occupações ociosas
 quanto tempo tem damnado!
 discripções maliciosas
 cem mil honras tem roubado:
 obras são de Satanaz
 trazer tudo a seu moinho;
 se a guia erra o caminho
 guai dos que vão de traz!

Quem tem conta com sua honra
 teme muito o que se diz,
 e a quem não doe deshonra
 não é bom pera juiz:
 quem por bem do seu folgar
 despreza dizer das gentes,
 deve-se de suspeitar
 que traz novos accidentes.

O velho muito galante
 namorado deve ser;
 quem não fôr muito ignorante
 muitas cousas ha de ver:
 quando virdes nas cidades
 o revés do que ellas dão,
 esperae por novidades
 mui contrarias da rezão.

Gran dôr é ver ir o mundo
 ao revés do que nasceo,
 baixos subirem ao céo,
 os altos postos no fundo;
 ver indignos estadear
 é tão duro de soffrer,
 que o remedio é consolar
 com que tudo ha de morrer.

Poucos são os poderosos
que chegam ao paraíso ;
graça é ver virtuosos
assi feitos de improviso :
para que é mostrar bondade
pois se enxerga o contrafeito ?
que interesse e christandade
não moram juntos no peito.

Superiores captivos,
gran trabalho é dos sujeitos ;
os que forem vis e altivos
errarão todos seus feitos ;
destemido e desamado
será quem não faz direito ;
tudo se faz contrafeito
ante quem está pasmado.

Tudo contra natureza
é da gente aborrecido ;
parece mal ver alteza
ao baixo submettido ;
toda a cousa deve ser
conforme ao que é rezão :
a mulher como mulher,
o homem como barão.

As contrafeitas rezões
tudo tem falsificado ;
as falsas consolações
muitas vezes tem damnado :
eu não tenho por sisudo
a quem taes amigos tem,
que lhe dizem que está bem,
quando está perdido tudo.

As falsas proposições,
recebidas de ignorantes,
fazem bons sem galardões,
e culpados bem andantes :
o remedio disto tudo
a só Deos pertence dar ;
que ás orelhas do surdo
pouco aproveita bradar.

Gran perigo tem quem ousa
publicar sua querela ;
quem sabe fallar na cousa
não lhe perguntam por ella :
faz-se tudo contrafeito
ante quem está pasmado,
e com isto, mal peccado,
está tudo bem desfeito.

Baixesas alevantadas,
habilidades de um mez,
as calidades pesadas
fazem ir tudo através ;
signal é de muito rudo
e de discripção errada,
querer entender em tudo
o que não entende em nada.

Quem Deos quiz habilitar,
e nasceu com algum ser,
muitas voltas lhe hão dar
polo logo desfazer :
em apontando a rezão
de o homem mais valer,
se lhe busca occasião
pera seu desmerecer.

Mal governará o mundo
quem bem não sabe linguagem ;
dôr é vel o ir ao fundo
por falta de pilotagem ;
ignorantes e ruins
muito pouco hão de acertar ;
grande medo é ver os fins
em que tudo ha de parar.

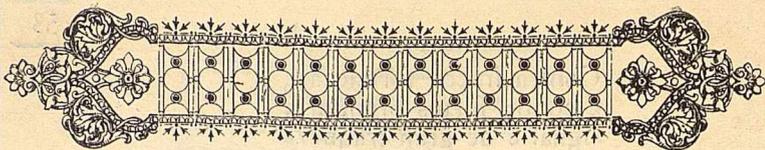
Contrafeitas santidades,
e justiças retorcidas,
tudo vem de ser medidas
as rezões polas vontades :
a justiça sem verdade,
a ninguem não satisfaz,
nem é boa a santidade
a sabor de quem a faz.

Contra fracos fortaleza,
e contra fortes brandura,
signal é de gran fraqueza
e de assás pouca cordura :
deleitar no meixirico
cousa é muito de mulher ;
quem 'neste tempo fôr rico
fará tudo o que quizer.

Quem não é predestinado
não lhe aproveitam rezões,
onde tudo é reservado
para certas gerações ;
quem tem pouco soffrimento,
por força terá imigos,
e quem não tiver amigos
não terá merecimento.

Onde virdes trabalhar
por ser tudo aniquilado,
não cureis de semear,
peze-vos o semeado ;
mas devem-se de consolar
o sisudo e o sandeu ;
que só Deos pode tirar
o que a natureza deu.



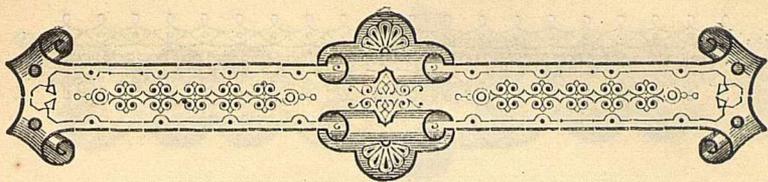


Sem vós, sem esperança e com meu fado
julgae qual póde ser a triste vida!
amor, fortuna e tempo hão ordenado
ser eu contra mim mesmo homicida;
porque sinto que vi do céo o treslado
na bella imagem vossa esculpida,
logo fiquei, senhora, qual me vejo
rendida a liberdade ao desejo.

Pedi favor ao céo, á terra meio,
a Marte fero a vida e resistencia,
invoquei os deoses com receio
de vosso desamor, pouca clemencia;
mas, emfim, esta força, foi enleio
em que amor me poz a competencia
de eu não possuir o livre estado,
da que tanto me tinha blasonado.

Senti a pouco e pouco ir perdendo
aquella antiga minha liberdade,
até que fui de todo entendendo
ser vossa, e não minha esta vontade;
vi-me de todo ir enfraquecendo,
sem admitir rezão a brevidade;
porque logo potencias e sentidos
num momento por vós os vi perdidos.





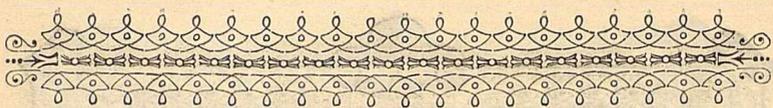
Queixoso de querer, sem ser querido,
um dia e outro dia vou passando,
até que me eu vá desenganando
em a desigualdade do partido.

E o peor de tudo é ser conhecido
de quem sempre me está remoqueando ;
que perco o tempo por quem está zombando
de me ver, como me vê, andar perdido.

'Neste estado me traz amor tyranno,
sem mais se apiedar de meu cuidado,
com entender a causa de meu damno.

Só vejo meu remedio dilatado,
faltando me ainda o bem do desengano,
sequer por não morrer desesperado.





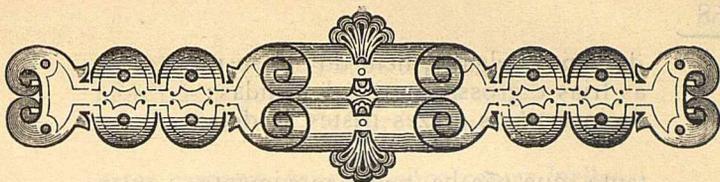
Donde descança amor quando descança ?
donde seu centro tem mais regalado ?
adonde a amorosa mãe o ha creado ?
em que logar terá mor confiança ?

Donde satisfará sua esperança ?
e adonde se verá tão descançado ?
donde descuidará de seu cuidado ?
donde tem pera si que tudo alcança ?

Donde parece ter o possuido ?
donde desfeitas vê suas maranhas ?
donde se vê mais fraco e mais rendido ?

Quem duvidas quizer saber tamanhas,
vire, e verá a almofada de Cupido,
quando a desentranhar polas entranhas.





*Versos de D. Francisco de Sá de Menezes
á morte do Principe, que Deus tem*



Doce alma amorosa, doce spirito
escuita os versos tristes que te canto,
aquelle pouco espaço que não grito,

emquanto o claro sol não torna, emquanto
este ar e terra fria estão cobertos
de sonhos, de visões, d'escuro manto :

escuita estas palavras, que derramo
aos ventos mudaveis e incertos ;
dês que te foste sempre em vão te chamo ;

encho de gritos a terra ; encho o ar,
não colho destas flores um só ramo :
as aves mansas que sohiam crear

'nestas faias direitas e crescidas,
dellas fogem agora, sem parar :
nunca as espessas nevoas são rompidas

de vento delgado, nem do sol se vêem
as frias e grossas neves derretidas :
do inverno os mezes tristes se detem

tanto, que não ha 'nelles movimento,
e os alegres e brandos nunca vêm,
nem nuve 'neste céu tem feito assento.

As festas dos pastores desta terra
cobertas estão já de esquecimento ;
não sei a branca lua onde se encerra,

que, depois que mingou, não cresceu mais,
nem parece herva verde em toda a terra.
Aborrecem-me os versos naturaes,

a sanfonha estrangeira, e d'estes montes
como os gallos que ouço nos casaes ;
aborrecem-me os rios e suas fontes ;

acho o céu tão estreito, que parece
se apegam comigo os horisontes.
Em parecendo o sol se me escurece ;

no campo abafado, o ar não posso romper,
tão grosso e tão pesado me parece :
vendo o dia, desejo de anoitecer ;

mas como a noite vem, escura ou clara,
torno a desejar de amanhecer :
de tal maneira estou que se tornára

áquelle doce tempo em que te via,
não descansára 'nelle nem folgára :
nenhuma cousa quero do que queria,

e não podendo meu mal ser maior,
parece-me que cresce cada dia ;
mal, se entendo, nem sei o que é melhor :

mal, se estou 'nestes montes, mal na aldeia,
no logar onde estou estou peor ;
não folgo já de ver como rodeia

a verde hera estes altos louros,
nem busco conchas lisas pela areia,
nem sei quando são verdes, quando louros

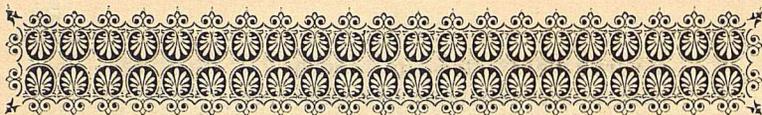
estes campos sós, nem ouço cantar 'nelles
senão aves escuras e de agouros ;
não era assim quando andavas por elles :

contigo o fresco orvalho, o vento brando,
contigo a formosura se foi d'elles :
já o manso Tejo os não vae regando

como sohia outrora, claro e quedo,
umas vezes direito, outras rodeando ;
e isto é tarde, cuidei que era mais cedo,

vou me ; que vejo o sol pelos outeiros,
foram-se as sombras tristes, foi-se o medo,
já ouço vir cantando os ovelheiros.



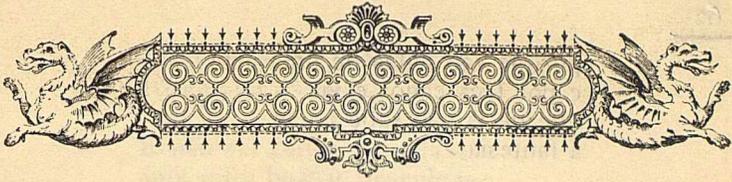


Perguntas que um homem fez a outro



Qual é a cousa nem pobre nem rica
que mil cousas mata sem ira nem sanha ?
que tem com a barba o que filha c'o bico ?
non é santo, ou santa, por elle vos fico ;
anda bem seguro por toda a Hespanha
e veste seu corpo em corpos mortaes ?
non faz, quando solto, nem perda nem damno,
despois que é preso, é um tal engano
que engana os menores e os mais principaes ?





Glosa a esta cantiga

Apressões de cada dia
que as eu possa soffrer, A
ellas dão bem que fazer
á fantasia.

Quem acerta de viver
em tempos sem alegria,
forçado lhe é padecer
apressões de cada dia,
as quaes vem de tal rezão
que não ha que lhes fazer
se não salvar a tenção,
e Deus me dê coração
que as eu possa soffrer,
e que se formem de vento ;
as apressões, a meu ver,
a quem tem entendimento
ellas dão bem que fazer ;

porque são feitas de uma arte
e por taes canos e via
que de si não sabe parte
a fantasia.

Porque se cuido que vou
em servir-vos confiado,
e eu acho-me que sou
por respeitos mal julgado,
de que vem ter por perdido
o meu serviço e amores ;
por modos envolvedores,
inda agora estou mettido
no meio de minhas dores.

E aquestas apressões
porque passo e em que estou,
nascem de outras rezões,
e por outras contemplações
vejo quem m'as ordenou,
as quaes em que pena dou,
e que dessem maiores dores,
tem homem contra os autores
saber certo que não são
sem culpa de outras maiores.

A culpa disto, senhora,
crede que a vós só a dou ;
porque muita rezão fôra
não estar no estado agora
em que estou ;
mas, pois me vale rezão
contra quem tanto podia,
Deos me alargue o coração
rogo á virgem Maria.

Mas que aproveita alargar,
nem que tempo de fazer,
pois tem já feito entender
a quem me ha de julgar,
que me não queira valer,
e em que isto merecia
mudar homem sua tenção,
nunca a ninguem eu diria

o que trago no coração
e trago na fantasia.

E não sei como vos possa
ante mim buscar desculpas ;
porque, senhora, sei bem
que sendo a perda vossa,
são os proveitos de quem
tem culpas nas vossas culpas ;
de que vem já não poder
fazerdes nunca em nada
coisa que possa entender.



VILLANCETE

De D. Manoel de Portugal



Eu não levantei os olhos,
pois que nunca pude ver
nem a sombra do prazer.

Já os abri a deshora,
e lhes mostrei tal visão,
que lhes disse o coração :
vereis o prazer agora ;
mas pera elles melhor fôra
em toda a vida não ver
que buscar ali prazer.

Quantas vezes castigados
m'os deixou esta ousadia,
por querer ver alegria
antre tão tristes cuidados !
aperfiam magoados
e já tomariam ver
só a sombra do prazer.



VILLANCETE

(DO MESMO)

Quem pudesse ter seguro,
perdendo por vós a vida,
que foreis disso servida!

Por tão nova fermosura
perder vida e liberdade!
mas, se passar a vontade,
ha mister alta ventura:
só ver-vos tudo assegura;
que á vida por vós perdida
dá a fama eterna vida.



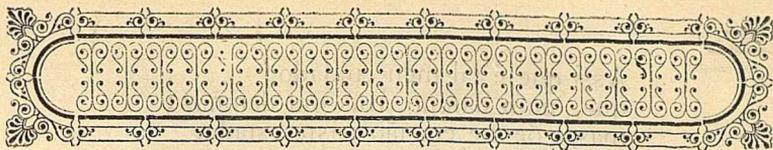
OUTRO SEU

Quem novas me quizer dar
d'uma esperança perdida,
dar-lhe-ei por ella a vida.

Pouco offereço e muito quero,
aqui cabe a cortezia,
pois que d'antemão daria
a vida polo que espero,
de me só imaginar
que appareça á despedida,
e não quero mais da vida.

Será falsa esta esperança,
inda della ha saudade,
não trocaria a lembrança
por nenhuma outra verdade;
tanto a sei estimar,
que, sendo falsa e perdida,
a não darei pola vida.





Provas



Segredos nunca cuidados,
e se cuidados não cridos,
me tem amor revelados,
pois são só delle entendidos
e da razão estranhados.

Os que cuidam taes segredos
saber, ficam mais incertos
depois dos olhos abertos,
como os que sonham ser ledos
e ficam tristes, despertos.

Quem foge esta confissão,
vae dar em mil compessões;
porque uma cega affeição
mostra-nos muitas rezões,
por nos tirar a rezão.

Alma de engano inquieta,
ao engano se soccorre,
e na morte se aquieta,
como a simples borboleta,
que busca a vida onde morre.

Assi que é tal meu cuidado
 que, 'num damno, trás mil damnos ;
 mas, põe-me em tão triste estado,
 que não sei fugir enganoso
 nem soffro estar enganado.

Movê amor muitas questões
 e em meu pensamento sprita,
 revelando-me as rezões,
 como o sol exhalações,
 que elle as gasta e as excita.

Perguntou-me uma questão
 de experiencia conhecida :
 se se consente, em rezão,
 que se não mude a affeição
 e se mude estado e vida ?

Respondi : se amor tem presa
 uma alma naturalmente,
 por natural, tem firmesa,
 e muda a pelle a serpente
 mas não muda a natureza.

Depois que aqui não duvida,
 por me fazer duvidar,
 a fé, que está repartida,
 é fé para segurar,
 e não pera ser descrida. (1)

Respondi : não são fieis
 os que servem dois senhores,
 posto que bons servidores ;
 que nem 'num reino dois reis,
 nem 'numa alma dois amores.

Perguntou mais : pois consente
 a esperança mal fundada,
 contentar-se um descontente
 soffresse viver contente
 uma alma desconfiada ?

(1) Falta este verso, que compuz, não me desviando do estylo e nem, talvez, da verdade.

Eu disse : o gosto se enterra
quando a esperança se perde ;
que arvore com vento em guerra,
mal pode, sem raiz na terra,
lançar ramos e estar verde.

Sonhando elle enganar,
que este officio lhe contenta,
quiz, comtudo, perguntar :
se é bem desenganar
quem de enganos se sustenta ?

Eu disse : engano é traidor,
e desengano leal ;
porque cura com rigor :
o engano é mal sem dôr,
desengano dôr sem mal.

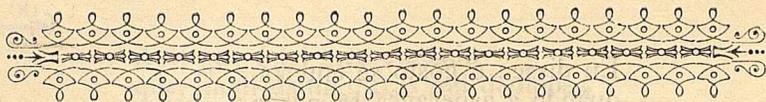
Amor, mestre destas artes,
que nos ensinam a amar,
começou de perguntar :
sendo conformes as partes
ha hi mais que desejar ?

Respondi : o amor se apura
na concordia, onde se gera ;
que a pedra o centro procura,
busca o fogo sua esphera,
amor na paz se assegura.

Depois disto descobrir,
avisou-me que o seguisse,
e que o soubesse seguir,
e dando me que sentisse
ensinava-me a sentir.

Que elle deste modo paga
a quem com brandura trata ;
dá mezinha, e faz a chaga :
amor é como triaga,
cura peçonha mas mata.





MOTE



Tudo o que vejo tem fim,
só eu no mal que padeço
não acho senão começo!

Tal é a vista que tenho,
que o que vejo desbarato,
e quando me não precató,
ordena então meu desenho
matar-me só porque mato.

Peor sou que basilisco,
fuja cada qual de mi,
se não quer matar-se a si;
porque no ver corre risco:
tudo que vejo tem fim.

Assim que o desventurado
que tem por remedio a morte,
fica mais avantajado
em mudar do mal a sorte,
pera o fim tão desejado.

Mas eu, com a pretender
 a chamo, rogo e peço,
 a qual diz não poder ser ;
 porque não na posso ter,
 só eu no mal que padeço.

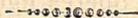
E pera mais magoar
 a morte, minha inimiga,
 finge que me quer matar,
 e quando a morrer me obriga,
 torna me a resuscitar.

Vede o bem de que me gabo,
 quando outro bem não mereço,
 no mal, que por vós padeço,
 indo lhe buscar o cabo
 não acho senão começo !



TROVAS

A' Esperança



Desesperada a esperança
 já de ti mesmo cansada,
 que de puro confiada
 morres de desconfiança.

Pintam-te com olhos verdes :
 és cego Lynce sendo Argos ;
 fiaste de prasos largos
 e por fianças te perdes.

Pera mais cansar-te cansas,
a ti propria não soccorres ;
trás ti voas, trás ti corres
e nunca jámais te alcanças.

Em toda cousa te mettes,
sempre vás e nunca vens,
promettes o que não tens,
e só por matar promettes.

Sempre ensinaste a fingir
com hypocrita apparencia ;
porque pareças prudencia
pões os olhos no porvir.

Sempre vela, sempre sonha
quem de teus longes se paga ;
todos te têm por triaga
e matas como peçonha.

Tomas varios nascimentos,
sabendo que pera ter
ser de esperanza, has de ser
filha de merecimentos.

Com teu nome o mundo atroas,
só porque sejas ouvida,
e com ser tão bem nascida
não vales tudo o que soas.

Queres-te salvar na fé,
que é luz, tu vás ás escuras ;
tudo o que queres figuras,
nada ao que queres é.

Quando mais desenganada,
em mudanças te confias,
passas enganando os dias,
vás em todos enganada.

A ti propria se parece
quanto buscas, como vã ;
vás sempre trás amanhã ;
porém nunca te amanha.

Passam frios, passam calmas,
sempre estás verde, florida ;
chão ardente, alma da vida
é toda a vida das almas.

E's pobre por natureza,
vives de necessitada ;
não tens nada, e não ter nada
mais é menos que pobreza.

Nem a ti mesma possues,
perpetuamente desejas,
e pera que nada sejas
com tudo que é teu destrues.

Como em dividas te crias,
como entre temores cresces,
de nada toda estremeces,
em cada passo tens frias.

Renovaste como a cobra,
fazes mil verões 'num dia ;
és traça da fantasia,
que nunca se poz por obra.

Comtigo tudo se alcança,
tudo se perde comtigo,
tens o tempo per amigo,
que mais a perder te lança.

Todo o mal em ti se encerra ;
quando maior guerra trazes,
te das em refens de pazes ;
por que dure mais a guerra.

Andas sonhando desperta,
és fraca quando mais forte,
tens calidade de morte,
em ser certa e ser incerta.

A teus olhos tudo desce ;
és uma nevoa, por quem
a pequena luz de um bem
como o grande sol parece.

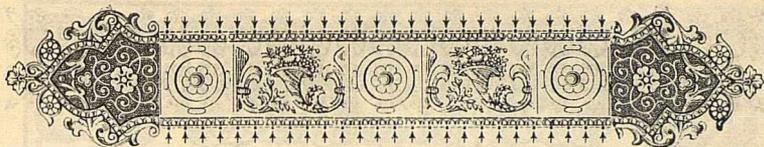
Vás tomando pola mira,
 ponto incerto da vontade ;
 cuidas que dás, na verdade,
 e acertas sempre em mentira.

E's um perpetuo accidente,
 e estás donde os sentidos
 andam de sorte impedidos,
 que nenhum delles se sente.

Olhos que o desejo tem
 pera ver o que não és ;
 porém, tu nunca te vês ;
 que os olhos não vêm quem.

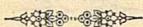
Por ti quiz, feliz, que visse
 o premio de minha fé,
 tu me dizes o que ella é,
 ella quem tu és me disse.





De Martim de Castro do Rio

Ao Tempo



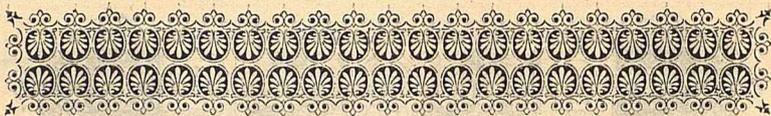
Pede-me de si mesmo o tempo conta,
e para a dar se pede á conta tempo,
mas quem viveu sem conta tanto tempo
como dará sem conta tanta conta ?

Não quer levar o tempo tempo em conta ;
porque conta não fez de dal-a em tempo,
posto que para a conta havia tempo, ~~se~~
se na conta do tempo houvesse tempo.

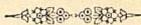
Mas que conta dará quem não tem tempo ?
e em que tempo a dará quem não tem conta ?
que a quem sem conta vive falta o tempo.

Vejo me sem ter tempo e sem ter conta,
sabendo que hei de dar conta do tempo,
e que se ha de chegar tempo de conta.





De Fernão Corrêa, a D. J.



Que devo ao monte, ou campo, que floresce,
se pera todos essas flôres CIA?
que devo em me dar agua a fonte fria,
se pera os mesmos dessas fraldas desce?

O sol, que pera todos amanhece,
pouco lhe devo que me faça dia:
se pera todos sae cheia ou vasia
que devo á lua, quando mingua ou cresce?

Ingrata Lyses, campo em fermosura,
em graça, fonte, monte em grande altura,
sol em belleza, em mudanças lua,
não faças tão commum essa luz pura,
essa flôr, essa graça, essa belleza,
que fujo por commum, sigo por tua.





Horas breves do meu contentamento

GLOSA



Quem se fiar em vão prazer humano
e no tempo que voa em falsa gloria,
magoada terá sempre a memoria,
e os pezares que trás o desengano.
Eu vi de dia em dia, de anno em anno,
passar minha alegria transitoria ;
vi que passadas fostes, 'num momento,
horas breves do meu contentamento.

Mas cegamente então 'nelle enlevado,
cuidei, falso prazer, que vos teria
sempre presente, sem vos ver passado,
sem me perder em vossa companhia :
e inda que estar o tempo em firme estado,
pois consiste em mudança, cada dia,
trocardes vós em tal tristeza minha,
nunca m'ô pareceu quando vos tinha.

Agora em largo verso não sómente
me importuna, sem fim, e opprime e cansa

a tristeza, do grave mal presente ;
 mas do passado bem ainda a lembrança,
 acabará com a vida o melhor della,
 sem sentir tanto mal nunca esperado,
 na fresca idade, e sem passar por ella
 pera me 'nesta agora ser dobrado.
 Se isto assi força foi de minha estrella,
 forçado me é soffrer meu triste fado ;
 mas quem terá cumprido o soffrimento
 em tão compridos dias de tormento ?

Todas as forças, já d'alma e da vida
 quebradas vejo em mim, já mal resiste
 a parte racional, tão combatida
 sempre das sem rezões da vida triste.
 Já de minha fortuna má vencida
 minha esperança 'num fio só consiste :
 jazem no chão do descontentamento
 aquellas torres que fundei no vento.

A' sombra assi da morte vou passando
 de tão cansada vida esta jornada,
 a um mal sempre outro mal accrescentando
 sem de algum bem poder possuir nada
 do que hei medo, de vir desconfiando
 do passado e do presente a conta errada ;
 que as vãs contas que eu por certas tinha,
 o vento as levou, que as sustinha.

Opprimido nos males que padeço,
 rir delles sequer um bem procuro,
 que é conhecer-me nelles, e o conheço ;
 que o mundo bem nenhum não tem seguro :
 não nego aqui, pagando o que mereço,
 mettido como em carcere estreito, obscuro ;
 que pois me o bem passado não convinha,
 do mal que me ficou a culpa é minha.

Mas conhecendo a culpa nunca abrando
 a pena, que mais sempre se accrescenta,
 e que em parte a mereço me lembrando,
 uma das dores, a que me atormenta,
 se a vida não acabo assi penando

é porque por mal se alimenta :
toda cousa faz justo meu tormento,
pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Fugindo o tempo vae, leva comsigo
os gostos, que amor diz que são de dura ;
amor que nos põe vida e alma em perigo
de falso bem mostrando a vã figura :
inda que avisa o tempo como amigo,
elle e amor nunca dão cousa segura,
e se a que o tempo dá desaparece,
amor com falsas mostras apparece.

Mostra-se amor risonho e gracioso
e até suave, alegre e prazenteiro ;
brando ao principio, amigo piedoso,
mas imigo cruel por derradeiro,
nada duvida, a tudo affirma e jura,
tudo possível faz, nada assegura.

E depois que nos tem cegos e atados
em sua prisão doce e rigorosa,
nos mostra de seus bens, falsificados,
uma apparencia vã, falsa e enganosa,
e faz nos crer assi, 'nelle enlevados,
ser nossa cousa amada a mais fermosa,
e 'nella todo o bem nos offerece ;
mas logo no melhor desaparece.

Deixa-nos em prisão com grave damno,
e com azas de seu engano voa ;
vê-se então ser cruel e deshumano,
e per quam pouco quanto nos magoa,
o fim choroso, o fero desengano
do falso amor com que a ninguem perdoa.
O' gosto amargo, ó cara fermosura,
grande desengano, grande desventura !

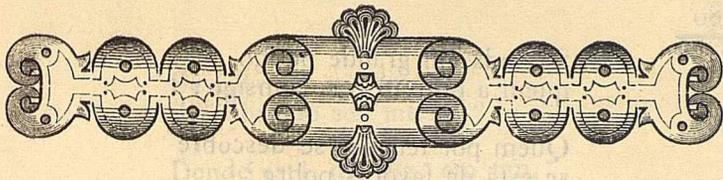
Que nossa vida, honra, alma arrisquemos
'num mar tão perigoso navegando !
que de um cego o caminho confiemos,
e a um mão amigo assi nos entreguemos !

que tudo e o melhor de nós lhe demos,
 a quem máo galardão sempre está dando !
 que o percamos por um vão interesse,
 por um breve prazer que desfallece !

Ditoso, pois, quem d'alma ao sol divino
 os olhos alça, onde a vista esclarece,
 onde é perfeito o bem, certo e contino,
 onde não falta e sempre permanece
 o triste que por baixo amor maligno
 alto e divino amor trocar quizesse,
 e de vão bem, por uma vã figura,
 aventurar um bem que sempre dura. (1)



(1) Ha lapsos no apographo, ou caprichos de metrificacão. A estrophe que começa : *Agora em largo* . . . tem doze versos, e a que principia : *Mos-tra-se amor* . . . tem dois de menos.



Perguntas que se fazem a animos apaixonados



Pode querer mal a quem vê que lhe quer bem ?

E' concerto ou desconcerto deixar polo incerto, o certo ?

Quem cuida que desengana desengana, ou engana ?

Viverá desconfiado quem vive de seu cuidado ?

Se tem razão de queixar-se quem não ousa declarar-se ?

Chamar-se-ha atrevido quem descobre o que ha sido ?

Se se poderão fiar de quem não sabe fallar ?

Se anda em grande perigo
quem a outrem trás consigo ?

Quem por tenções se descobre
se está de favores pobre ?

Quem a pagar se atreve
se paga tudo o que deve ?

Se dá ou se tira a vida
o que não quer e é querido ?

Se é especie de ingratidão
despresar o que lhe dão ?

Se pode viver contente
quem foge de si, da gente ?

Se de pintada esperança
pode alguém ter confiança ?

Se se alegra quem a morte
vem ter por ditosa sorte ?

A obra quando se emprega
se ao pensamento chega ?

Se ha amor accrescentado
quando mais communicado ?

Se se diminue o amor
quando dá o mor favor ?

Se se paga de um possivel
quem deseja o impossivel ?

A vida por outra dada
se é propria se emprestada ?

Se poderá ver um cego,
que dos olhos fez emprego ?

Que maneira pode haver
pera o mundo se entender ?

Se falla um soffimento
descobrinde seu intento ?

Donde está, me diga em fim,
quem vive fóra de si ?



Cantigas



Vão-se meus amores
d'aqueste logar,
tristes de meus olhos,
que tudo é chorar.

Eu vinha per ver-vos
ardendo em desejo ;
mas agora vejo
o não merecer-vos,
pois his acolher-vos
a humido logar
e deixaes meus olhos
fontes de chorar.

Antes que meus olhos
vos vissem, senhora,
me davam cad'hora
de ver-vos antolhos ;
vem-vos de giolhos
aqui a buscar,
e porque vos viram
os fazeis chorar !

Depois que vos vi
tão bella e fermosa,

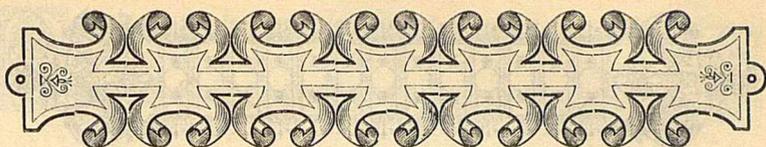
deixei toda a cousa,
a vós me rendi ;
por fugir de mi,
fugis do logar,
pagaes mal meus olhos
que vos vem buscar.

Não me hei de deter,
sem vós 'nesta terra,
pois com crua guerra
me fazeis morrer ;
não se ha de soffrer,
ir-vos do logar,
sem que vão meus olhos
com vosco a chorar.

Leve-me alma e vida,
como o coração,
vossa condição
mal agradecida,
que, sendo querida,
fugis do logar :
sabei que lá longe
vos hei de ir amar.

His em povoar
onde se desterra ;
por alheia terra,
deixaes natural ;
degredo é logar,
é, sem vós, amores...
tristes de meus olhos
que o hão de pagar.





A vida foge sem parar uma hora,
a morte vem apressando as jornadas,
e as cousas presentes e passadas
e as que hão vir me enfadam já d'agora.

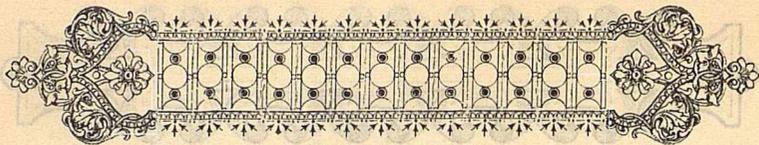
Se o lembrar e se o esperar não fôra,
foram minhas fortunas acabadas,
e não havendo esperanças enganadas
estivera eu já de pensamentos fora.

Torna-me a lembrar toda a alegria,
(se a teve o coração) e de outra parte
vejo, a meu navegar, ventos mudados :

O barco de meus annos vae sem guia (1)
o piloto cansado, cego e sem arte,
e aquelles bellos olhos apagados.



(1) Compuz este verso, que faltava.



De D. Manoel de Portugal



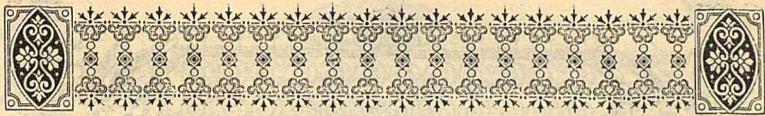
A perfeição, a graça, o suave geito,
a primavera cheia de frescura,
que floresce em vós, a que a ventura
e a razão entregaram este peito ;

aquelle crystalino e puro aspecto,
que em si comprehende toda a fermosura,
o resplendor dos olhos e a brandura,
de que amor a ninguem quiz ter respeito ;

se isto, que em vós se vê, ver desejaes,
como digno de por vós visto sómente,
por mais que de amor vos isentaes,

traduzido o vereis tão fielmente
no meio deste espirito onde estaes,
que, vendo-vos, sintaes o que elle sente.





*De Jorge Dias Cardoso
ao conde Almirante quando foi por visorrei
da India*

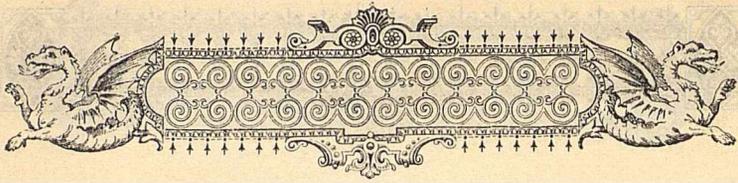
Guiado o Padre Santo do alto lume,
cada cem annos manda em nome seu,
a toda a christandade um jubileu,
sem consumir o tempo este costume.

Depois que o tempo os cem annos consume,
do jubileu que Deus ainda deu,
'nesse primeiro Gama que é avô teu,
outro jubileu grande hoje resume.

Com mais ligeiras azas hoje a fama,
voando ao oriente leve a nova
do jubileu, remedio de seus damnos.

Este sois vós, illustre conde Gama,
que o jubileu primeiro lhe renova,
hoje que faz a conta dos cem annos.





De D. Manoel de Portugal

A um Espelho



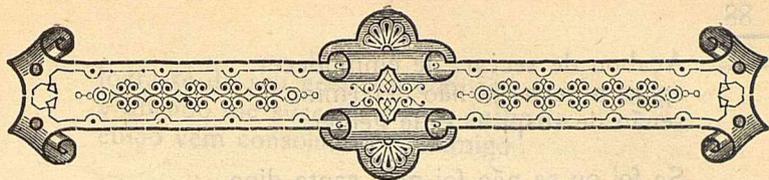
Ainda que o metal luzente e duro,
tocado do divino vosso objecto,
como raio vos torne o brando aspeito,
o amor vos não deu, de vós seguro;

e ainda que o pincel com claro escuro
tal semblante vos tenha contrafeito,
que fiqueis obrigada a haver perfeito,
tudo o que elle obrar 'num peito puro;

inda que inculto verso desordenado,
imitando em si vá a fermosura
de que nasce, e a que é sacrificado,

nem lustroso metal, verso ou pintura,
poderá alcançar ser cotejado
ao que n'alma imprimiu vossa figura.





ECLOGA

Minicio e Simabeu

D. S. A. G. D. ✕

M.—Soias de cantar onde pastavas:
pastar, onde teus versos escrevias,
escrever, onde mais plantas achavas ;

da serra pera o campo, se descias,
se sobias, do campo pera a serra,
as saudades de ambos repetias.

Por mais que te fizesse cruel guerra,
não te pode tirar fortuna imiga
cantar, tanger, folgar em qualquer terra :

não sei que de ti cuide nem que diga,
que tu não folgas já, tanges nem cantas,
cousas com que qualquer a dor mitiga.

S.—Assás pouco sentes, pois te espantas
de não me ver folgar, cantar, tanger,
nem versos escrever nas verdes plantas.

Acabou de seccar, de emmudecêr
 agora a pena; já não determino
 senão de suspirar e de gemer.

Se foi ou se não foi meu canto dino
 dos ouvidos de quem melhor sentia,
 não sei; mas o que sei, que foi mofoino

saber quão pouco vale a poesia,
 por falta de haver quem docemente
 sinta sua suave melodia.

Entre muitos e muitas qual prudente,
 qual avisado, brando e saudoso,
 e qual julga melhor e melhor sente.

O campo, o que parece mais fermoso,
 nos olhos de um pastor fica mais feio,
 nos d'aquelle que foi mais cubiçoso :

uns, quando de boninas o vêm cheio
 lhes parece melhor, e outros quando
 de cevada, de milho, ou de centeio :

assi se vão desejos variando,
 sem poder concordar a natureza
 de qual duro nasceu, qual nasce brando.

Tempo foi que causava em mi tristeza
 poder imaginar de um peito humano
 que pagasse brandura com dureza :

agora (inda que seja com meu damno)
 alegre me com ver que me aproveito
 deste tão lastimoso desengano.

seja quão duro for um cruel peito,
 ingrato, falso e fero, já não temo
 que me faça mais mal do que tem feito ;

porque, depois que dei 'num doce extremo,
 se não vejo gemer o meu amigo
 do meu proprio mal, do seu não gemo :

logra-se do seu gosto só comsigo,
e quando lhe succede algum desgosto
então vem consolar-se só comigo :

se no seu mal me quer achar disposto
para me entristecer, porque rezão
não quer que no seu bem tenha algum gosto ?

M.—Não vos ouçam tratar esta questão
baixa, entre pastores apostados
a buscar a divina perfeição ;

que quando succeder ser affrontados
dos amigos que mais temos servido,
então devemos ser mais consolados.

Foi nosso Deos por nós offerecido
á cruz, e por seus mesmos matadores,
os principaes, de seu povo escolhido :

a nós, que da cruz sua professores
somos, não nos convem queixar de nada ;
mas soffrer como seus imitadores.

Pouco pode durar esta jornada :
amar nossos imigos, nos ensina
a correr pera o céu por limpa estrada ;

que nunca nos mandára a lei divina!
coisa tão trabalhosa, senão fora
quanto no seu amor mais se refina.

Dar-te-ei outra rezão ainda afora
esta, com que confesso ser verdade
de quem na sorte sua se melhora ;

pois quem guardou pureza na amisade,
não pode padecer remordimento,
como qualquer que trata falsidade.

S.—Não quero tratar mais desse argumento ;
que, porfiar, bem sei que desconcerta,
quem concertado trás seu pensamento.

M.—Podeste nunca achar cousa mais certa
pera se concertar, que penna e lyra,
na terra povoada, ou na deserta?

S.—Digo que já contigo consentira
em cantar e tanger cá desta banda,
se Laura ou se Diana o permittira:

que nunca penna ou lyra senti branda,
que dirigir deixasse a seus ouvidos,
como seu puro amor me obriga e manda;

que versos bem cantados, bem tangidos,
brandos, de grave estylo, altos conceitos,
estimados não são, se não sentidos:

pois não penetram versos outros peitos,
cantemos destes dois, cuja ventura
'num só quiz converter taes dois sogeitos.

Convida-nos a fonte, que murmura,
o sol, que já no mar se vae mettendo,
variando no céu nova pintura;

o gado que no campo anda pascendo
tambem se alegra com o nosso canto,
se não se for comigo entristecendo,
que, emfim, ou cantarás ou farei pranto.

M.—O bosque que se veste de verdura,
o campo que se cobre de mil cores,
de boninas, de rosas, de outras flores,
variando na côr a fermosura;
a musica de dois competidores,
suaves rouxinoes entre a espessura,
nunca nos olhos meus, nos meus ouvidos,
serão dois corações 'num convertidos.

S.—O bosque acompanhado de verdura,
o campo variado de mil côres,
coberto de mil rosas, de mil flores
acrescentando graça á fermosura;

suaves rouxinoes competidores,
tardes, noites, manhãs entre a espessura,
nunca a meus olhos, nunca a meus ouvidos,
poderão alegrar entristecidos.

M.—Do nosso claro Lima, saudoso,
o curso quando vi mais encontrado,
por cima de penedos apressado,
por baixo de arvoredos vagaroso,
donde vinha a beber o manso gado,
nos olhos do pastor mais gracioso,
nunca me pareceu como parece
amor que de dois peitos 'num floresce.

S.—Do nosso Lima claro e saudoso
quando seu curso vi mais encontrado,
por cima de alvos seixos apressado,
por baixo dos carvalhos vagaroso,
donde saltando vinha o manso gado
à vista do pastor mais gracioso,
não me pareceu nunca o que parece
quando meu coração mais se entristece.

M.—Aquelles corações que desejava
de ver em puro amor mais conformados,
vi com taes excessos confirmados,
quaes nunca poder ver imaginava;
seus justos pensamentos, seus cuidados,
seus desejos, que o céo encaminhava,
vejo gosar a mor conformidade
que amor 'nesta creou ou noutra idade.

S.—Os tristes corações, que desejava
de ver na mor tristeza conformados,
nunca cuidei de ver tão confirmados,
quanto deste meu triste imaginava;
meus tristes pensamentos mal cuidados
que pera maior mal encaminhava
na tristeza, sem tal conformidade,
qual 'nesta se não vio nem noutra idade.

M.—Tudo quanto na serra ver podia,
de quanto crear pode a natureza,
ou no duro rochedo de firmeza,

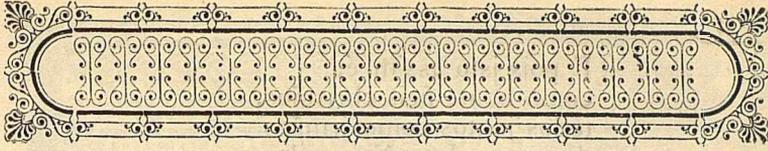
ou nas aguas da fonte que corria,
em tudo imaginei sempre certeza
de nunca se mudar tanta alegria,
suave, doce, branda, clara e pura
pera da terra ao céo voar segura.

S.—Quanto no monte ou serra ver podia,
tudo quanto ali creou a natureza,
ora fosse rochedo com firmeza,
tudo me confirmou na mor certeza
de nunca já poder ter alegria,
tão captivo me tem tristeza pura
que de me libertar está segura.

M.—Deixemos de cantar, pois, que não deixas
de te queixar de Lauro e de Liana:
um só te desterrou, d'ambos te queixas;
faltarã 'noutra serra outra choupana
donde possas cantar como 'naquella
falta donde pescar peixes á cana?

S.—Falta, pois falta foi de minha estrella,
não me poder queixar sem ella delle,
e pois não pode ser delle sem ella,
muitos annos viva ella e viva elle.





Provas

O' mundo caduco e vão
todo cheio de maldade,
eu não sei porque rezão,
pois em ti não ha verdade,
em ti hemos confiar
pois tão pouco has de durar.

E muito, portanto, erram
os que em ti põe esperança,
mundo mal aventurado ;
pois são certos que navegam
em mar de tanto cuidado,
tão alheio de bonança.

E pois isto assim é,
 como bons, fieis christãos,
 todos juntos como irmãos
 digamos: Jesu Nazareth
 salva-nos em tua fé,
 não nos julgando pagãos.

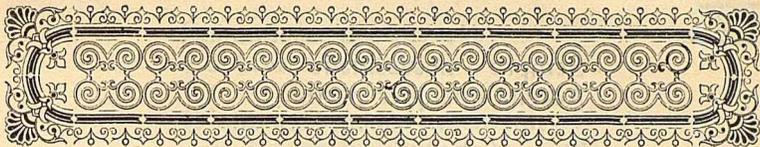


Prova ao amor



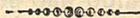
Amor verdadeiro e puro
 é um licor tão subtil,
 que não pode estar seguro
 em sujeito feminino,





SENTENÇAS

de Diogo de Fovar



Nunca faz erros de todo
aquelle que se arrepende ;

E' certo temer a pena
quem tem nos olhos a culpa ;

Muito deve á sua sorte
quem só estima o que tem ;

Mais pode um só para mal
do que muitos pera bem ;

Serviços de muitos annos
um só aggravo os esquece ;

Quem favorece a fortuna
sente mais suas mudanças ;

Sempre a necessidade
Aceita qualquer partido ;

Tanto é de mais gosto o bem
quanto a inveja o publica ;

Quem passou muitos trabalhos
sente igualmente os alheios ;

O que dá, sempre mercou ;
quem recebe se captiva ;

O' que bem se passa e sente
sentir invejas alheias !

Adonde está fermosura
nunca falta confiança ;

Da pena esperar um bem,
o conserval-a é perdel-o ;

Nunca o bem se desvaneça
nem o mal se desanime ;

O bem quando não se espera
então se sente e conhece ;

E' o mor entendimento
o mor perigo que todos ;

O que no mal falla bem
nunca sentiu bem o mal ;

uns tem males per rezão,
outros os tem por mofina ;

O que procura acertar
nunca se pode perder ;

Diz mal quem 'spera da sorte,
por não dizer que foi nescio ;

Nunca amor é mais perfeito
que quando é perseguido ;

Emmudecer nos pezares
é dobrar o sentimento ;

O que mais pouco murmura,
esse é o mais perigoso ;

Não tivera mal amor
se lhe faltaram ciumes ;

Não convertas em respeito
a justiça e a razão ;

A mulher que a dois pretende
a tres deseja enganar ;

Ninguem sabe bem do mal
se não quem vae trás o bem ;

Aquelle só tem descanso
que vive co'o seu contente ;

E' prova de santidade
no mal ser agradecido ;

Nunca pode a natureza
dar a ninguem bens perfeitos ;

Tudo pode um firme intento,
a porfia tudo acaba ;

Não pode haver peito duro
que amor firme não quebrante ;

'Neste tempo ser honrado
é a mor culpa de todas ;

O que é verdadeiro amante
logo conhece o fingido ;

E' certo de animos nobres
favorecer perseguidos ;

Ainda que mereças males
é algoz quem te castiga ;

Quem perigou na tormenta
não se fia da bonança ;

Quem o seu mal adivinha
duas vezes o padece ;

Quem vive de semrazões
nunca trata de desculpa ;

Traz amor bem por rodeios
o mal sempre em sobresaltos ;

E' o tempo da bonança
aquelle que menos dura ;

No mundo tudo é mudavel,
nada está firme e seguro ;

A fortuna e a mulher
não podem ter segurança ;

Muito podem contra os males
os bens que dá natureza ;

Lembrança de bens passados
recordam males presentes ;

Emprega sempre a fortuna
nos mais indinos, seus bens ;

Adivinha o coração
os males muito mais certo ;

Nunca os bens da natureza
se acharam com os da sorte ;

Mais tarde torna ao perigo
quem se viu 'nelle arriscado ;

São testemunhas os olhos
do que sente o coração ;

Na vida se accende amor,
e 'nella sustenta a vida ;

Muito mais pode um desejo
do que pode uma affeição ;

E' grande consolação
para um triste, outro queixar-se ;

O bem que te tem custado
é força estimal o muito ;

Não é de animos famosos
dilatar males alheios ;

Quanto um gosto vae chegando
tanto as horas se detem ;

Nada co'o tempo é seguro,
tudo pode, e tudo alcança ;

Mais segura resistencia
no perigo, é fugir delle ;

Nunca jamais pode amor
guardar a ninguem segredo ;

Anda a fortuna no ar
cortando as cousas mais altas ;

E' proprio da natureza
não fazer cousa perfeita ;

E' ordinario nos males
sempre ser mais nos menores ;

O mal entra mui depressa ;
mas sae muito devagar ;

Sempre a necessidade
foi remora da soberba ;

Sempre a vista se accomoda
com o que é o desejo ;

Mal pode aquelle que é livre
sentir cuidados alheios ;

Mal se contenta a vontade
com obras do entendimento ;

Oh ! que bem se passa e sente
o trabalho, por querer bem !

As boas horas de um triste
são nas que conta seus males ;

Nunca jamais o desejo
foi amigo da tardança ;

Aquelle que em males vive
só tem na morte o descanso ;

E' o mais que amor obriga
dar tudo e não pedir nada ;

Podem mais necessidades
do que a força da razão ;

Não se obrigam as vontades
com erros de entendimento ;

Lembranças de um bem perdido
matam como desenganos ;

O que padece tormento
só em dizel-o tem vida ;

São as horas do pezar
as vesporas do prazer ;

Nunca o descanso perturba
quem co'o seu vive contente ;

E' peor que ser cruel
o saber ser lisongeiro ;

E' o mor mal da tristeza
não consentir companhia ;

Nunca mais se arrisca a vida
que quando a rege o desejo ;

E' muito certo, em quem ama,
esquecer aggravos sempre ;

Se de longe se quer bem,
é com menos sentimento ;

E' sempre o amor forçado
mal, de quem o procurou ;

No bem, é certa a mudança,
e na razão, soffrimento ;

O que sabe amar melhor
menos sisudo parece ;

E' muito pera sentir
mal em quem o não merece ;

E' gloria cuidar no mal
quando nos bens tens socego ;

E' grande consolação
ter nos trabalhos amigos ;

Nunca pode contra amor
razão, ajuda, nem arte ;

No maior contentamento
está mais certa a mudança ;

No desejo, na razão
toda a pressa é vagarosa ;

Não se pode chamar mal,
mal que vive merecendo ;

Nunca amor é mais perfeito
que quando mais perseguido ;

A maior pensão de amor
é o guardar um segredo ;

Todos vivem da vontade,
ninguem seguro de amor ;

Basta para endoudecer
um mui leve desengano ;

Do bem que está já perdido
é maior mal a memoria ;

Ninguem quer bem sem receios,
nem favor sem esperança ;

Pedir descansos a amor,
é pedir firmeza á sorte ;

O que aborrece a vida
não teme em nada perdel-a ;

Desacredita o valor
do vencedor a vingança ;

Quem no mundo está contente
é porque vive enganado ;

Apercebe-se melhor
quem vê d'antemão seu damno ;

Nunca dura mais o mal o mal
que emquanto vive encoberto ;

Tudo em amor são enganós,
o seu bem é fingimento ;

Aquelle que em si se fia
as mais das vezes se engana ;

A'quelle que espera bem
qualquer mal lhe faz espanto ;

Aos males pedir razão,
é pedir firmeza á sorte ;

Nada 'nesta vida tem
menos descanso, que o bem ;

Muito descansam pezares
ouvindo males alheios ;

E' mui certo na mulher
desejar o que lhe negam ;

Não pode haver bem perfeito
se não for communicado ;

O que não vive seguro
certo é que está culpado ;

O que nos males descança
a ninguem diga que os sente ;

A brandura é tyrannia
que se usa co'o traidor ;

Por todo qualquer caminho
busca o mal a um perseguido ;

O que soube bem querer
jamais se soube apartar ;

A cousa que mais obriga
é um firme amor bem pagado ;

Com outro, um mal remedia
quem não tem entendimento ;

As estrellas nunca forçam
se não quem as não resiste ;

Nunca mais custam lembranças
que á vista do praso dellas ;

Entre as maiores cautelas
é muito certo um perigo ;

Começa o bem pelo mal,
quando quer acabar bem ;

O desejo com razão
nunca olhou difficuldades ;

A ventura e diligencia
tudo pode e tudo alcança ;

Não afrontam quem não finda
cousas, que não tem na mão ;

Esperanças de mais perto
dobram a pena e cuidado ;

A'quelle que se arreceia,
tudo lhe parecem damnos ;

Aquelle que muito entende
só falla o que lhe convem ;

Interesse onde ha amor
nunca guarda obrigação ;

E' tanto mais desvalida
a honra, quanto mais pobre ;

E mor é uma batalha
quando espera de receios.

Nem o pezar nem o gosto
nunca se pode encobrir ;

A cousa mais encoberta
não é segura co'o tempo ;

A fortuna nunca vence
partes e bens naturaes ;

Males nascidos de amor
acham sempre compassivos ;

Bem alheio, e sem inveja,
é pequeno, ou não se sabe ;

Sempre a cousa que é alheia
nos parece mais fermosa ;

Cresce da tristeza o mal
á vista das alegrias ;

Não pode haver nenhum bem
que não tenha seu desconto ;

Nunca tira o invejoso
fructo da inveja que tem ;

Só se pode chamar bem
áquelle que se pretende ;

O bem que está possuido
não pode ser desejado ;

E' natureza d'um triste
fugir das cousas alegres ;

E' sempre alivios de males
o ter 'nelles companhia ;

A natureza e a sorte
nunca jamais se encontraram ;

onde amor se não conhece
não se preza nem se estima ;

sempre são as cousas grandes
pelo effeito conhecidas ;

Mais a fortuna derriba
do que levanta abatidos ;

O segredo e diligencia
são paes da boa fortuna ;

Onde tem menos poder
a fortuna é conhecida ;

Sempre busca damno á culpa
o que se quer livrar della ;

Ninguem sabe estimar bens
se não depois de ter males ;

O emmudecer no mal
é prova de sentimento ;

Acertar nas eleições
é fundamento de tudo ;

E' união de vontades
larga communicação ;

Não ha maior inimigo
que em ocio passar o tempo ;

O mal que por si é grande
faz esquecer os menores ;

Esperança nos trabalhos
faz mais leve o sentimento ;

A gloria que amor offerece,
antes de sel-o, é perdida ;

Males que vem por castigo
são males que vem por bens ;

Acrescenta os bens presentes
cuidar em males passados ;

O bem, quando bem se entende,
é quando está mais perdido ;

São os bens damnosa vida,
uns longes que nunca chegam ;

Não ha bens sem companhia,
nem mal com ella custosos ;

E' um sagrado de males
o que é verdadeiro amigo ;

Que passos tão vagarosos
traz o bem de um perseguido !

Olha só para a vontade,
não já para o que te dão ;

Aquillo que se defende
faz ser maior o obsequio ;

Os máos nos bons se conhecem,
os bons nos males se apuram ;

A fonte que se represa
corre depois mais ligeira ;

Quão caro, e com quanto damno
custa ás vezes um desejo !

Já agora, na nossa idade,
só tem valor bens da sorte ;

Cresce o preço co' o desejo
e a justiça co' a valia ;

Nada estima, tudo engeita,
quem só co' o seu se contenta ;

Tempo, desejo e cuidado
se quer para alcançar tudo ;

Não se estima, não se attenta
pelos bens da natureza ;

Quem vende bens naturaes
não devem de serem seus ;

Em só uma hora se perdem
os bens, que em muitos ganhastes ;

Não sente da sorte o mal
quem por seu gosto padece ;

E' o mal em nós natural
e os bens por accidente ;

E' divida o sentimento
no mal, que não tem remedio ;

Contra os males da ventura
é remedio o soffrimento ;

Sempre as horas do bem
tiveram mal de cobardes ;

Amor a ninguem perdoa,
a baixo nem alto estado ;

Jamais em o mal que fez
faltou a ninguem desculpa ;

Bem de amor e da fortuna
é comprado a mor valia ;

O que no bem vio o mal
vive seguro somente ;

Ninguem em o seu estado
vive com seu bem contente ;

Se o mal fôra por escolha
sempre escolhera o teu ;

Ninguem vive sem trabalhos
por mais que viva contente ;

Sempre parece melhor
o passado que o presente ;

Padecer pola verdade
que maior contentamento !

Por mais que seja o pezar
alegre vista o diverte ;

Sempre cuida o desvalido
que é sonho o bem que lhe vem ;

Num coração feito a males
mal pode caber um bem ;

Bem, custoso e arriscado,
faz mais preço no desejo ;

Depois que o mal trouxe o bem,
torna a gloria o mal em bem ;

Sempre leva a novidade
polo desejo atrás si ;

O que tem por si razão
é certo ser vencedor ;

Nunca jamais a fortuna
guardou a ninguem respeito ;

Sempre abateu a fortuna
aquelles que viu humildes ;

E' fonte qualquer peccado
donde manam infinitos ;

Como passa o bem ligeiro,
quando se sente perdido !

O mal que é dessimulado
custa mais caro que todos ;

E' a fé de um peito ausente
de amor alta perfeição ;

Não pode haver mor trabalho
que soffrer um descontente ;

No que ha de ser feito á pressa
é bem cabido o conselho ;

O estado mais humilde
é o mais seguro de todos ;

O que de enganos vivia
ha de morrer de verdades ;

O que quer saber segredos
jamais os teve a ninguem ;

Quem attenta no que falla
é só capaz de conselho ;

A virtude perseguida,
a verdade a favorece ;

Desegual, eguala amor
em duas almas o trato ;

O bem não soffre firmeza
que é violento, nunca dura ;

E' o mor gosto alcançar
uma impossivel mulher ;

Estimam gostos de amor
porque sempre custam caros ;

Aquelle que falla muito
não o tenhas por valente ;

A quem a consciencia accusa
de qualquer cousa se teme ;

Muito pode, muito obriga
amor e agradecimento ;

Não lia cousa que mais mate
que duvidar quem quer bem ;

Amor, de qualquer successo,
põe sempre a culpa a quem ama ;

Jamais soube descançar
o que sabe bem querer ;

Sem grande pensão de males
não dá a sorte algum bem ;

Em a prisão, entre os males,
se conhecem os amigos ;

O castigo ensina os máos,
mas dá mais contento aos bons ;

Em o fim se canta a gloria
e no porto da tormenta ;

Não pode haver nenhum bem
que trás si não traga mal ;

A vergonha na mulher
é a guarda mais honrada ;

Promette amor bens gigantes ;
mas são gosados meninos ;

E' moço, quem não tem mal,
rico, quem não deve nada ;

O máo vem a repender-se
quando já não tem remedio ;

Não é de amantes temer,
se não prevenir o damno ;

O fazer versos, e amar,
naturalmente ha-de ser ;

Não tem amor o que infama
a mulher, a quem pretende ;

Não se rende o que é honrado
a successos da fortuna ;

Não se pode, no que é força,
guardar a ninguem decoro ;

Tempestade é de verão
o vulgo, quando alterado ;

O que erra, e persevera,
animal é sem sentido ;

Muitas vezes paciencia
se satura co'a razão ;

Sem primeiro ser ouvido,
não pode haver condemnado ;

Mais firme o amor da mulher
é o que cresce co'o trato ;

São tempo, vento, e ventura
as palavras de mulher ;

Não matou tantos o damno,
como o proveito matou ;

Quem as desculpas escuta
já se obriga a perdoar ;

Sempre foi a piedade
attributo da nobreza ;

São os cantos solitarios
propria moeda dos tristes ;

Nada ha mais sem remedio
do que a nossa desventura ;

Quem nunca teve ventura
tem mais bem que quem a teve ;

Sempre são difficultosos
principios de qualquer cousa ;

Dobra a dor e o sentimento
cuidar em glorias passadas ;

Só nos montes solitarios
se pode guardar segredo ;

O que o seu mal dissimula
só sabe tomar vingança ;

Do respeito nasce o medo,
e do trato o menospreso ;

O não ser mudo uma hora,
dá mil annos de tormento ;

Nunca mudes a vontade
por não infamar teu gosto ;

Nunca se farta a fortuna
nem de queixas, nem mudanças ;

Sempre uma fé verdadeira
teve contraria a fortuna ;

O que trabalhos padece
só em dizel-os descança ;

Primor, é certo em queixosos,
soberba, nos venturosos ;

Quem do mal duvida o bem
do bem nunca lhe vem mal ;

A' vista de bens perdidos
é devido o sentimento ;

Para feitos valorosos
se fizeram cousas grandes ;

O que falla se arrepende,
quem não tropeça, não cae ;

Tudo aquillo que é forçado,
por mais que custe é barato ;

Mais partes dão o não ter
do que dão muitas riquezas ;

E' muito pera sentir
servir quem te não agradece ;

Nunca tem gosto e descanso
o pobrementemente casado ;

Mais triste estado que todos
tem o que inveja padece ;

A quem não tem coração,
qualquer cousa causa espanto ;

Aquelle que não se sente
de agravos, não é honrado ;

E' cruel cousa perder
o premio quem o merece ;

E' mui vil cousa pedir
inda que de qualquer modo ;

Amor que ha de ser forçado,
é mor trabalho que todos.

O não pagar firme amor
é a maior tyrania ;

Releva ao mentiroso
ter lembrança no que diz ;

Sem padecer, sem trabalho,
nenhuma cousa se alcança.

Nunca tem boa demanda
quem pede misericórdia ;

O que é mais rico que todos
é só quem vive contente ;

Nunca pode ter descanso
o que dos homens se fia ;

E' muito para estimar
honra que ganham trabalhos ;

Quanto menos se merece,
é mercê mais estimada ;

Ganham se os bens por ventura,
e por valor a grandeza ;

E' credito do que briga
auctorisar o seu credito ;

Todos morremos de um mal
por mais que tenhamos bens ;

O nascer, como o morrer,
é em todos igualmente ;

O nescio jamais procura
saber o que lhe convem ;

Não tem as partes ventura,
nem descanso o cubiçoso ;

De quem todos dizem bem
nunca foi bom julgador ;

E' pensão do que é privado
viver sempre com receio ;

Nunca acerta a desculpar-se
o que fez cousa mal feita ;

Não ha mor gloria, em amor,
do que amar e ser amado ;

Jamais se pode perder
o que procura bom fim ;

E' muito grande inimigo
o ter honra com pobreza ;

Por bem fazer mal haver,
é mor trabalho que todos ;

Não pode haver mal penoso,
entre boa companhia ;

Uma supita alegria
muitas vezes tira a vida ;

Ninguem fortuna levanta
que viva no mal seguro ;

O desprezo na mulher
nasce com a fermosura ;

Não são sempre venturosos
Os que levanta a fortuna ;

Não é seguro do tempo
o mais soberbo edificio ;

E' o mais seguro estado
aquelle que não se inveja ;

O que o estado levanta
logo é 'nelle conhecido ;

Aquillo que não se espera
causa o mais valente espanto ;

Não satisfaz ao desejo
o que nos pode faltar ;

Jamais falta que fazer
ao que quer bem occupar-se ;

A's vezes o saber muito
bota muitos a perder ;

O que é forte e generoso
não teme fortuna e fado ;

Quem com colera faz mal
nunca teme que lhe venha ;

Nunca pode acabar bem
o homem que vive mal ;

Nunca se pode acertar
adonde falta o conselho ;

O que innocente padece
só com o ser se consola ;

O que serve sem vontade
não procura grangear ;

Jamais pode com temor
ninguem fazer cousa boa ;

Se quem sabe quer ir bem
não sabe dissimular ;

O que na honra desfaz
é por faltar-lhe na sua ;

Aquelle que soube dar
jamais pode empobrecer ;

Só a virtude no mal
é a que cresce e se apura ;

Aquelle tem mais valor
que a si se sabe vencer ;

Uma mulher que é honrada
é o melhor que ha na terra ;

Nem sempre é bom o levar
a cabo todo o rigor ;

Não pode haver cousa grande
que um homem não mereça ;

Mais vale o que se merece
que o que cresce co'o o sangue ;

Emquanto nos dura a vida
passamos sempre miserias ;

Nunca duram muito tempo
enganos, sem descobrir-se ;

Jamais o homem descuidado
acabou cousa bem feita ;

O verdadeiro saber
é saber bem acabar ;

Dá grande contentamento
alcançar bens desejados ;

Inda que tenha riquezas,
o avaro não descança ;

Até justiça e razão
vence a força do interesse ;

Nunca a honra está segura
na bocca de maldizentes ;

Não pode haver mor cruel
do que na honra castiga ;

O que sobe pouco a pouco
nunca de todo descae ;

Nada dá contentamento
ao que lhe falta saude ;

Não se querem as verdades
porque sempre são custosas ;

Jamais andou com valor
o engano e agudeza;

Quem a vida tem em pouco
não tem nada que perder;

E' má de curar a fama;
mas facil de conservar-se;

Não se ganha sem trabalho,
nem se estima bem, sem elle;

Tudo o que é continuado
perde o preço nò desejo;

Aquelle só tem valor
que sabe vencer o medo;

Quem mal cuida, mal entende,
e quem falla se arrepende;

E' lei de cavallaria
não desfazer no contrario;

Quem acaba cousas grandes
lhe fica a fama por paga;

Só se podem chamar grandes
quem cousas grandes despresa;

A falta faz appetite,
o sobejo tira o gosto;

Quem aggravos dissimulla
é porque espreita vingança;

São contrarios da pobreza
adulação e valia;

E' muito certo enganar-se
quem da fortuna confia;

Ao que tem valor e partes
sempre lhe falta ventura;

Aquelle que menos sabe
mais de si cuida e presume ;

Aquelle que vive em males
em morrer começa a vida ;

Quem nunca teve trabalhos
sente os mais que quem os teve ;

Um coração magoado
tudo o persegue e magoa ;

Tem grande acrescentamento
aquillo que contam muitos ;

Nunca pode ser bem feito
o serviço sem amor ;

Sempre o tyranno medio
a justiça co'o poder ;

Só a virtude encoberta
não pode ser perseguida ;

Aquelle que males tem,
não pode viver contente ;

O mais honrado epitaphio
é o que vive na fama ;

Tem, o que é máo, com trabalhos
o que ha de pagar dep' is ;

Quem passa o tempo de balde
depois chora arrependido ;

Absolve de qualquer culpa
aspirar a causas grandes ;

E' peste ouvir desbocados
que se pega facilmente ;

Não ha de ignorar o grande
as cousas que lhe convem ;

Em amor é doce engano
aquillo que é mor perigo ;

Aquelle que a Deos não teme
não olha a nenhuma cousa ;

Nem o tempo sem fortuna
faz mais mudanças que a morte ;

Dá credito facilmente
aquelle que tem desejo ;

E' Deos só porto seguro
de verdadeira esperança ;

Tarde chegam as verdades
á magestade de um rei ;

De pressa acudir ao mal
é dar remedio discreto ;

Jamais em nenhum estado
foi discreta a confiança ;

E' a mor gloria que todas
saber perdoar injurias ;

Aquelle que é rei prudente
dá premio quando castiga ;

Jamais teve a piedade
a condição de avarento ;

Não tem dita a fermosura
porque não vive com partes ;

Jamais pode ser perfeito
o segredo descoberto ;

Não pode haver mor contrario
do que é um falso amigo ;

Vela o traidor quando sente
o descuido no innocente ;

Não que ha de succeder mal
tudo falta para bem ;

Jamais soube descãçar
o que soube bem querer ;

E' justo que os reis ensinem
a ser as leis respeitadas ;

Adonde falta o poder
ninguem sabe responder ;

Quando o poder for justiça
não pode haver bom governo ;

Adonde Deos não assiste
é donde não ha justiça ;

Erros nascidos de amor
assim têm certa desculpa ;

Merece todo o castigo
quem tem nome de invejoso ;

Jamais deu gostos o bem
que por mal se alcançou ;

Jamais tem parte segura
o descanso da ventura ;

Aquelles que leis inventam
é por viverem sem ellas ;

Ao que se compra com sangue
nunca lhe chames victoria ;

Quando vem a desventura
são os remedios em vão ;

Contradizer a verdade
é fazel-a mais fermosa ;

Em ter paciencia em males
consiste o saber vencel-os ;

Não causam males espanto
ao que padece innocente ;

Cumpre o dizer, o fazer,
quando ha razão, com valer ;

Faz os trabalhos suaves
faltar a culpa nos males ;

Jamais se verão virtudes
que não fossem perseguidas ;

Jamais falta em querer bem
ter sollicitos cuidados ;

Não ha sem riqueza amigos,
nem herege sem ter erros ;

Jamais o que foi traidor
deixou de ter arreceios ;

Adonde falta a razão
jamais poderão razões ;

Dá a conhecer o fructo
a arvore pela rama ;

Não ha guerra sem enganar,
nem victoria sem razão ;

Morte que a vida assegura
tem em si consolação ;

Aquelle que teme a morte
muitas vezes a padece ;

A morte, emquanto esperada,
dá mais pena que em passar-se ;

Morrer é mui triste cousa
mas ser morto é grande bem ;

Quando hão de vir os trabalhos
hade-se errar no que importa ;

Aquelle que de erros vive
sempre se arrepende tarde ;

O valor que está no peito
nunca se rende á fortuna ;

Nem sempre o mal se castiga,
nem são justiças justiça ;

De qualquer modo que seja,
mais pode amor do que a morte ;

E' muito pera sentir
o mal que vem trás o bem ;

Em os males se conhece
o que nas obras é justo ;

Não tenho por afeição
a que com outra se tira ;

Aquelle que se arreceia
sempre vive precatado ;

Nunca se estima a saude
senão depois de perder-se ;

Quem passa a vida em deleites
nem tem valor nem prudencia ;

Mais pode um exemplo só
do que muitas prégações ;

A lei, que é justa, jamais
agradou a bcons e a mãos ;

Não tem nome de mercê
o que é premio de serviços ;

A'quelle que é traidor
a traição guarda-lhe fé ;

O que fez sempre erros graves
deixou de ter gran castigo ;

O que seus erros esconde
perto está de arrepender se ;

Por mais que encubra, o traidor
em o fallar se conhece ;

O que cuida que merece
menos merece que todos ;

O bem quando perseguido
então vive consolado ;

O que vive de interesses
jamais fez cousa bem feita ;

Quem não sabe pera si
mal pode saber para outrem ;

Muito menos custa o céo
do que custa ter inferno ;

Não pode dizer que sabe
o que não tem experiencia ;

E' muito pera sentir
querer, e não ser querido ;

Nunca ter contraria a sorte
faz mudança em firme amor ;

E' muito pera invejar
o que sabe bem morrer ;

Republica, sem justiça,
nunca pode durar muito ;

Aquelle que em vicios vive
é mais captivo que todos ;

Mais vale o bem conservar
do que vale mal adquirir ;

A fazenda trata bem
aquelle que é seu senhor ;

Quem seu contrario despreza,
às suas mãos vem morrer ;

Mais vale o que é bom amigo
do que honrados parentes ;

Não merece ser juiz
quem se vence de paixão ;

O que sabe bem querer
só sabe males vencer ;

Aquelle, que pouco sabe,
nunca fez cousa bem feita ;

Nem sempre o que é bom soldado
pode ser bom capitão ;

Não se pode aproveitar
o que tem mudavel ser ;

Honra e temor do castigo
faz a muitos não errar ;

Sempre lhe falta ter dor,
a quem tem máo coração ;

Melhor é qualquer concerto
que favoravel sentença ;

Não ha seguro logar
no mundo, para trabalhos ;

Quem bem conhecesse a morte
nada do mundo quizera ;

E' mal que não tem remedio,
mal que captiva a vontade ;

E' fundamento de imperios
dar o premio e o castigo ;

Não tem a morte respeito
nem ás riquezas, nem sangue ;

A quem não mudaram gostos
mal podem mudar trabalhos ;

Aquelle que muitos temem,
por força ha de temer muitos ;

A quem venceram trabalhos
nunca teve soffrimento ;

A virtude perseguida
tem mui grande crescimento ;

O que mais tem mais deseja,
mal com que todos morremos ;

O mal que não tem remedio
nunca tem consolação ;

Viver quer dizer trabalhos,
quem os preza não os sente ;

As cousas que muitos veem
cada um julga a seu modo ;

Não ha governo de muitos
que possa muito durar ;

E' união de vontades
a amisade verdadeira ;

Aos deseguaes, em riquezas,
faz eguaes a sepultura ;

E' a linhagem peor,
a do que tem mais pobreza ;

Quem soube sentir agravos
jamais os soube esquecer ;

Jamais quem não tem ventura
em cousa alguma acertou ;

Jamais faltarão pezares
a quem de dal-os folgou ;

E' natural nas mulheres
folgarem de ser queridas ;

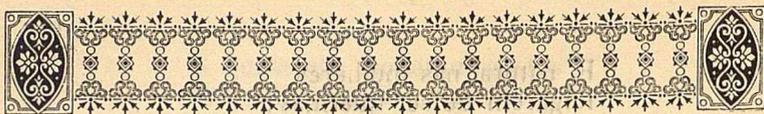
A companhia, no mal,
muitas vezes é remedio ;

Pouco val fé verdadeira
quando é mal agradecida ;

Jamais choremos a culpa
se não a dor que passamos ;

De inclinações semelhantes
se faz a boa amizade.





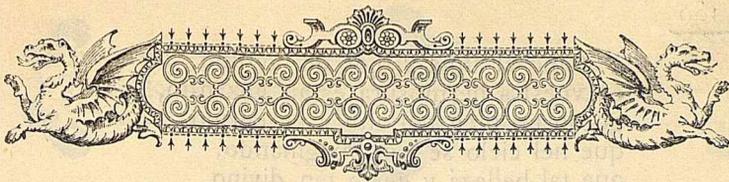
MOTE

La vida del amor es trabajosa



De imposibles t an varios su cadena
amor, a quien le sigue, ha fabricado,
que es muy custosa su amorosa pena,
y su gusto amoroso muy penado :
es desdichoso el mal que amor ordena,
siendo su bien en todo desdichado ;
y si es la muerte del amor gostosa,
la vida del amor es trabajosa.





De Luiz Mendes de Vasconcellos

MOTE

Los ojos que una vez pudieron veros
dulce señora mia, que otra cosa
tienen que desear si no quereros ?
y alegrarse de veros tan hermosa ?

GLOSA

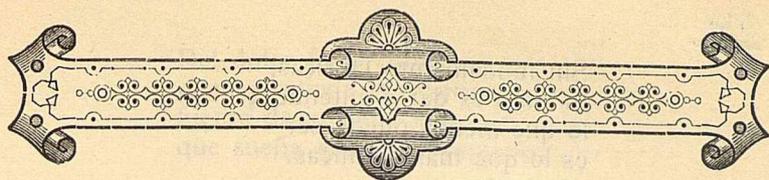
Habiendo por los ojos recibido
aquesta alma la gloria de gozaros.
teniendo en sí vuestra beldad unido,
por mejor desta suerte contemplaros,
queriéndoles pagar lo merecido,
en la memoria vuelve a figuraros ;
porque siempre ante sí puedan teneros
los ojos que una vez pudieron veros.

Y como el alma y ojos de contino
 en vuestra hermosura están gozando,
 gozan un bien tan alto y peregrino,
 que nel cielo se van imaginando,
 que tal belleza y gesto tan divino
 que no sois de la tierra están mostrando,
 y si no sois del cielo alguna Deosa,
 dulce señora mía, que otra cosa ?

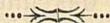
Si en solo contemplar vuestra figura,
 despues de veros los felices ojos,
 goza de tanto bien la parte pura,
 que lo mortal no siente sus enojos ;
 y si en solo ver vuestra hermosura
 se cogen tantas flores sin abrojos,
 que nueva gloria los que pueden veros
 tienen que desear, si no quereros ?

Aquella alma que vive sin deseo
 de solo su sustento sustentada,
 como los del empireo (si bien creo)
 deve de tanto bien estar pagada ;
 y pues mi alma en tantos bienes veo
 por ver tanta belleza en vos cifrada,
 veros deseara sin otra cosa
 y alegrarse de veros tan hermosa.





Esperanza



Esperanza desabrida,
poco mejoras mi suerte ;
que importa escusar la muerte
si matas toda la vida ?

Eres sombra del deseo,
jamás hablaste verdad,
muy cruel para piedad
y vida del devaneo.

Falso esfuerzo de paciencias,
error de la fantasía,
placer con hipocresía
todo lleno de apariencias.

Cortesianos fundamentos
de no obligar verdades,
donde malas amistades
pagan en ofrecimientos.

Sin fundamento fabricas,
tu trato es dar á entender ;
lo que menos puede ser
es lo que mas certificas.

De la color del deseo
te vé alma muchas veces,
por antojos tu apareces
yéndote hallar por rodeo.

Entras con buenos señales,
y agravas los accidentes,
no dás vida á los dolientes
y dasla á sus propios males.

Matas con buena intencion,
como el imprudente amigo ;
quieres que siendo castigo,
te adoren por galardón ;

Huyes de sanos consejos
y porque te vean los ojos,
tu misma le dás antojos
de desesperados lejos.

Todos te pagan tributo,
desde el grande hasta el menor,
el bien nos muestras en flor,
desapareciendo el fruto.

Tu ensalmo promete vidas,
con hierro ardiente labras,
y aun con menos palabras
quieres sanar las heridas.

Muerte viva al que te trata,
manjar forzoso del yermo,
algo en que passa el enfermo
el tósigo que le mata.

Loco desvanecimiento
engañoso pasatiempo,
donde se dá tiempo al tiempo,
y sueño al entendimiento.

Del dolor falsa cubierta,
que entretiene la razon,
fuerza de imaginacion
que sueña estando despierta.

Alma del desasosiego,
muerte del que mas te llama,
leña que ahogando la llama
despues dás mas fuerza al fuego.

Altiva y entrometida
donde menos hay porque,
miedo que puso la fé
entre la muerte y la vida.

Eres un largo morir,
ciego a los inconvenientes,
no ves los tiempos presentes
y allanas lo porvenir.

Mentirosa lisonjera,
aborrecible y amada,
que consiste el ser pesada
en ser liviana y ligera.

Tanto el alma no desea
como ella ofrece y promete:
es niebla que se entremete
porque el tiempo no se vea.

No cuentas horas ni leguas,
con nada te satisfaces,
Siendo enemiga de pazes
finges mentirosas treguas.

Hacia las partes mas altas
caminas contra corrientes,
faltas siempre porque mientes,
mas tu pocas vezes faltas.

Caes mil vezes de la cumbre,
nunca fuiste perezosa,
ni quieres admitir cosa
que desengañe ni alumbre.

Nunca nos dás libertad,
perpetua sed de cuidados,
siempre acompañan tus lados,
deseo y dificultad.

Aplacadora de iras,
falsa gineta encubierta,
que por cualquier cosa cierta
persuade mil mentiras.

En las cosas grandes tratas
aun que en los casos habitas ;
la muerte que solicitas
es la misma que dilatas.

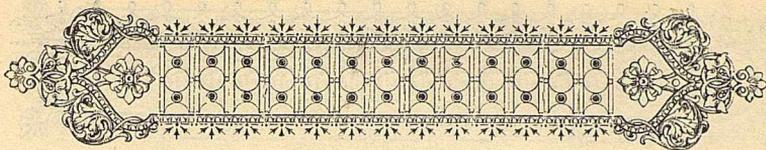
No sé si te tacharé
de continua e porfiada,
que una esperanza obstinada
estoy por decir que és fé.

Yo siempre lo conocí
aun que me dejé engañar ;
porque no se pudo estar
ni contigo, ni sin ti.

Todo lo difícil quieres,
vives mientras no se alcanza ;
mantieneste de tardanza
y con los efectos mueres.

Con tus fiados plazerés
el alma traes engañada ;
eres nada, y con ser nada,
todas estas cosas eres.





Freiraticos



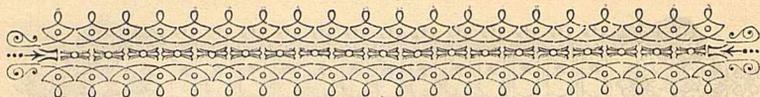
Importunos amantes de convento,
que com vento contrario navegaes,
e que bebendo o vento sempre andaes
pelo que menos é que o mesmo vento.

Por mais que ao vosso leve pensamento
sobre o vento por poupa, não ficaes
mais que correndo á vela, sem ver mais
que ter á vista a causa do tormento.

Passar serras, montanhas, aspereza,
grades estreitas, abbadeça esquiva,
córos de cada dia, ingrata freira ;

transtornar o commum de natureza,
ter liberdade em ferros tão captiva,
é gosto falso, é pena verdadeira.





*Na sepultura de Affonso de Albuquerque,
Governador que foi da Índia*



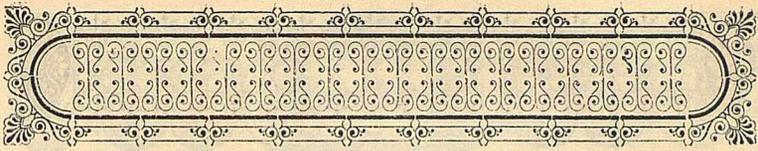
O corpo jaz aqui que o gran thesouro
de fé, de caridade e de esperança,
saber, justiça, esforço e temperança
guardou, ora nos céos divino ouro.

Venerou e temeu gentio e mouro
seu grave e santo aspeito, e a fiel lança
sempre ante elle venceu: tu que olhas, lança
fflores, versos na tumba, e palma, e louro.

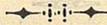
De reis vem, a reis serve e a reis sogiga:
tres sempre, e reinos tres duas vezes toma,
com mil triumphos uniu, e dois já morto.

Tal de infieis, presente o mundo ou Roma,
tal fiel mostre a edade nova ou antiga
como este, surto em paz no eterno porto.





Contrição



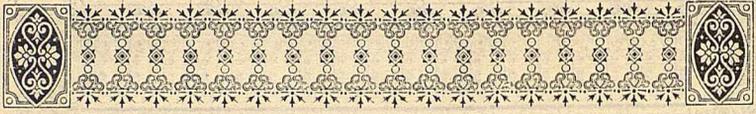
De tudo quanto fiz quiz fazer conta
antes de a dar ao tribunal divino,
e começando, pasmei, perdi o tino,
de um pouco que sommei ver quanto monta !

Quando uma conta tomo, outra aponta
de a quanto me levou o meu destino,
até á idade em que estou, desde menino;
da má conta que dou me nasce a affronta.

Que conta posso dar de um pensamento,
que adonde foi lhe foi mui mal contado,
sem rezão, sem porquê, sem fundamento ?

Dos peccados que fiz 'num só peccado,
que contas hei de dar sem ter intento
de me doer do presente e do passado ?





Amor



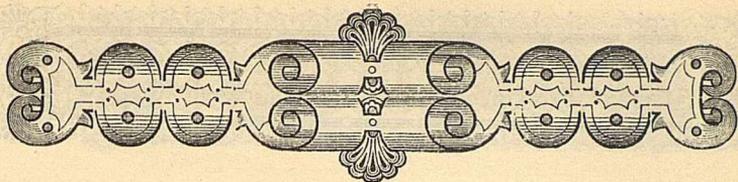
Quem me dera por lingua um raio ardente,
que os colossos abrija e abrasára,
os derreteria, unira e transformára
no amor que inflamma e arde suavemente!

Amor que tudo quer, nada consente,
amor que se não vê sendo luz clara,
amor que do céu vem e no céu pára,
amor que quem o sente não o sente,

amor que 'nalma imprime o ser divino,
que alumeando abre, e abrindo accende,
derrete unindo, une transformando,

amor que cá na terra é peregrino,
amor que attrahe o espirito e o suspende,
amor, emfim, que só se adquire amando.





Margarida



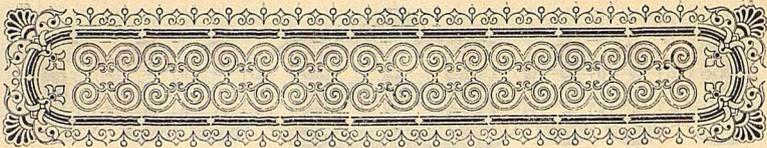
Navegue quem quizer pera o oriente
a possuir a pedra preciosa ;
seja pera outrem regia e valiosa
a fina prata e ouro reluzente ;

Mas eu só com vos ter estou contente,
pois entre as mais formosas sois formosa,
e, pera me render, tão poderosa
que vossas forças só minha alma sente.

Bem claro quiz mostrar quanto podia
perfeiçoando-vos tal a natureza
com o nome que vos deu de Margarida.

E dado que vos foi posto na pia,
trazeis já em tal tanta belleza
que a Margarida só era devida.





Saudade



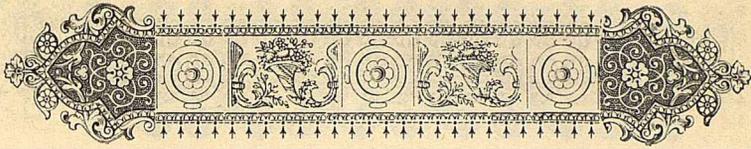
Entre as nuvens se esconde o pensamento,
corrido de se ver qual eu me vi,
e pela gloria antiga que perdi
me deixa hoje na pena o sentimento.

Armei redes no ar ao leve vento,
na arêa semeiei, n'agua escrevi,
edifiquei na arêa o que não cri;
que mal se deixa crer contentamento.

Pensamento cruel, deixa-me em paz;
que não querem meus males que te creia:
a quem os não souber teus bens publica;

Que eu sei que quem de ti mais conta faz
no ar, na arêa, n'agua e na ideia
arma, semeia, escreve e edifica.





Poder do amor



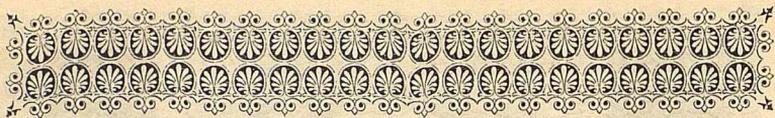
Que novo variar de pensamento
é este, a que me obriga minha estrella ?
soffrer não posso a pena, e sem soffrel-a
não poderei viver um só momento.

Pezar por uma causa e gloria sento,
sem causa rindo estou, choro sem ella :
de minha culpa eu mesmo dou querela,
da pena que me mata me sustento.

A rezão trago em deseguaes balanças,
d'aquillo que mais busco mais me arredo,
matam-me e dão-me vida as esperanças ;

Porém, com meu tormento estou tão ledo,
que se me faz fazer estas mudanças,
estou na causa dellas fixo e quedo.





De D. Francisco Rolim (de Moura?)



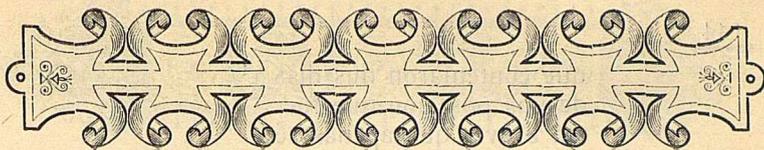
Dulces engaños de mis esperanzas,
sombras daquela luz que al pensamiento
dejó en prendas de contentamiento
mas entendidas sus desconfianzas,

alla fuistes, testigos de mudanzas
de un querer buelto en arrepentimiento,
aqui vereis subir el sofrimento
cuando declinan mas las confianzas ;

mas ya que en van lo prueva mi deseo
conquistar con firmeza aquella gloria,
do mas que la razon pudo la suerte,

baste me, al estado que poseo,
ver que la fé no prueva su victoria
mejor en algun paso que en la muerte.





MOTE

No es menester que digáis
cuyas sois mis alegrías
que á lo poco que duráis
bien parece que sois mías.

Alegrías que en tardaros
lo mismo sois que tardanza,
pues que solo en la esperanza
dais tiempo para gozaros ;
y que sirve desearos
pues solo esperanzas dais ?
si una eternidad tardais
y ni un punto os detuvistes
que mal sois y que bien fuistes
no es menester digáis.

Bien hayan los desengaños
de nuestro mayor contento,
pues en posesion, momento,
y en esperanza, mil años ;
bastan los pasados daños
en esperanzas baldías,

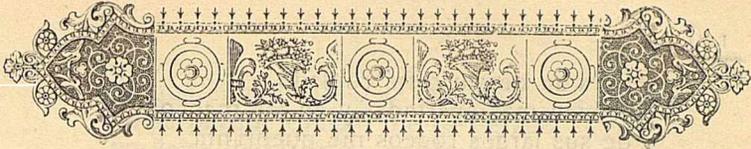
que contentaron mis dias (1)
de una posesion que fue
tan breve, que apenas sé
cuyas sois mi alegrías.

No vengais para volver
con prisa tan desigual,
que de vós es menor mal
esperar que poseer :
bien sé que no puede ser
gozaros aun que vengais,
que nel punto que llegais
por mias os desconozco,
y en nadie mas os conozco
que en el poco que durais.

Mudais la naturaleza
en el punto en que os poseo ;
fuestes tardanza al deseo,
y al gusto sois ligereza ;
no sé si os llame tristeza,
si de mis locas porfias
adoradas tiranias ;
mas mias quiero llamaros
que en el punto de gozaros
bien parece que sois mias.



(1) Faltava este verso, que compuz.



*Versos de D. Manoel de Portugal
a Jeronymo Corte Real, seu cunhado,
estando em Almeirim*



Dejaste las hermanas y la fuente
adonde fielmente eco responde
que nadie se le esconde al ojo amigo :
no sigue de enemigo las pisadas
de odio ensangrentadas, carcomido
de envidia su sentido apasionado :
lisonja a su lado en gesto humano,
como sincero hermano se mostrando,
está penetrando hasta el hueso ;
si va puro, si grueso el estilo,
si el delicado hilo se interrumpe,
la furia con que rompe tu concepto :
si es alto al sugeto, ó grato al vulgo,
de mi que no promulgo leyes graves
llevástelos suaves tus acentos ;
mis oidos atento escuchando
estaban, alagando mis pasiones,
que en tan diversos sueños desacuerdan,
que jamas se acuerdan en bien mio ;

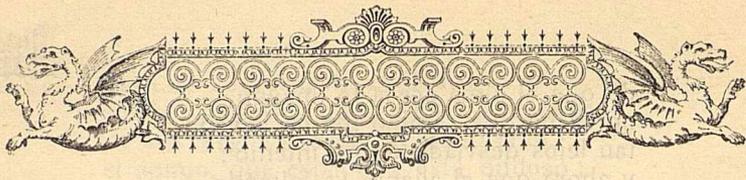
lleva su desvario mi cuidado
 al bien mas apartado, y en los meneos
 de sus largos rodeos me quebranta
 el ánimo, que espanta y está dudoso :
 despues al temeroso reino oscuro
 me lleva, no seguro de la vuelta,
 y toda su revuelta represiento.

Alli verás sin cuenta mis deseos
 daquellos gestos feos desviarse,
 y al bien determinarse ; mas volviendo
 al aire puro, y siendo dilatado,
 el pecho apertado, cuyo huelgo
 yo de nuevo me huelgo desdichado
 en el mismo cuidado diligente,
 que nunca lo consiente á mi sentido
 estarse detenido en lo mejor,
 y en paz interior siquiera un punto,
 gustando aquel transumpto de lo alto ;
 mas siempre en sobresalto recelando
 y en pasion fluctuando, como de antes,
 los eternos amantes, que del cielo
 miran el desconsuelo miserable,
 volando el saludable contra el vicio.

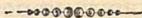
Divino ejercicio nos presienta,
 de sus canciones cuentan los motivos,
 que en cantares altivos y enlevados
 estan adeosados todo el día :
 de donde se inferia la dudosa
 cuenta, da quel que osa dilatando
 y a si, enagenando su talento
 por niebla, sombra, y viento casi hurtado
 llevar por lo vedado su recelo,
 la vena que del cielo se deriva
 daquella fuente viva y dulce espanto,
 a quien eterno canto solo deve
 el hombre que se atreve a lo contrario.

Mira cuan voluntario, y cuan remoto
 es el genio inmoto, que me inclina
 a ti, y me avecina a conversarte,
 que descanso hablarte, en esa empresa,

de que el alma acesa te imajino,
no sé porque camino me ha llevado
tan lejos desviado de mi intento ;
y ahora que el aliento va faltando,
estan multiplicando por momentos
razones y argumentos, que concluen ;
mas luego alli me huyen de las manos
volando livianos pues no pueden
llegar á ti, que queden en mi gusto,
volviendo á ese injusto apartamiento
no sé elegir qual siento ver tu verso
elegante y terso, derramado,
en este despoblado pedregoso
do temo el odioso cerco agudo,
y mucho mas el rudo movimiento
de un grueso elemento mal mezclado,
que fuerma de su grado en el seno,
y que todo está lleno, muy ufanas
las miserables ramas importunas
de encharcadas lagunas, porfiando
de estar inficionando el aire puro,
y no dejan seguro apartamiento
a do subes si intento lastimable
haciendo incomputable disonancia
no apague la elegancia mas sonora,
pero revivo ahora por tu parte
pues quizo el cielo donde grato objeto
que con tu alto y electo entendimiento
te esté escuchando atento y divertido
del curso que el sentido sublimado
le trae fatigado y asi se inclina
que casi ya reclina su cansacio
sobre el verso, y de espacio se recrea ;
mas mientras se pasea por su rama,
tu hiedra, que desama bajos troncos
ni los bramidos roncós de las fieras,
ondas, ni las esferas ya rompidas
de llamas despedidas con furor,
jamás harán rumor que apague y esconda
en la letra honda el dulce canto,
que tu sublimas tanto qual se deve
á ingenio que se atreve á un tal sujeto,
que asi lo harás perfecto, que de un polo
al otro, sonará su nombre solo.



*De Gabriel Pereira de Castro
a uma sepultura⁽¹⁾*



Aqui a cinza de um pastor se encerra
que ao gado seu e ao mesmo céo fugia ;
não tem pedras, que toda a pedraria
largou das mãos depois de vir da serra.

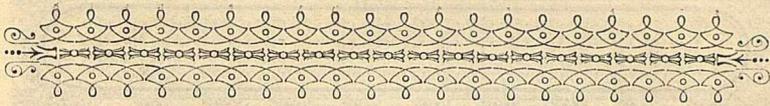
A Parca justa, que outras vezes erra,
aqui quiz que cerrasse o ultimo dia ;
que quem a terra em que nasceu vendia
nem morto o quer a sua propria terra.

Comprou sua fortuna e fixa a teve
com prégos de diamante, instabil roda,
té ser da força superior vencida :

Chorou sua infausta morte a Hespanha toda ;
porque deu muito, e como a tantos deve
sem razão, mas com causa, foi sentida.



(1) De D. Alcixo de Menezes, Arcebispo de Braga, morto em Madrid, onde era o Presidente do concelho de Portugal.



Cuidados amorosos



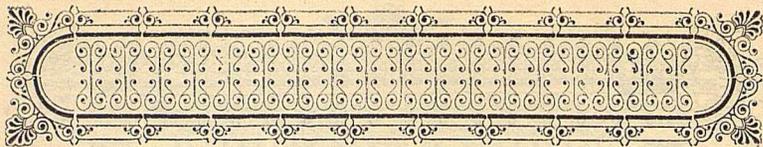
Assim como houve Fenix, que renova,
vos vejo, meus cuidados, renovados,
convertidos em tão novos cuidados
que não sei pera dar nova mais nova.

Minha alma se tornou peito de prova
por vencer desenganos escusados ;
com todos os sentidos escudados,
a campo chama a causa que reprova.

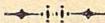
De um frecheiro, pequeno cego e crudo
vencida ficarás, que não me engano,
que per capitão vae d'aquesta empreza.

Quanto mor resistencia, maior damno
fará o vencedor, que vence tudo
'num peito isento e cheio de crueza.





Contas a Deus



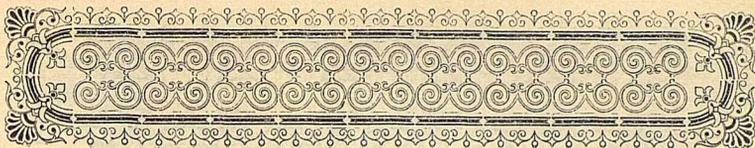
Vinde cá, pensamento, vinde á conta,
dae conta donde fostes e viestes ;
que conta me dareis do que trouxestes ?
sommae a conta bem, vereis que monta.

Dae conta, alma, de vós, e estae mui prompta
a dar conta de tudo o que fizestes :
contae quem bem vos quiz, quem vós quizestes,
que sendo bem, tambem se vos desconta.

Dae-me conta da despesa e recebido ;
sommae e vede bem se é conta certa,
desde o tempo contae que haveis nascido.

A conta aclarae bem, sem ter referta,
que como não for conta de perdido,
da gloria achareis sempre a porta aberta.





Desalento



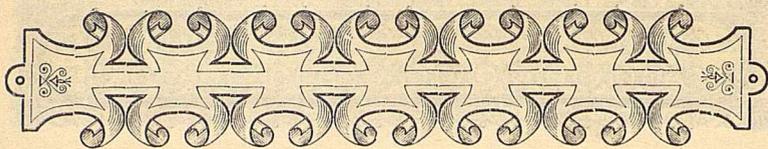
Perdi-me dentro em mim como em deserto,
minh'alma está metida em labyrintho,
e posto em tal estado já me pinto
cair 'noutro maior, 'nelle encoberto.

Tenho o remedio longe e a morte perto,
pois mouro do que temo e do que sinto,
se alguém me quer valer não lh'o consinto,
por vir o que receio haver mais certo.

Nova invenção de mal, novo tormento,
ser cutélo da vida a mesma vida,
ser desatino usar do entendimento!

Vingae-vos, dor cruel, mal conhecida;
que á vossa custa sei do pensamento
que em grande dor não ha vida comprida.





Paga de amor



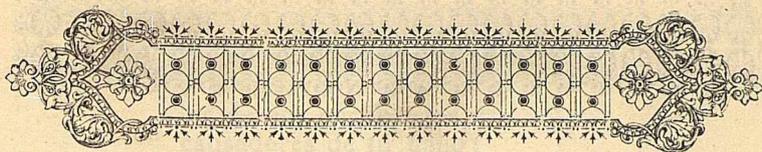
Primicias do meu infelice estado
vos dou, senhora, em paga a vós devida ;
já que a causa de vós é procedida
seu effeito tambem vos seja dado.

Pelo licor vereis o que hei calado,
que me entristece alma e acaba a vida :
não choro já por causa conhecida,
se não porque com causa me é forçado.

Pagar-vos de outro modo não me atrevo ;
que pera vos pagar quanto quizera
sabei se mais vos pago mais vos devo.

Todo o bem que em mim ha, se o tivera,
vos dera com mor gosto do que o escrevo,
se o que desejo dar dar-vos podera.





Descripcion de Madrid



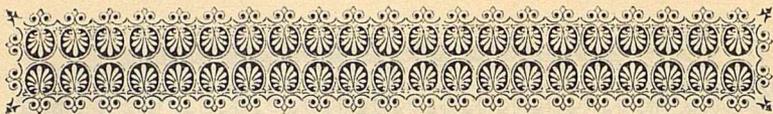
Grandes mas que elefantes y abadas,
titulos liberales, como rocas,
gentiles hombres solo de las bocas,
discreto cavallier llaves doradas :

Hábitos, pleitos, cambios, embajadas,
confusa multitud de damas locas,
carrozas de ocho bestias, y son pocas,
con las que las tiran y son tiradas ;

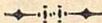
cata riberas, animas en pena,
con Bartolos mezclada la milicia,
y los derechos con espada y capa ;

caras y pechos todos á la milicia,
todos con perejil y yerba buena,
dichoso el hombre que de sí se escapa !





Provas (1)



Ya se te viene llegando
aquel tiempo, hermano mio,
que todo tu señorío
perderás burla burlando ;
que en verdad
como sea tu bondad
de inocencia ceñida,
no sentiste la maldad
en tus consejos tejida.

Los que por amigos tienes
mas que no á tus hermanos,
fueron sus consejos sanos
á provecho de sus bienes ;
estos tales
sus pensamientos caudales
son bien como podrá ser,
maiores cosas haber
fueron de tus leis mentales.

(1) De D. Nuno Alvares Pereira, quando casou a Princesa D. Maria com o Principe de Castella D. Philippe, no anno de 1543, em que parece que profetisou a morte do Principe D. João, que Deus tem.

Si por caso no me engaño,
entonces verás abiertos
los deseos encubiertos,
causadores de tu daño ;
cuan comprado
lo que poco ha costado
a quien lo quiziese dar,
y no dejan de burlar
de como te han burlado.

Que los que no son dudosos
mas verdaderos consejos,
saldrán dellos pichalejos
que no sean codiciosos ;
que amicicia
no concorda con codicia ;
porque lleve el codicioso
jamás se vió piedoso
ni de Dios temer justicia.

Y aun para peor ser,
en cosa tan varonil,
trocaste tu parecer
por un loco feminil ;
si supieras
en tus pasados pudieras
ver cuanto mal ordenó
una mujer, que quedó
la qual Dios quitó de veras.

Si muchos hijos varones
tuvieras, pudiera ser
que los consejos de ayer
fueron dignos de perdones ;
pero cata
si te Dios un solo mata
de lo qual no estás muy lejos
á tus gemidos y quejos
no valdrán oro ni plata.

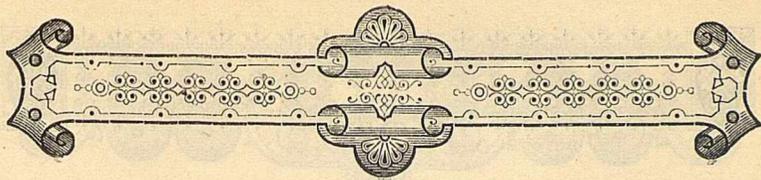
Aquel tu deudo amigo
que á tu cuesta haber procuras,
no te engañen las pinturas
dulces que trae contigo

que su fuero
és llegar como cordero
hasta donde pueda hallar
cosa que pueda tragar,
como lobo carnicero.

A tus hermanos carnales
deves crer y haber por cierto
que lumbrarás tan reales
te darán seguro puerto;
que tal par,
Dios te los quizo dejar
por tirarte de contiendas
si á otros te encomiendas
mal trás mal hasde pasar.

Y desto que aqui te digo
á sombra de profensia,
á Dios tomo por testigo;
el és que mi lengua guia;
y puede ser,
que el que pensó hacer
á encencios sin provecho,
que se vuelva en despecho
su retorcido saber.





Mal de amor



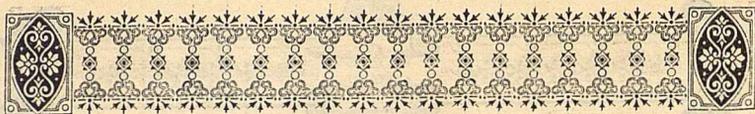
O mal que me atormenta não se entende,
e até quem o faz o não conhece:
a alma que de contino arde e padece,
que em si o sente, só esta o comprehende.

Podel-o descobrir se me defende,
e rezão encobril-o me parece;
mas, porém, encoberto, tanto cresce
que quanto mais o encubro mais me offende.

Ainda que este mal venha a matar-me,
nunca o saberá já de mim a gente;
que mor mal que morrer é publical-o;

Mas não pode tambem ninguem tirar-me
que a causa por quem mouro, peno e calo,
é tal que no mor mal me faz contente.





DE D. JOÃO D'ALMEIDA

A Camões

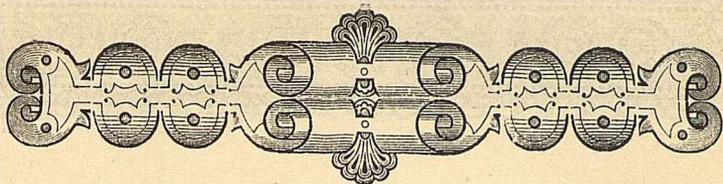
(Só os tercetos de um soneto)



Do illustre Gama os feitos celebrados
tanto de espanto tem por ti escriptos
quanto tem de terror por elle obrados.

Descobridores ambos inauditos,
elle, de mares nunca navegados,
tu, de conceitos nunca de outrem dítos.





De D. Nuno de Mendonça

AOS PAÇOS DE ALMEIRIM



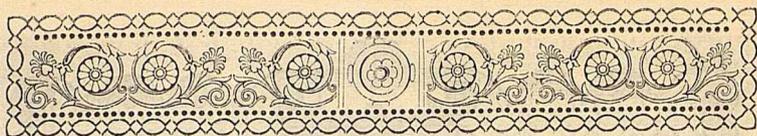
Vestigios pera magoas conservados,
torres que levantadas sois ruinas,
se deixastes cair as vossas quinas
pera que são castellos levantados?

De conservar os dons mais sublimados
fostes, ó torres, pouco tempo dinas,
e em baixa sorte sois adamantinas,
pera nos conservardes magoados.

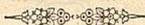
Fostes a passatempos dedicados,
passou por vós o tempo de alegria,
fizestes vosso officio em nosso damno.

Venceis emfim, o tempo, com a perfia,
pera que em morrer, quaes sepultados,
de letreiro sirvaes ao desengano.





Amor, gloria e cruz



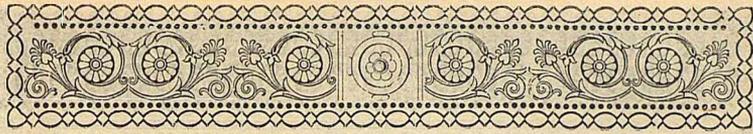
Amor trouxe Jesus da gloria á cruz,
Amor de cruz ensina amor de gloria,
Amor nos descobriu gloria na cruz,
Amor nos deu na cruz posse da gloria :

Amor nos mede a gloria pela cruz,
Amor de cruz ensina amor de gloria,
Amor que gloria quer funda se em cruz,
Amor fundado em cruz pára na gloria :

Amor é preço igual de gloria e cruz,
Amor, nuvem de cruz, é sol de gloria,
Amor perto de gloria em mais de cruz.

Amor honra na cruz, gosa na gloria,
Amor une na terra, gloria e cruz,
Amor donde ha mor cruz tira mor gloria.





De Pero da Costa

Feito no tempo das alterações de D. Antonio, sendo ainda vivo el-rei D. Anrique



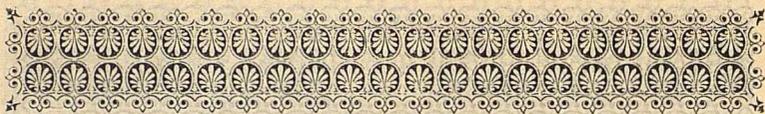
Quem segues, Portugal? Ao que me offende.
Quem deves de seguir? Ao que Deos manda.
Per onde queres ir? Per onde elle anda.
Deos quer a defensão? Justiça se entende.

Não quer justiça el-rei? Elle a pretende.
Dos outros que dirás? Que um pende á banda.
O outro que mais anda? Mais desanda.
Quem faz tamanho mal? Quem o defende.

Quem tem per si justiça? A lei o diga.
E tu não o dirás? Dir-me-ão: és parte.
Pois louva te em juiz. Deos não me obriga.

Em armas te pões logo? Não as de Marte.
Pois dize-me de quem? Da parte amiga.
E estas onde estão? Na melhor parte.





CANTIGA

De D. Manoel de Portugal

A uma cadeia de vidro, que se quebrou

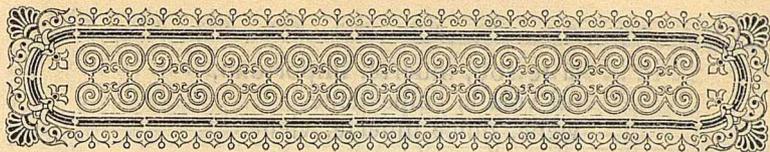
—i.i.—

Tan estraña és la aficion
do mi alma está em pena,
que aun quebrada la cadena
és mas fuerte la prision.

Aun que en mi todo podeis,
este amor ha reservado
que mi dichoso cuidado
jamás de vós lo mudeis.

Si os lastima mi aficion,
que hareis? pues en la pena
se acrecienta la prision,
com quebrarse la cadena.





Provas feitas a esta cantiga

Viene, dulce muerte, viene,
mi desdicha te detiene...

Al que tiene de morir
dilatada muerte espera ;
que si la lei lo condena,
dos vezes muere en vivir :
solias, muerte, venir.
ahora que me conviene,
mi desdicha te detiene...

Suele ser la muerte vida
a quien ventura se esconde,
viene cuando aborrecida,
deseada, no responde :
dime, dulce muerte, adonde
te hallaré, que me conviene,
mi desdicha te detiene...

Teme morir quien pretende
esperar remedio alguno,
pero no el que entiende
su mal no tener ninguno ;

si te soy, muerte, importuno,
mi vida la culpa tiene,
viene, dulce muerte, viene.

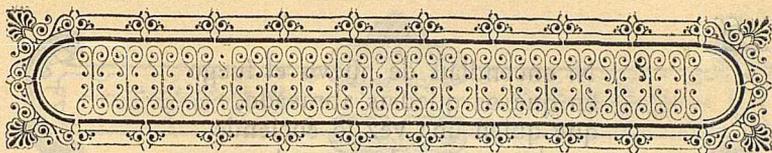
A quien amó y ventura
tiene dado el desengaño,
si el morir acaba el daño
querer vivir és loucura,
pues mi mal y desventura
otro remedio no tiene,
viene, dulce muerte, viene.

La muerte tiene por vida
el que la tiene penada,
libre, cuando deseada,
viene, cuando aborrecida,
no dilates tu venida,
viene, dulce muerte, viene,
mi desdicha te detiene...

Quando la vida és penosa
és la muerte bien venida ;
mas en la dulce y sabrosa,
suele ser aborrecida :
ya que mi ventura y vida
otro remedio no tiene,
viene, dulce muerte, viene.

No te tardes, dulce muerte,
pues me ves en tal estado,
que, si morir és forzado,
el vivir és cosa fuerte ;
acabar és mejor suerte
al que remedio no tiene ;
viene, dulce muerte, viene.

Al que está certificado
que tiene de padecer,
enemigo suele ser
el verdugo descuidado ;
si al triste afortunado
acabar solo conviene,
viene, dulce muerte, viene.



No pensais que és cobardía
el no acabar lo empezado;
que acabar és de dichosos,
como emprender és de honrados.

Y por salir con victoria
no está ninguno obligado,
no lo estado de su honor
á perdelo ni arriscarlo.

Quando el tiempo y fortuna
el poder que habéis dado,
y pues no os haze servicio
no queráis ser esclavo.

Romance

de Jorge Hurtado

No hagais, pensamiento mio,
el vulto tan levantado,
que no llega el que mas sube,
ni alcanza quien no ha llegado.

Ni vas trás vuestro deseo
tan ciego y tan deslumbrado,
que os pueda descomponer
desengaño no esperado.

Bajad vuestra esperanza
antes de ser derribado;
que és peligroso el caer
y mas cuando és de mas alto.

No queráis ser venturoso
si pensais ser desdichado,
que és muy custoso ser cuerdo
á precio de temerario.

Ni encendiais de nuevo el fuego
 en que os quedais abrasado,
 que quien una vez lo enciende
 muchas no puede apagarlo.

No penseis que és cobardia
 el no acabar lo empezado;
 que acabar és de dichosos,
 como emprender és de honrados.

Y por salir con victoria
 no está ninguno obligado,
 no lo estando de su honor
 á perdelo ni arriscarlo.

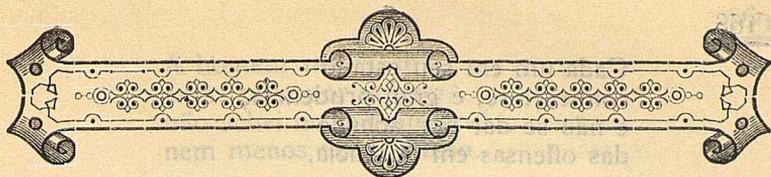
Quitad al tiempo y fortuna
 el poder que habeis dado,
 y pues no os haze servicio
 no querais ser mas su esclavo.

Que tienen los pechos nobles
 á vezes por menor daño,
 una pérdida esperanza,
 que uno deseo dilatado.

Sacad de sus sinrazones
 con que os ha desobligado,
 conocerle y despreciarle
 quedar és libre y envidiado.

Que no hay venganza mayor
 de un injusto y de un tirano,
 que despreciar su poder
 el que ha sido su vasallo.





Provas

Accrescentadas ás do Conde do Vimioso

Grande fazenda é o siso
a quem d'elle sabe usar:
nunca vi aproveitar
fallar mal em prejuizo.

Muito saber é damnoso,
gran trabalho ser leigal;
o saber fundado em mal
para a alma perigoso.

Muito vence quem se vence,
muito diz quem não diz tudo:
ao que é discreto pertence
a tempo fazer-se mudo.

O que de si fizer ponte
terá vida, será ledo;
e por captivo se conte
quem d'outrem fiar segredo.

Cada um em seu estado
conhecer-se, é gran prudencia,
e não se dar por achado
das offensas em ausencia.

Da offensa, esquecimento
gran mezinha dizem ser ;
grande perda perder tempo,
maior não no conhecer.

Conforme ao tempo viver
e á terra e ao estado,
obrigação deve ser
do que for bem attentado.

De equal conversação
costume é nascer despreso,
requer-se primor e peso
no conversar, e eleição.

Malicia dissimulada,
não ha na vida mor mal,
nem nenhuma peste equal
á maldade colorada.

Nunca vi, onde ha engano,
poder obrar a virtude ;
que gran descanso e saude
é vencer com desengano.

Onde ha malicia escondida
que innocencia pode haver ?
a virtude deve ser
natural e não fingida.

Inda que traga o engano
muitas aguas de bondade,
não dura muito seu damno,
nem fingida santidade.

Nunca falsos sentimentos
poderão muito durar :
onde a obra soe faltar
vejo supprir cumprimentos.

A homem malicioso
antes tel-o por imigo:
não achei no mal amigo,
nem menos velho ditoso.

A mais discreta vingança
é, podendo, fazer bem:
quem cuida que amigos tem
não nos prove na balança.

O que a máos perdoou
aos bons fez grande offensa;
quem com tredos dispensou
pera o matar deu licença.

Ao amigo que é geral
não se lhe agradece o bem;
menos trabalho se tem
na virtude que no mal.

O medo e o perigo
cerram portas ao conselho;
o que nos males é velho
só Deos acha por amigo.

Os homens com os officios
declaram a condição;
pol-a verdade e rezão
não vejo dar beneficios.

O vicio é no devedor
fazer offensa a quem deve;
emquanto a paga deteve
é captivo do acreedor.

Medo e necessidade
mui grandes cousas inventam:
os homens que se contentam
tem riqueza e liberdade.

Piedade, auctoridade,
rigor, requer o governo:
nunca vi mais certo inferno
que fingida santidade.

Na republica menos damna
 o mau príncipe, que o privado;
 ser mal ou bem inclinado,
 o mal e bem d'elle mana.

Natural dos homens é
 a piedade e compaixão;
 nos príncipes, porque o são,
 mais lustrosa ser se vê.

Senhor que quer saber tudo
 muito deve perdoar:
 tosque o pastor sisudo
 e não deve de esfolar.

Tudo soffre e tudo faz
 o mercador por dinheiro:
 não pode viver em paz
 o que for meixeriqueiro.

Aos prósperos da vida
 se obedece e faz resenha;
 mas, em arvore caída,
 nem sequer vae fazer lenha.

Não tache ao innocente
 sentir se sendo offendido:
 o são visita ao ferido,
 o mal é de quem o sente.

Em condição bellicosa
 é um milagre a mudança,
 humana e piedosa;
 a porfia vence e cança.

Os males têm um só bem,
 que é d'elles ter vergonha;
 brandas palavras, peçonha,
 engano e veneno tem.

Não se deve de perder
 a estrada per atalho:
 bom é viver sem trabalho
 melhor com honra morrer.

Esperança é de emenda
tudo peccar com vergonha :
triste do bispo que sonha
em athesourar fazenda.

Ao bom é grande honra
ser do máo escarnecido ;
nunca vi maior deshonra
que delles andar temido.

Fugir della, é desejal-a,
accetal-a, não é siso,
em aldeias procural-a
visco é e prejuizo.

A verdade dos prudentes
não devem pecos julgar,
nem offensas de innocentes
os culpados castigar.

A quem perdeu a verdade
não lhe fica que perder ;
muito se deve temer
não perder auctoridade.

Não se deve nunca ao medo
pedir conta nem rezão ;
peccados de ingratição
não perdoa Deos tão cedo.

A fraqueza do amigo
deve se dissimular ;
e mais é pera guardar
de encoberto inimigo.

O alheio procuramos
saber, e calar o nosso ;
mas o bom e virtuoso
foge do que nós usamos.

Não ha estado contente,
nem vi bonança segura :
quem se fiar da ventura
ficará mais descontente.

Dar afflicção ao afflicto,
 não é obra de christão,
 convem na tribulação
 ter emenda e ser constricto.

Nas perdas maior espirito
 se requer, do que no bem;
 paciencia, cor constricto,
 conformar com Job tambem.

Bom amigo, quem o tem
 faça delle gran thesouro;
 mas já o não é ninguem
 mais que emquanto dura o ouro.

A' amisade, ao que parece,
 anda o nome corrompido,
 é já mulher de partido,
 que se dá por interesse.

A homem malicioso
 não se deve conversar:
 o christão e virtuoso
 foge de ouvir murmurar.

Residir, e visitar
 é officio de prelado;
 pera vigiar seu gado
 não lhe cumpre descansâr.

Para adquirir vontades
 é gran parte o sofrimento:
 ninguem pode ser isento
 se não tiver calidades.

Tres cousas dizem que são
 que desamparam o triste:
 saber, e reputação,
 animo com que resiste.

Nunca grandes confianças
 deixaram de custar muito:
 poucas vezes vi dar fructo
 a serviços nem privanças.

A fortuna e a tormenta
 não-se de tomar a peito :
 quem de pouco se contenta
 vem de ser fraco sujeito.

Dos amigos que se escondem
 no mal, não ha que fiar ;
 o seguro era fallar
 com muitos que não respondem.

Nunca vi mor desfadado
 que a tempos enfadamento :
 perfeito contentamento
 não no tem nenhum estado.

O que jura, por ser crido,
 de si mesmo tem suspeita ;
 poucas vezes foi acceita
 quem pragueja em escondido.

Não pode em nada acertar
 quem tem baixos pensamentos,
 e grandes enfadamentos
 vem de muito conversar.

Nunca vi pouco fallar
 que lançasse não á costa :
 quem a escudeiro se acosta
 não lhe dão condes logar.

De bom zelo soe avir
 o fazer justiça a medo :
 quem a si não tem segredo
 mal pode a outrem encobrir.

Muito gosta a auctoridade
 ser de igual condição :
 o que vive da verdade
 não nega conta e razão.

A auctoridade e o gosto
 deu sempre recolhimento ;
 despreso, brigas, desgosto
 em praças ajuntamento.

Trabalho é entender;
descanso não saber nada;
a tempos muito saber
ante senhores enfada.

Soffra offensas do imigo
o que sabe ter-lhas feito:
oprimeiro no perigo
o é na honra e proveito.

Do que uma vez foi tredo
não se deve de fiar;
o poderoso com medo
deve do poder usar.

Nunca vi atrevimentos
succederem sempre bem;
seguros contentamentos
não os procure ninguém.

Quem de si muito confia
se encontra mais enganado:
por imigo declarado
do que temo, me daria.

Pouco perdeu na fazenda
quem com má vida a perdeu:
quem no mal envelheceu
acaba antes da emenda.

Melhor soffre reprehensão
todo estado que desprezo;
quem vive por conta e peso
terá vida e salvação.

Menos odio e mais favor
com a gente procuremos:
de prudente e sabedor
é nunca seguir extremos.

No conselho muito val
se precede auctoridade;
mas, sobre tudo, verdade,
amor, e tenção leal.

Competencia no amor
Causa é de mais amar ;
aggravos e desamor
partes são para o deixar.

Muitas vezes se submete
o honesto ao necessario :
ao que é valente compete
temer o fraco contrario.

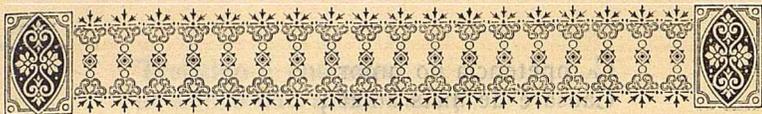
Em negocios de substancia
menos palavras, convem :
as humildes, força tem
em os casos de importancia.

Sempre vi parecer mal
todo o bom a mau juizo,
regeitar o natural
por estrangeiro vindico.

Pouco deve de alcançar
o que suas obras gaba :
trabalho é começar
a vida, quando se acaba.

Viveu quanto quiz na vida
o que escolheu por sorte,
acceitar antes a morte
que ter vida aborrecida.

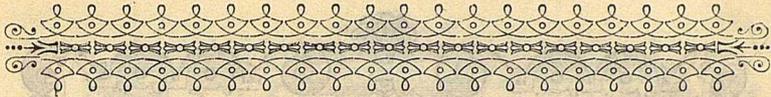




*Do Condestavel D. Alvaro de Luna
a uma dama, que o engeitou a elle por outro,
a quem chamavam Robles*

Entre vós, damas, hay una,
por ser yo hidalgo pobre,
que dejó plata por cobre,
trocó fuente por laguna,
trocó Paris por Procuna,
trocó dulce por salobre,
quiso mas sombra de roble,
que nó resplandor de luna.





De auctor incerto



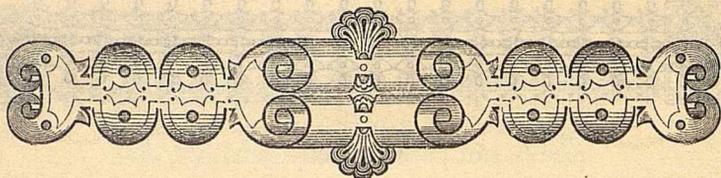
Foge-me diante dos olhos a esperança
com que um menino cego me enganava,
e como viu que della me pagava,
mostrou-se arrependido da tardança.

Já traça contra mim dura vingança,
em desconto da gloria que gosava,
ou por negar-me o bem que me mostrava,
ou por mostrar que o mal não tem mudança.

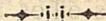
Trouxe-me á vista sempre minha gloria;
porque tomando forças deste engano,
me não faltasse a vida no tormento.

Assim, por gloriar-se da victoria,
o bem, que era triaga de meu damno,
o tomou contra mim por instrumento.





De D. Manoel de Portugal



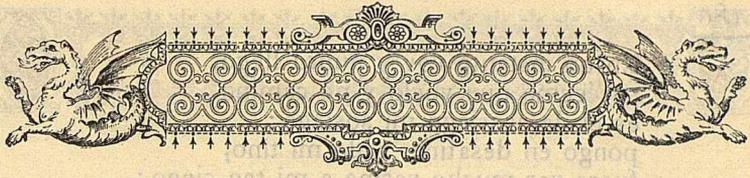
Por mais que o brando lirio entre a espessura
ora se deixe ver, ora se esconda,
e nos vales fingidos que responda
pareça echo Apelles na pintura ;

E por mais que a toda a creatura
natureza aos olhos corresponda,
ou na terra esmaltada, ou mar sem onda,
variando encareça a fermosura,

Das flores e verdura, que apparece ;
por mais que a fertil copia o campo vista,
por mais que em terra e céo ver se offerece,

E eu tão longamente em vel-o insista,
só em vos imaginar a alma espairece,
em vossos olhos só descansa a vista.





De auctor incerto



Sospechas, confusion, contradicciones,
aparencias, designios, devaneos,
la verdad, la razon, las sinrazones,
pensamientos, temores y deseos;
el no hallar una en tantas ocasiones,
verme atajado á manos de rodeos,
no me dejan saber que me sustenta
donde la obstinacion se desalienta.

Soy de puro rendido, porfiado,
doyme em precio del daño que recibo,
persigueme el descuido y el cuidado,
aire no alcanzo, y en el aire estribo;
en mi, un ligero bien es mal pesado:
mil torres edifico, que derribo,
con pecho de cristal cera y acero,
vivo de los contrarios de que muero.

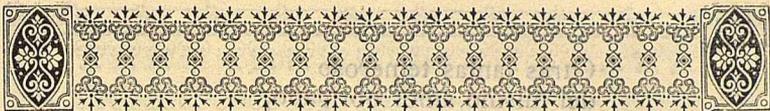
En un instante voy y nunca llego,
 pareceme que vuelo y no camino,
 es el desasosiego mi sosiego ;
 pongo en desatinar todo mi tino,
 fuera ver mucho verme a mi tan ciego ;
 nadie prevengo y todo lo adivino ;
 si me quiero hallar con el seguro puerto,
 piérdome dentro en mi como en desierto.



A' morte do Principe D. Carlos, de Castella

Naci de abuelo y padre sin segundo,
 de grandes reinos principe heredero ;
 llené de miedo y esperanza el mundo,
 joven y ardiente y de animo guerrero :
 la muerte al punto derribó al profundo
 las esperanzas de tan alto vuelo.
 O' suerte humana, quien de ti confia !
 que ayer fui Carlos de Austria, hoy tierra fria . . .





Provas de auctor incerto

Un atrevido temor
y una cobarde osadia
me causa un ciego que guia,
que suelen llamar amor.

E's mi amigo y contrario,
enemigo de reposo,
hazeme estar temeroso
tanto como temerario.

Y asi por participar
del uno y del otro extremo,
aventuro lo que temo,
y temo el aventurar.

Mil veces de puro amor
digo contra el sufrimiento:
máteme el atrevimiento
si hade matarme el temor.

Otras tantas temeroso
del mismo amor obrigado,
entre cuidado y cuidado
quedo rendido y medroso.

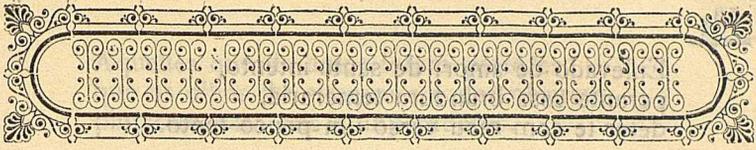
En todo lo que no creo
finjo á ratos confianza,
por ver si saco esperanza
de las fuerzas del deseo.

Luego pienso que en tenerla
vengo á ser mas homicida,
procurando alargar vida,
que és duro mal el perdela.

Y tornome a consolar
no hallando vida mas gostosa,
mi muerte tan rigorosa
como atrevime a esperar.

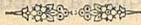
O' hermosa sin igual!
defectos jamás oydos,
queden a los ofendidos
enamorados del mal





ELEGIA

A El-Rey D. Sebastião, nosso senhor



Rei bemaventurado, em quem parece
aquella alta esperança, já cumprida,
de quanto o céu e terra te offerece ;

Fermosa planta de Deos concedida,
a lagrimas de amor e lealdade,
só nosso bem, vida de nossa vida ;

Emquanto essa innocente e branda edade
por Deos crescendo vae, felicemente,
té o mundo encher de nova claridade ;

Emquanto este teu povo e o do oriente
novo crescentamento por ti esperam,
de outros reis, de outras terras, de outra gente ;

Taes promessas de ti os céos nos deram
no teu tão milagroso nascimento,
que sp'rito igual a si em ti pozeram.

Enlevado de amor, de santo intento,
perante essa brandura temeraria,
deter te com meu verso um pouco tento.

Depois virá um tão ditoso dia
em que as tuas reaes quinas, despregadas
na multidão de toda a barberia,

As victoriosas frotas carregadas
das captivas corôas e bandeiras,
d'outro espirito maior sejam cantadas.

Agora ouve, senhor, as verdadeiras
guias que levam reis a essa alta gloria,
não duras armas, só vélas ligeiras.

Quantas armadas conta a antiga historia,
quantos grandes exercitos perdidos,
aos mais fracos deixaram a victoria ?

Esses, tanto no mundo conhecidos,
cujos nomes venceram tantos annos,
não foram só por força obedecidos.

Não se sogigam corações humanos,
de boa vontade á força; um peito aberto
os vence com amor sem arte e enganos.

Nesta sombra, onde tudo anda encoberto,
quem da verdade vê mais que a figura,
quem seu passo direito leva, e certo ?

Uns falsos longes de uma vã pintura,
com sua côr ao parecer lustrosa,
quantos detem com falsa fermosura ?

Não tem côres nem dobras a fermosa
verdade, que buscaes, ó gente cega;
humilde, nua está, não tão custosa.

Não ha um só Cupido, que almas cega;
mais ha no mundo que uns sós vãoos amores;
que todo, o que ha vontade, ao mal se entrega.

Aquelles que do amor foram pintores,
que os olhos lhe tiraram e o descobriram,
pintaram para reis e imperadores.

Altos enganos que em figura viram,
as forças deste proprio amor imigo,
que moço, cego e nu, cruel fingiram.

Cada um trás em si mesmo seu perigo,
herdado desta natural fraqueza,
que um homem tanto faz de si amigo.

Eguaes somos, senhor, na natureza,
assim entramos na vida, assim saímos;
o entendimento é nossa fortaleza.

Egualmente de um só principio vimos,
egualmente a um fim todos corremos,
e uma estrada commum equal seguimos.

Na terra a morte, a vida nos céos temos,
quanto esta terra mais que os céos olhamos,
tanto caminho do bom fim perdemos.

Cegos de nós, que nos tão mal trocamos,
que a parte vil e baixa senhorea
e o mais alto ao mais baixo captivamos!

Força cruel que dentro em nós guerreia
vence a cega vontade, a rezão clara,
e leva assim de nós victoria feia.

Aquelle lume que a alma illustra e aclara,
apagado por nós nella é perdido,
como mortos nos deixa e desampara.

Deu o remedio Deos, eis um, erguido
por elle em poder alto, de que o povo
seja ou por bem levado, ou constringido.

Não é nome de rei titulo novo:
com elle começou o mundo, e dura;
per fabulas antigas não me movo.

Depois que d'aquella alta fermosura
caiu o primeiro homem, em triste sorte
o envolveu 'nesta sombra grossa e obscura.

Fugiu a luz, entrou armada a morte,
cumpriu nova vigia, e guarda a lei
que ao cego mostre a luz e obrigue ao forte.

Elegeu Deos Pastor á sua grei,
viu tambem a rezão necessidade,
e eis elcito um rei, eis outro rei.

Conforme e junto o povo na vontade,
a um só, por bem commum, deu seus poderes,
promettendo obediencia e fieltade.

Obrigaram suas vidas, seus haveres;
prometteu o bom rei justiça e paz,
e remedio e soccorro a seus misteres.

D'ali sujeito ao rei o povo jáz
d'ali sujeito o rei á boa rezão,
da mesma lei, que em si a força trás.

A quem todos seus bens e vidas dão
por os livrar de injuria e violencia,
se lh'as elle fizer, a quem se irão?

Juiz seja a justiça, a consciencia,
e aquelle santo e natural preceito
deve á lei o que faz obediencia.

Quem o caminho ha de mostrar direito,
se torce d'elle, e torce a falsa estrada,
como terá seu povo á lei sujeito?

Poz Deos na mão do rei a vara alçada
pera guia do povo errado e cego;
mas não foi só á sua vontade dada.

Como destro piloto no alto pego
co'o leme guia a não ora a uma parte
ora outra a desvia do váo cego;

Não valem ali forças, mas só arte ;
 arte vence do mar a ira espantosa,
 arte vence sem aço ao fero Marte.

Hydra de mil cabeças espantosa,
 pego de tantos ventos revolvido,
 não se vencem, senhor, com mão forçosa.

Em duas eguaes partes repartido
 Deos te deu teu poder em premio, e pena :
 demos a cada qual o que é devido.

Aquelle que suavemente ordena
 todas as cousas, olha com amor,
 paga o bem logo, e de vagar condemna.

Não se acha ali respeito nem favor ;
 tanto mal cada um quanto merece :
 eguaes ante elle são servo e senhor.

Olha-te bem, gran rei, e a ti conhece :
 nascido só para reger a tantos ;
 e dessa grande alteza a teu fim desce.

Ver-te-has equal na humanidade a quantos
 mandas, verás o fim tão duvidoso,
 como quem tambem morre e nasce em prantos.

Que presta ser na terra poderoso
 se o alto fim do céu se põe em sorte,
 que té ao Filho de Deos foi tão custoso ?

Corte o bom rei primeiro por si, corte ;
 mais vence o exemplo bom que o ferro e o fogo ;
 não pode errar quem contra si é forte.

Nem a propria afeição, nem brando fogo
 tire a força, a rezão ou a egualdade ;
 não se lhe faça sempre falso jogo.

Somente em Deos rezão é a vontade ;
 absoluto poder não ha na terra ;
 que antes fôra injustiça e crueldade ;

Que vontade mortal, senhor, não erra
se a lei justa e razão a não soffria,
de que nasce a injustiça e cruel guerra.

Cada um pinta em seu peito uma ideia,
á qual, mal ou bem, se se affeição:
assi lhe sae fermosa, ou lhe sae feia.

A boa guia é inclinação boa,
a qual nasce do claro entendimento,
e com facil discurso ao melhor voa.

Tanto val', tanto pode o santo intento
que só por si honra e louvor merece,
e a obra que val' dez faz valer cento.

E quando humanamente erro acontece
a quem pode acertar, a culpa é leve,
e todo o bom juizo a compadece.

Que injustiça será que não releve
não sair á vontade a obra igual,
pois polo intento só julgar se deve.

No livre peito e coração real
estee o bem commum sempre fundado;
não pode de tal fonte manar mal.

Ama o povo o bom rei e é d'elle amado,
ledo e facil em crer e julgar bem,
imigo de todo o animo dobrado.

Sempre a mão larga, sempre aberto tem
o generoso peito ao premio justo,
e triste e vagaroso á pena vem.

Este é chamado bom, e grande, augusto,
da patria pae, prazer e amor do mundo,
mortal imigo do tyranno injusto.

Este logo, de um alto e de um facundo
engenho, tem estrellas bem cantado:
voando vae na terra sem segundo.

Tal nos cresce, gran Rei, por Deos só dado,
inda maior que as nossas esperanças,
maior que tua estrella e alto fado.

Cedo teu sprito vencerá tardanças,
da tenra edade, e cedo renovando,
trará dos santos reis altas lembranças.

Começa-te já agora de ir costumando
a pôr em nós teus olhos reaes, serenos,
o mansissimo avô teu imitando,
inteiro aos grandes, humano aos pequenos.



MOTE

Son tan contrarios los fuegos
del amor y de los celos,
que él muere, si viven ellos.

GLOSA

Si el amor un alma inciendo
asi la encienden los celos ;
por que és cierto que allende
de amor la invidia pretende
encender tambien sus hielos.

Mas de amor ardiente sales
gusto de amorosos juegos,
de celos, rabias mortales ;
y destos dos pedernales
son tan contrarios los fuegos !

E's amor gloria que ordena
 el amoroso cuidado ;
 son los celos grave pena,
 infierno a que amor condena
 el pecho desconfiado.

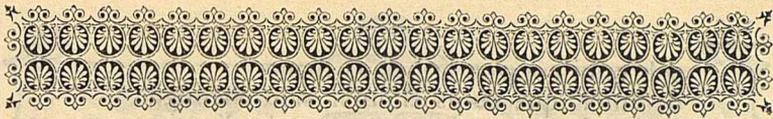
Son celos rabia que cansa,
 al que vive con recelos,
 nace de amor seguridad :
 ved el fruto que se alcanza
 del amor y de los celos !

El que cria en sus entrañas
 celos con que asi se ofende,
 cria viboras estrañas,
 como crian las montañas
 la leña con que se enciende.

Si asi, pues, de si se olvida,
 quien con la memoria dellos
 no cura de su perdida, (1)
 perderá la propia vida ;
 que él muere, si viven ellos,



(1) Compuz tal verso para substituir este, que não rimava :
 No trabaja por perdelos.



Yo lo sé el porqué, aun que no lo digo,
Ni mis querellas escuche el alto cielo,
A quien ha tanto que me duejo en vano;
Ni fortunas, ni amor me tenga duelo,
Ni alze de sobre mí sus airada mano;
Que ni quiero remedio ni consuelo,
Y de muerte tarde ó temprano
Ahora y para siempre me desdigo:
Yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Tomas venganzas, enemiga y daga,
En una alma que jamás supo enojarse,
Solo los habrás otorgado por ventura,
Que yo también buscare los claros;
Yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Solo sé el porqué...

De hoy mas quiero vestir un triste luto ;
la tristeza será mi compañía ;
jamás nadie verá mi rostro enjuto,
ni mis ojos verán la luz del día ;
lagrimas darán tanto tributo
que en llanto acabaré la vida mía ;
el placer me será siempre enemigo :
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Tendré el placer aborrecido tanto
que haré vida en una cueva oscura ;
será mi cabecera un triste canto,
y mi lecho será la tierra dura :
mi bebida será mi amargo llanto,
mi comida ansia, dolor y tristura,
me será el mayor pezar mayor amigo :
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Descubriré mi grave sentimiento
a los peñascos y arboles en vano ;
ablandaré las piedras mi lamiento
que no enterneció un corazon humano :
dirán mis ojos la ansia con que siento

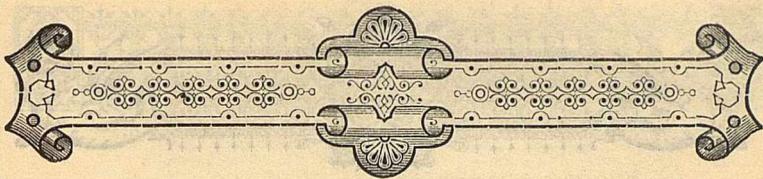
sobre mi corazón la helada mano
de amor, que no és el amor sino enemigo :
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Ni mis querellas escuche el alto cielo,
a quien ha tanto que me quejo em vano ;
ni fortuna, ni amor me tenga duelo,
ni alze de sobre mi sua airada mano ;
que ni quiero remedio ni consuelo,
y de quererle tarde ó temprano
ahora y para siempre me desdigo :
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Tomad venganzas, enemiga y dura,
en una alma que jamás supo enojaros,
sino los habrá ofendido por ventura
por haberse estremado en amaros ;
el que en amores tenga mas ventura
verá volver nuestros ojos claros ;
yo tambien buscaré nuevo abrigo ;
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Haré yo, alma mia, un nido
sobre mas fiel y firme fundamento,
en tan seguro ramo sostenido,
que no me lo derrube qualquier viento :
vayase por perdido lo perdido ;
que por menos de solo mi pensamiento,
deste engañoso lazo lo desligo :
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.





*Soneto que uma mulher fez a um forno,
que serviu de fazer cal, enquanto se fizeram uns edificios,
e depois ficou em hermida, dentro na cerca*



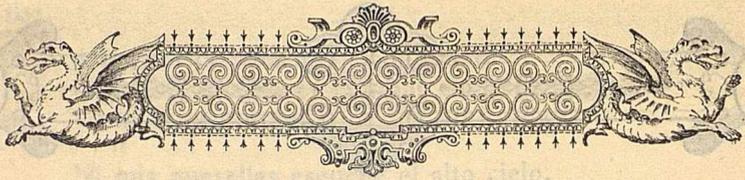
Cheio de furiosa chamma ardente
a dura pedra, sendo aqui lançada,
em pó moido e brando transformada
'neste forno já foi antigamente.

'Noutra transformação mais excellente,
per mais suave flamma é aqui dada ;
então, a mudar pedras costumada,
e agora, corações de dura gente.

Edificios na terra então fazia,
edificios no céu levanta agora :
Vede quem differentes tem efeitos !

Passou da noite escura ao claro dia ;
com tamanha vantagem se melhora,
que abrandava então pedra, agora peitos.





A Vasco da Gama, depois de estar na India



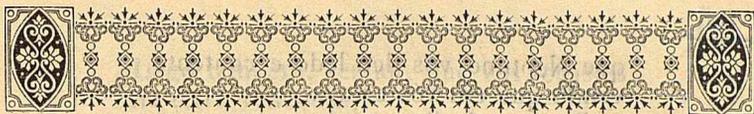
O grande esforço, o saber facundo
fez que o primeiro Gama a India mande ;
por mais que a fatal roda ande e desande
será seu nome grande em todo o mundo.

Mas vós, Gama segundo, e sem segundo,
que já quando nascestes ereis grande,
de vosso nome não me espanto, que ande
com fama eterna e com louvor jocundo.

No ventre, o immortal merecimento,
Conde Almirante, em viso-rei vos chama,
vestidos que cortou com justa lei ;

mas como trajos são do nascimento,
mais estreitos vos vem, illustre Gama,
de Conde, de Almirante em viso-rei.





*De Bernardo da Motta, ao Conde Almirante,
chegando á India por viso-rei*

Inclita geração do Almirante Gama,
em si tanto mais alta,
quanto de vós se esmalta ;
porque a tão soberana e rica planta
somentemente pode dar lhe gloria tanta,
se tudo o que ella tem
só vós hoje lh'o daes, de vós lhe vem.

Nunca de Israel tão desejada
foi tanto a liberdade,
da dura crueldade
e captivo acerbo, em que se vio,
do impio pae que tanto o perseguio,
quanto o vós fostes, donde
agora estaes benigno, e inclito conde.

Já vejo a moura gente em si confusa,
tão inimiga nossa,
temer a espada vossa ;
que do governo tendes o tridente,

que Neptuno vos deu ledo e contente,
vendo que em vós estava
melhor que 'nelle quando a governava.

E vejo que tambem nos offerece
das escondidas veias,
auríferas areias
o Indo, e que o Ganges vos entrega
os tributos das terras que elle rega,
e, com justa razão,
a vós se deve tudo o que elles dão.

A vós, que o peito alheio da cubiça
tendes, que tanto damna,
com graça soberana,
pera só no serviço despenderdes
do rej, e grandes povos, que regerdes,
do indio thesouro,
com pena a cerviz dobra ao duro mouro.

Assi como do triste Phaetonte
nos apparece o pae,
logo a noite se vae,
começa a esclarecer a terra escura,
mostra o prado tambem sua verdura,
e as aves docemente
começam de cantar com a luz contente ;

Assi comvosco, sol da india terra,
mandado a nós do céu,
a India esclareceo,
e se afugentou a nevoa fria
da dura e insoffrivel tyrannia,
em que tão triste estava,
por quem a liberdade lhe usurpava ;

Assi como quando os animaes
dos sequiosos montes,
nenhum bebe das fontes,
temendo a má peçonha da serpente,
quando o unicornio está d'elles ausente,
se chega, e as aguas toca,
cada um 'nellas põe seguro a boca ;

Logo tambem, senhior, que vós tocastes
na terra venenosa,
ficou boa e ditosa;
nem teme da peçonha o certo damno
a gente que vos vê, propicio e humano,
que tendes o poder
de tão tyranno monstro desfazer.

A Deosa, que ligeira corre e voa
desde o Ganges e o Indo,
mostrando e descobrindo
voará ao lusitano e patrio Tejo
com mor velocidade. e mor desejo,
donde as nymphas fermosas
vossas cousas farão mais gloriosas.

Porque, alto senhior, eu que não posso
com meu zelo e engenho,
o que em minha alma tenho,
dizer-vos em meus versos mal limados,
temo que, ainda assim, sejam notados;
mas eu, se tenho a culpa,
o desejar servir-vos me desculpa.

Vendo que vosso peito alto e sublime,
mais do que Octaviano,
ou o grande Africano,
Achiles tornando-o companheiro,
a mim será Mecenas verdadeiro
de minha tosca musa,
que de heroe tão famoso está confusa.

Vendo que tem de novo competencia,
e querem novas glorias
sobre vossas historias,
Aragne com a vencedora Pallas,
por ver que ha melhor de debuxal-as,
fazendo em sua tea
que com ellas não possa a lei lethea;

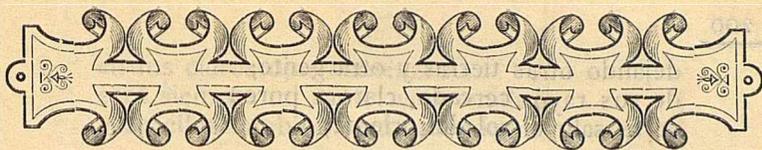
E que de novo vão aparelhando
a vossos successores,
em seus gentis louvores
a gloria, que de vós lhe está guardada,

que seja pelo mundo divulgada,
pois sae dessa planta,
que tanto pelo mundo se levanta.

O bellicoso sogro e genro altivo
esqueçam por agora;
que nos berços da aurora
se alevanta vossa espada invicta,
que os animos renova e resuscita,
caídos e cansados,
que estavam dos trabalhos já passados.

De sorte que de vos não ter segundo,
vos fique em Portugal
o nome de immortal;
e Deos, se 'neste estado hoje vos poz,
foi para que, senhor, saiam de vós
de Condes e Almirantes
inclitas gerações, altos infantes.





De Francisco de Sá e Menezes

Vuelve, Philis hermosa, onde este llano,
onde estos holmos verdes y sombríos
suspiran por ti luengamente en vano,

vuelve ahora de los hielos fríos :
ya por aquestos florecidos prados,
suelos y desatados van los ríos ;

de aquí verás dos campos rociados,
cuando amanece, y con la aurora
hacierense los cielos colorados ;

de aquí verás á la primera hora
salir el ganado y quien lo guarda,
y despues lo recoge donde mora ;

de aquí verás cuando el monte arde
por abrochar de nuevo, y juntamente
verás los horizontes de la tarde,

dejando otras tierras y otra gente,
de sus rayos cercado, claro y puro ;
verás salir el sol del oriente,

verás como se pone y queda oscuro
el mundo, triste, intratable y frio,
y deja á la gente el trabajo duro ;

verás tambien el medio del estio,
el fresco viento antes del sol puesto,
como viene encrespando el manso rio.

Tu, dulce y hermosa Philis, verás esto :
yo de la mañana, hasta que anochezca,
miraré tus ojos y tu blando gesto :

viéndote, no temer que se embravezca
la mar, y la tierra se destruya,
ni que el mundo, enfín, todo perezca ;

ni sentiré, por mas que el tiempo huya,
ni sentiré si pasa vagaroso,
como és natural costumbre suya ;

no temas de que pueda ser quejoso,
y mis dias presentes y pasados
se volverán, ó Philis, en reposo :

si yo te veo venir por estos prados
en flores, envolviendo tus cabellos,
ó sin orden al viento desatados,

mi pensamiento y alma, que con ellos
vive, se llevarán, viéndote tanto,
que otra cosa no pueda haber sobre ellos.

Daré fin del todo al triste llanto,
aprendido en tus hermosos ojos ;
cantaré nuevo y desusado canto,

ya no cantaré de mis enojos,
ni como en tu ausencia, desdichado,
se me volvieran las flores en abrojos :

en tus claros ojos comenzado
será siempre mi canto, y detenido,
y en ellos tambien será acabado :

con la voz andaré, con el sentido,
enseñando á llamar tu dulce nombre,
á este monte y campo florecido :

no habrá álamo que este valle asombre,
onde versos por ti no sean escritos,
ni hora en que mil veces no te nombre ;

las ayes de la mar quejarse en gritos,
la tempestad escucharé contigo ;
contigo guardaré los verdes mirtos :

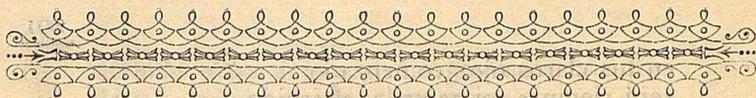
ai ! coitado ! do me lleva consigo
el deseo, á decir, sin fundamento,
estas palavras vanas que aqui digo !

Para que enciendo mas el pensamiento,
haciendo que se levante y que se encumbre,
do despues cae y se deshace en viento ?

Philis, de aquella sierra el alto cumbre
passó ya allende su voluntad
ha puesto contra mi tiempo y costumbre ;

por esto el consejo bueno y la verdad
será estar en mi mal prompto y espe:to,
hasta que muera en esta soledad,
do tengo el morir seguro e cierto.





A certa senhora, indo confessar-se



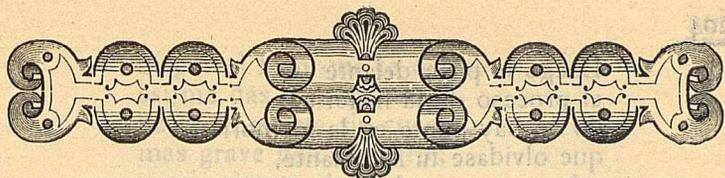
Quam bem parece um peito diamantino
isento, e duro mais que a pedra dura,
mostrar-se mais que a cera na brandura,
quando ferido está do amor divino!

Então nas ricas transas de ouro fino,
e 'nessa mais que humana fermosura,
retrato das que estão em mor altura
qualquer alto louvor é justo e dino.

E pois com vossa vista, da mais gente
as almas enlaçando está Cupido,
(que onde estás, amor, tudo quebrantas)

nem para confissão tão claramente
vos deixaes ver, que Deos não é servido
que por uma salvar se percam tantas.





De D. Manoel de Portugal



Siendo ya de la prision
a mis tormentos sacado,
y á tal muerte condenado
do perdiese la aficion,
en los gestos grave espanto,
esculpia tal sentencia,
viendo en ti faltar clemencia,
en todos sobraba el llanto.

Naquel crudo sacrificio,
que verlo temblar hacia,
alli alma gloria sentia,
pues era por tu servicio:
y queriendo ejecutar
al rigor tu mandamiento,
á mi triste pensamiento
empezó de lastimar.

Luego le puse delante
el proceso desta historia,
do no hay punto en la memoria
que olvidase tu semblante,
y la esperanza visible
le muestre que muerta estava ;
revivi porque esperaba
aun la muerte mas terrible.

En los pasos mas dudosos,
por do siempre me traías,
cuando despacio descorrias,
con descuidos peligrosos,
y fuerza de ocasion,
mis ojos a ti volvia ;
al partir, partir sentia
por medio mi corazon.

Si estando enloquecido
con la fuerza del deseo,
maginando lo que veo,
que no cabe en mi sentido ;
cuán presto me advertias
con tormento, no pensando
que aun el bien imaginando,
en mi alma no sufrías.

Mas ella, que en si tenia
mi aficion, que desamabas,
que con la vida pensabas
que su rigor sacaria ;
en lo eterno resguardando
aquello do amor se siente,
no temia el accidente,
mas sintiendo y mas amando.

Haciéndose en tu presencia
de mi vida ejecucion,
para mas condenacion
renovaste la sentencia,
por consumir mis enojos,
viéndome gloria en morir,
condenásteme a vivir
en ausencia de tus ojos.

Si por el bien que te quiero
 asi me dás el tormento,
 hecha la cuenta sin cuento,
 mas grave dolor espero ;
 y así, ejecutando
 tu voluntad no cansada,
 verse ha quanto eres amada
 por lo que fuere penando.

compites en mi aficion,
 el dolor llevas al estremo,
 tu hermosura mas temo,
 señora, que mi pasion :
 ella deshace la vida
 do nel alma mereci ;
 que a los ojos que te vi
 para siempre quede unida.



Provas de D. João Manoel



Que yo cien bocas tuviese
 y la voz fuese de hierro,
 el imposible sin yerro
 que mis angustias dijese :
 y mandaisme vos ahora
 mi triste vida escribir !
 és imposible, señora,
 en dos mil años decir
 lo que sufro cada hora.

Mas que esto sea verdad,
 seguiré lo acostumbrado,
 que és hacer vuestro mandado
 y nunca mi voluntad ;
 y pues de mi perdimento
 sois veadero testigo,
 vereis que de mi tormento
 mas de lo que puedo digo
 y menos de lo que siento.

Des que soy por mi fortuna
 de vuestra vista apartado,
 mi lecho hago laguna
 llorando demasiado ;
 y jamás cesan mis males
 ni mis continos dolores,
 tan grandes que no sé cuales
 se puedan decir mayores,
 aun que sean infernales.

Las noches, mi sentimiento
 aclara las tenebrosas,
 y mi triste pensamiento
 de pequeñas, espaciosas :
 naquellas son memorables
 las mis angustias crecidas,
 presentes como pasadas,
 por lo qual son mal dormidas
 magüer sean bien lloradas.

No cuento yo por pasion
 las lagrimas de mis ojos,
 las cuales de mis enojos
 han sido consolacion,
 mas en mi triste memoria,
 pues ella me desordena
 todo o bien, toda victoria,
 no con la presente pena
 mas con la pasada gloria.

O cuán bien aventurados
 son aquellos que gustaron
 el leteo, pues, quedaron
 de sus hechos olvidados !

mas ay! yo no poderia
 querer tal buena aventura!
 la muger de mi fantasia
 quier mi vida con tristura,
 sin ella no viviria.

Porque la pena presente
 dalgun pasado placer,
 algo me deja contente,
 por grande que suele ser.
 mas este conocimiento
 no me quita de pasion,
 antes crece mi tormento,
 sentindo mi perdicion
 cada hora en crecimiento.

La vuestra forma excelente
 que mi memoria retiene,
 ante mis ojos se viene
 como si fuese presente;
 y con esto mi sentido,
 y mi triste entendimiento
 me deja triste y affligido,
 tan cercano de tormento
 cuán apartado de olvido.

Cada un dia imagino
 como en aquel vos miré,
 y la hora determino
 en que entonces vos hablé;
 y digo lo que, a mi ver,
 me parece que diria,
 y no os viendo responder,
 antes mi muerte queria
 que tal pena padecer.

Aquellos lugares todos
 do os vi y no os veo,
 por cien mil vias y modos
 cada hora los rodeo;
 y pues lloro nel lugar
 donde entonces me alegré
 vos deveis imaginar
 que haré donde lloré
 pues no os puedo olvidar.

Las sierras por onde andamos
 ahora sin vos las ando,
 allí donde descansamos,
 allí muero suspirando:
 los verdes prados y rios,
 és forzado que acrecienten
 tanto los dolores míos,
 que no sé como se cuenten
 que no diga desvarios.

No sé quien padecerá
 del infierno mas tormento,
 ni qué fuego quemará
 mas que este pensamiento!
 ó memoria de mi bien,
 lloradas noches y dias,
 ó vos señora por quien
 no creo que Jeremias
 mas lloró en Hierusalen!

La música que solia
 mis cuidados amansar,
 ahora multiplicar
 los ha hecho en demasia;
 si digo alguna cancion
 que digo naquellos dias
 soy en tanta alteracion
 que ni las lagrimas mias
 sufren disimulacion.

De amigos de enemigos
 me és hacido por grande mengua,
 seren mis ojos testigos
 contrarios de la mi lengua;
 y pues cantar y llorar
 me acontece cada hora,
 deveis vos considerar
 si sin lagrimas llora
 esto puedo recantar.

Asi que el tiempo presente,
 que sin vos me fue otorgado,
 y gastado interamente

en llorar otro pasado :
 los lugares a que amor
 me causó vuestra presencia,
 todos llenos de dolor,
 los ha hecho vuestra ausencia,
 que no puede ser mayor.

Para que yo escribiese
 enteramente mis daños,
 cumpliría que tuviese
 grande multitud de años ;
 mas és mi vida penosa,
 para mis males sentir,
 en extremo copiosa,
 y corta para decir
 pena tan espaciosa.



*Provas que se fizeram em tempo
 del Rey Don Fernando de Castella*



Abre, abre las orejas,
 escucha, escucha, pastor ;
 que no oigas el clamor
 que te hacen tus ovejas ;
 sus voces llegan al cielo,
 quejando su desconsuelo ;
 que tu trasquilas á engaño
 tantas veces en el año,
 que no se les cubre pelo.

Traes tres trasquiladores
 cada cual con sua tijera,
 que dejan tales los cueros
 que el ganado desespera ;
 y despues que has trasquilado,
 alquilas todo el ganado
 á peladores, que van,
 y si les ladra algun can
 arrojaste tu cayado.

Bastara que trasquilaras
 con tu tijera la vieja
 y cada año de cada oveja
 un velocino sacarás :
 la lana te sobraria,
 y el ganado medraria ;
 que con el calor de estio,
 ni tan poco con el frio
 del invierno, moriria.

Has sacado lana tanta
 que si te dieras la maña,
 hubieras hecho una manta
 que cubriera toda España ;
 mas como las has repelado,
 el viento te la ha llevado ;
 porque no va tu intencion
 dirigida, en conclusion,
 al provecho del ganado.

Guai del cordero que nace
 pastor, en tu temporada,
 si de las hiervas no paca ;
 pues la madre está ordeñada,
 que la oveja que se esprema
 cada dia en leche y frema,
 y toda va al entremijo,
 que leche dará á su hijo
 que sea sino postema ?

Haces mil presunciones
 en el ganado precioso,
 y dejas á tus trincones
 lo peor y mas tiñoso :

las unas andas matando,
y las otras prosperando;
y quedándoles su roña,
és tan fuerte su ponzoña
que mata luego en tocando.

En tu vida és engañado
si piensas que somos bobos;
trayendo por perros, lobos,
como medrará el ganado?
que están por esas majadas
las ovejas desoladas,
y comidos los corderos,
y por codicia de cueros
las das por bien empleadas.

Traes un lobo rabáz
en hábitos de cordero,
porque en son de poner paz,
puedas ser mas carnicero;
que en la cueva do yazia
raíces crudas comia,
y despues entró lamiendo,
y en tus hatos va mordiendo
tus mastines cada dia.

Con otros lobos ventores
de linage de ulpejas,
que andan por las ovejas
descubriendo sus sabores,
y de ellos muios aullidos,
que te dan á los oidos,
los que quedan á tu lado
cuando matan tu ganado,
nunca oyes sus gemidos.

Las siete sierpes rabiosas
han mordido y enpozoñado
las pasturas virtuosas
de todo tu dehesado
con la serpiente rabiante
que és dragona muy gigante
cabeza de todas siete,
con otra que se remiete
la cola para adelante.

Consiéntesles sus placeres,
 y que vivan entre nos ;
 porque hacen lo que quieres
 y no lo que manda Dios,
 y otras cabras va buscando
 por veredas tropezando
 con el triste del ganado,
 que está ya tan destrozado
 que andan todas cuosquiando.

Pues, pastor, en tu manada
 porque sufres tal estrago,
 no has de dar cuenta con pago,
 pues llevas buena soldada ;
 que el ganado remolina
 con el tiempo, y la neblina
 y el torbellino graniza ;
 porque llevas la ceniza
 y derramas la harina ?

Si me dices que fué empreza
 por servicio de tu lej,
 por acrecentar tu grey,
 por ensanchar tu dehesa :
 dices que lo que has ganado
 ha sido bien empleado ;
 para que allanas las sierras ?
 para que quieres las guerras,
 pues destruyes el ganado ?

Y tienes tanta caldera
 con tanto tarro y errada,
 tanto barquiño y natera,
 que és cosa demasiada,
 y al sabor del paladar,
 no haces sino tragar
 de la nata y del tabefe ;
 y como és vianda trefe
 temo que has de rebentar.

Pastor, si tambien te sabe
 el seguir del apetito
 que se diga : muy bien cabe
 á buen bocado buen grito ;

entraste muy alagero,
publicando buen tempero,
para sanar lo mordido,
y pareceme que ha sido
el hisopo del herrero.

Tienes muchos zamarrones
de las pieles que has quitado,
y abrochado con botones
de los huesos del ganado,
y has perdido la güaiada
de traer la mano usada,
de tener siempre al albugue
que aun que el ganado se ahogue
no te dá por eso nada.

No ha mayada que embarga
tu atillo y garavata;
que ya las burras del hato
no pueden llevar la carga;
y recelo que al cargar,
como tienen el ensillar,
tan lleno de mataduras,
y las albardas tan duras,
temo que han de respingar.

Tus mastines los famosos,
de verse tan mordizados
andan lo mas asombrados,
corridos de los raposos;
y si algun mastin cuitado,
por el monte ha trabajado
de cazar algun conejo,
tomáselo el lobo viejo
que ladra siempre á tu lado.

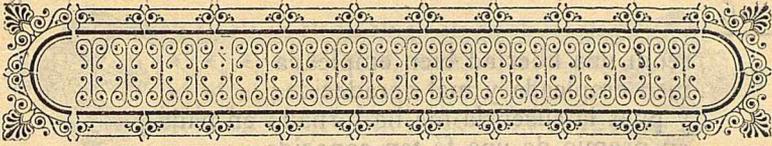
Que la rueda de ventura
y los tombos de fortuna,
cuando mas está seguro
hace clis como la luna,
pues ya en los rios caudales
habemos visto señales
de daños advinideros,

con otros muchos agüeros
que demuestran grandes males.

FIM

El sol se pondrá enroscado
en el año de noventa,
ventará cerco y nublado ;
porque ha de correr tormento
y mostrarseha el cometa
en manera de saeta,
pastor, sobre tu cabaña ;
porque ha de temblar España,
segun muestra tu planeta.





PROVAS

Llorad, sin descansar, ojos cansados.

No cure de mis versos ni los lea
el que no fuere triste ó lo haya sido,
y si lo és, para que mas lo sea,
lugar no busque oscuro ni escondido :
mis duelos puede oir, y en ellos vea
como sin arte alguna me han salido
del alma, y la razon de mi querella
mucho bien lo sabe amor, que és causa de ella.

O' lagrimas, que sois claros indicios,
dad desengaño de mis confianzas,
solemnizad el fin de mis servicios,
ansencias, soledad, y mil mudanzas ;
y pues en los encumbrados edificios
que amor me hizo de crudas esperanzas,
los veo por el suelo derribados ;
llorad sin descansar, ojos cansados.

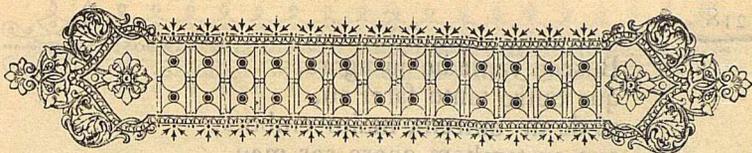
Dejé los campos de la patria amada,
passé la mar, aventuré la vida,

rendi una libertad bien empleada
 bien empleada y mal agradecida ;
 y pues la ausencia me ha tornado en nada,
 en premio de una fé tan conocida,
 con desengaños tan desengaños,
 llorad sin descansar, ojos cansados.

Siembre las vanas esperanzas mias
 en tierra donde pastos florecieron,
 y en descuento de darme alegres dias
 noches de amargo llanto produjeron,
 secáronse mis alegres alegrías ;
 porque á su tiempo el agua no les dieron,
 y para que no sequen mis cuidados,
 llorad, sin descansar, ojos cansados.

El alma que descansa cuando llora,
 y suspirando alivia su fatiga,
 no és grave su dolor, pues se mejora,
 ni és mucha su pasion pues se mitiga,
 y la triste pena mia de hora en hora,
 llorando crece, y porque nadie diga
 que estais despues del llanto sosegados,
 llorad, sin descansar, ojos cansados.





Mas não há que admirar
de mulher e seus amores ;
que dando de mais favores
pretende mais enganar.

Se o vosso coração chora,
de isso mesmo não eu ;
sê de de outrem, muito embora,
que eu também quero ser meu.

É comum opinião
mandarem os catadores ;
mas eu diz certo não ;
que mulheres são mulheres.

MOTE

Se de vós já se me deu
não se me dá nada agora,
sê-de de outrem, muito embora,
que eu também quero ser meu.

VOLTAS

Que me dá que vós sejaes
de quem tendes na vontade,
pois nunca fallaes verdade,
antes sempre me zombaes ?

Minha sorte se melhora,
que quereis que diga eu ?
sê de de outrem, muito embora,
que eu também quero ser meu.

Amaveis de zombaria,
eu pretendia de siso ;
mas o vosso pouco aviso
mil verdades me dizia :

Buscae remedio já agora,
que outro tanto farei eu,
sê-de de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.

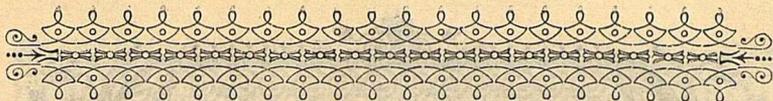
Mas não ha que admirar
de mulher e seus amores ;
que quando dá mais favores
pretende mais enganar.

Se o vosso coração chora,
de isso mesmo rio eu ;
sê de de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.

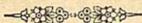
E' commum opinião
mudarem os pareceres ;
mas cá diz certo rifão :
que mulheres são mulheres.

Firme nem uma só hora,
senhora, vos achei eu,
sê de de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.





A D. Vasco, 1.º Almirante da India Oriental



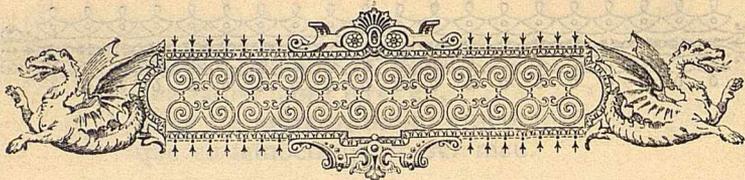
As armas desta vossa sepultura
ficam, alto senhor, eternisadas
na memoria das gentes esmaltadas;
porque ainda gasta o tempo a pedra dura.

Em Africa soberba, na pintura,
no mauritano sangue estão banhadas,
em Asia pelos muros arvoradas,
onde só ha a lei de Christo pura.

Assim tem já cercado o mundo em roda,
vencendo e sujeitando os inimigos
dos troncos, de que fostes planta bella ;

Porque dellas tambem na Europa toda
se vestem os que vêm de reis antigos
de Aragão, Portugal e de Castella.





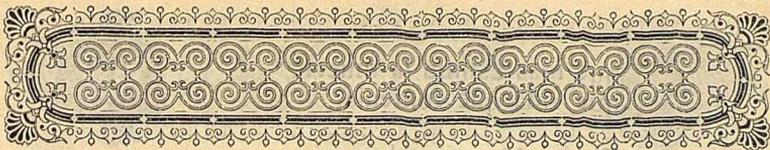
Provas de um autor incerto a um certo proposito

...— — —...

Tal estoy del sentimiento,
vuestro, poco, y mucho, mio,
que del todo desvario,
con la fuerza del tormento ;
mas viene á ser grande medio
en este mal la locura ;
porque pienso en la ventura
de que estoy tan sin remedio.

Y asi os hizo Dios,
de modo tan desigual,
que el mismo dolor y mal
queda en bien por ser por vós
tanto, que me estoy perdiendo ;
pero tanto mereceis,
que os quedo yo á vós debiendo
el mal que vós me deveis.





Es una vida un mal esquivo
que con la muerte se ha de ir,
y así luego yo a decir
si una vez me viese vivo
esperaría morir.

Mas si vos no lo hacéis,
es imposible que viva;
todo y mas que esto podéis,
que hasta la muerte volvéis,
que perezca que se viva.

Si en esto no hay vivir,
la vida no se deliré

MOTE ALHEIO



Si por caso yo viviese
esperaría morir;
mas yo nunca vi venir
muerte do vida no viese.

GLOSA

Fuéme tanto deplacer
serdes vos mi homicida,
que tomara poder ser
que me volviesséis la vida
para otra vez la perder.

Y llegué á desear
que hidra de Hercules me viese,
para mas os contentar,
prompta para me matar,
si por acaso yo viviese.

No hay tan dichosa suerte
de que és esta suerte mia,
acertando en mi porfia;

que mas estimo la muerte
que vida que contenia.

E's la vida un mal esquivo
que con la muerte se ha de ir,
y asi llego yo a decir
si otra vez me viese vivo
esperaria morir.

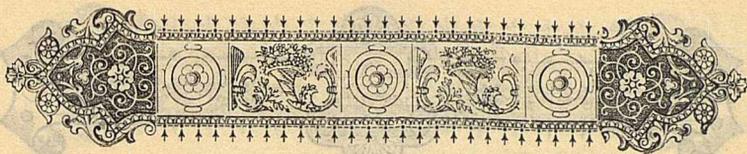
Mas si vos no lo haceis,
és imposible que viva ;
todo y mas que esto podeis,
que hasta la muerte volveis,
que perezca que se viva.

Sin esto no hay vivir,
la vida no se detiene
des que empieza su partir ;
algunos dizen que viene ;
mas yo nunca vi venir.

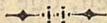
Hareis vuestro poder grande,
digno de eterna memoria,
que la vida transitoria
no solo con vida ande,
mas tambien ande con gloria.

Matareis y dareis vida
a quien de vós la quisiese ;
porque todo el mundo viese
que dais cuando sois servida,
vida do vida no hubiese.





*A morte da Senhora Dona Luiza Anriques
no anno de 606*



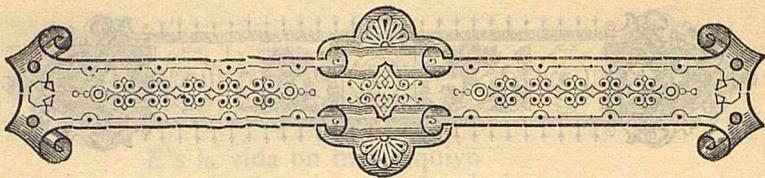
Vestida já de luz e divindade
estaes, alma divina, lá subida,
donde se algum bem vedes cá na vida
é podermos sentir vossa saudade.

E aquella magoa eterna, que a vontade
nos tem em holocausto offerecida,
nas mãos da mesma fé se vê mettida
na grande esphera lá da eternidade.

Mas se á vista de bens incompreensíveis
não pode ter lugar nenhum tormento,
colloque-se este só entre os tropheos ;

Que vencer pode a morte os impossiveis ;
mas desprezar não pode um pensamento,
quem tantos pensamentos tem nos céos.





*De Luiz Saraiva de Lucena, jesuita,
natural de Francoso,
ao Padre Mestre João d'Albuquerque, jesuita*



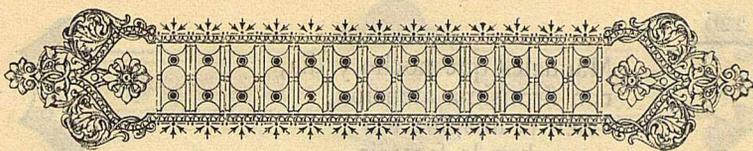
Soberbo Briareu, que antigamente
Em esquadrão de braços confiado
Quizeste, lá do Olympo sublimado,
A Jupiter lançar omnipotente :

Se da escura masmorra, onde o ardente
Corisco, por Vulcano fabricado,
Te metten pera sempre condemnado,
A levantar os olhos se consente,

Olha, vê celebrar teu desatino
Por um engenho tal, que só podera
Converter tua pena toda em gloria.

Dize : pois de um canto tão divino
Foi causa o ser vencido, se vencera,
O quanto me pezára da victoria !





Y sechen la mirada,
y que no les cause enojos
la perfeccion de los ojos
que aun que se dan por ojos
no son ojos, sino espejos.

Y espejos donde no vive
sino como un fiel traslado,
lo que dibuja el cuidado,
y lo que el amor escribe,
tomando para este bien,
por instrumento los ojos
que quieren hacer espejos
donde las almas se vén.

MOTE

Ojos que se quieren bien
cuando se miran de lejos,
no son ojos, sino espejos
donde las almas se vén.

GLOSA

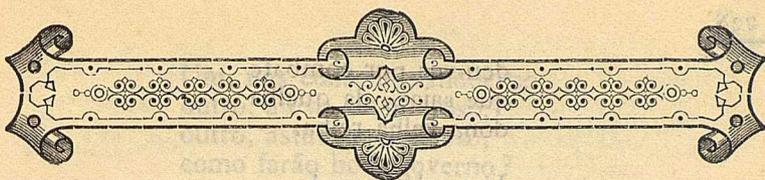
Los ojos apasionados
son puertas del corazon,
cerrados á la razon
y abiertos á los cuidados;
por cuyo milagro bien
en ausencia se conocen,
y no és mucho que se gozen
ojos que se quieren bien.

Causa una vista el cuidado
á las almas que se entregan,
de que nunca jámas ciegan
de puro haber ya cegado:
dales de amor los antojos
y otros secretos consejos,
que hacen presentes los ojos,
cuando se miran de lejos.

Mándales que noche y día,
 con firmísima atención,
 velen la imaginacion
 y acechen la fantasia,
 y que no les cause enojos
 la perfeccion de los lejos
 que aun que se dán por ojos
 no son ojos, sino espejos.

Y espejos donde no vive
 sino cómo infiel traslado
 lo que dibujó el cuidado,
 y lo que el amor escribe,
 tomando para este bien,
 por instrumento los ojos
 que quieren hacer despojos
 donde las almas se vén,





MOTE

Dona velha relha
saí dessa quelha ;
não sobes escada
que não digas upa,
sujaste na roupa
fedes-me ao mijado,
é pôdre o calçado,
porque sondes velha ;
saí dessa quelha
dona velha relha.

Já tivestes dentes,
agora gengivas,
covas de formigas,
olhos de vidraça,
nariz de cabaça,
porque sondes velha ;
saí dessa quelha.

Já fostes colchão,
agora almadrague,
moça, gentil dama,
lindo estouraque,

deu-vos por combate
que saiaes da quelha
dona velha relha.

Já tendes recado
d'aquelle estudante,
que era, sem peccado,
sugeito bargante ;
deu-vos por combate
que saiaes da quelha,
dona velha relha.



Às governadores

Trás um mal outros maiores
vêm sobre ti, Portugal ;
hontem coberto de cal,
agora de semsabores.

Tantos annos de Marquez
que te quiz tirar a pelle,
e por te livrarem delle
te fazem jogo de tres.

Um, sombrio e resolutu,
outro, nunca experimentado,
outro, que só tem cuidado
de acquirir, é astuto.

Todos tres de mão commum
darão contigo através ;
se dois e um fazem tres
estes tres não fazem um.

Um, nos conselhos moderno,
outro, altivo e temeroso,
outro, astuto e cubiçoso,
como farão bom governo?

Deste erro e deste damno
a culpa não tem Castella;
mas a culpa é de quem 'nella
a suborna com engano.

Ministros mal informados,
por respeito e affeições,
com erradas eleições
deixam tantos aggregados.

Deos accuda a este enleio,
em que os nescios não rezavam,
pois tantos ternos ficavam
differentes do que vejo.



Aos governadores de Portugal



MOTE

Fugir, que quer o céu cair.

GLOSA

Que venha um pastor mellado
per tão illicitos meios,
reger vassallos alheios
das ovelhas descuidado,
e que nos seja forçado
crer no Messias por vir,
fugir, que quer o céu cair.

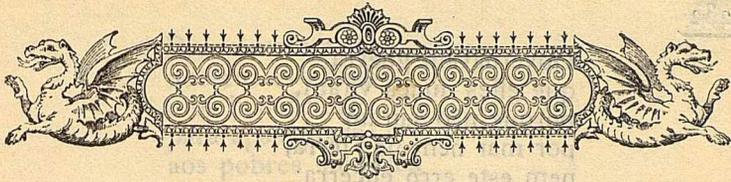
E que outro, impertinente,
 buscando traças e vias,
 dê passagem a cortesias
 que admire toda a gente,
 e que venha de repente
 governar sem nos servir,
 fugir, fugir...

E que venha outro, engelhado,
 já por não servir disposto,
 governar-nos em agosto,
 sem estar assezoado,
 estando prophetisado,
 que monstros ha de parir,
 fugir, fugir...

Jogando o jogo de tres,
 havendo os dois a massada,
 é cousa averiguada
 que até ao extremo o fez ;
 guardar de talho e revés ;
 porque nos ha de ferir,
 fugir, fugir...

Que não sei de que me espanto
 vendo tanto desatino ;
 que quando o rei é menino
 está todo o reino em pranto ;
 choremos por entretanto,
 já que não podemos rir,
 fugir, fugir...





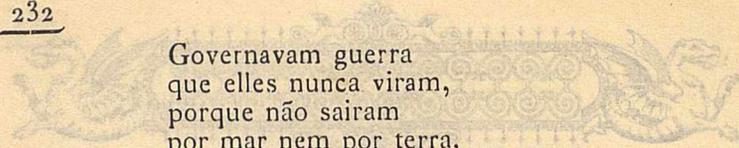
Folia

*com que os Portuguezes, que se acharam na cõrte, vão beijar
a mão a S. Magestade e dar-lhe as graças
pola Mercê que faz ao Reino, e se reformar o conselho*

MOTE

Vossa magestade
viva muitos annos
pela liberdade
dos seus lusitanos.

Livre já de enganõs
em dourada edade,
vossa magestade
viva muitos annos :
com pouca sciencia,
sem experiencia
governavam tudo,
nem ao ponto crudo
preveniam damnos ;
vossa magestade
viva muitos annos.



Governavam guerra
que elles nunca viram,
porque não saíram
por mar nem por terra,
nem este erro encerra
a causa dos damnos ;
vossa magestade
viva muitos annos.

Na India deixaram
entrar hollandezes,
que os bons portuguezes
com sangue ganharam :
Ormuz entregaram
aos persianos ;
vossa magestade
viva muitos annos.

E em taes desvarios
as armadas mandam,
que perguntam se andam
de noite os navios ;
d'aqui vem os brios
aos lutheranos ;
vossa magestade
viva muitos annos.

Poderosa armada,
gran casa real
tinha Portugal,
hoje não tem nada !
a renda é sobrada,
vae-se polos canos ;
vossa magestade
viva muitos annos.

Todos tem commendas,
todos tem thesouro,
estão cheios d'ouro
com grossas fazendas ;
elles tantas rendas,
nós com tantos damnos !
vossa magestade
viva muitos annos.

Pera seus creados
querem os officios,
e os beneficios
para apaniguados ;
aos pobres soldados
alvarás de enganos !
vossa magestade
viva muitos annos.

Tudo quanto viam
tudo cubiçavam,
pensões que vagavam
em si as proviam ;
para isto fingiam
traças e enganos ;
vossa magestade
viva muitos annos.

Mandam ás armadas,
que em Ferrol estão,
se estão ancoradas,
que logo se vão
a perder-se então
os nobres Passanos ;
vossa magestade
viva muitos annos.

Ao Duque de villa Hermosa, Presidente

Um é Presidente,
homem de encher mão,
nunca diz que não
e a toda a gente,
então é que mente,
fazendo afanos ;
vossa magestade
viva muitos annos.

Motta

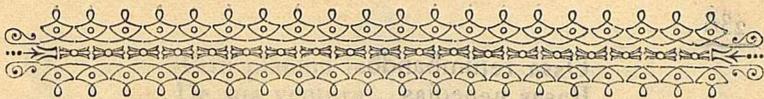
Outro gran sagaz,
 tão sorrateirão,
 que, se ri primeiro,
 então nada faz :
 é lobo voraz,
 com muitos enganos ;
 vossa magestade
 viva muitas annos.

D. João de Bragança

Bispo, não vae lá,
 nem fará lá mingua ;
 este, não tem lingua
 nem boa nem má ;
 mui bem creará
 bracos e alanos ;
 vossa magestade
 viva muitos annos.

Desculpa-se o intento
 de alguns erros seus,
 que lhe não deu Deos
 mais entendimento,
 olhos soberanos ;
 vossa magestade
 viva muitas annos.





Trovas ao Mondego

Posto que, Mondego,
Corras tão de pressa,
Ao manso Lessa
Venderás socego.

Este, descomposto
Tem sem nascimento,
Tu, no firmamento
Tens o berço posto.

Porque só tu caes
De estrellado monte,
Porque de uma fonte
Estrellada caes.

Nunca dará mate
A' tua corrente
Qualquer relucente,
Por mais que se mate.

Ossa retumbando
Rasas penedias,
Poucas harmonias
No som imitando,

Ossa, por seixinhos
Alvos, o derivas,
Ao som dos vivas
De seus passarinhos.

A seu movimento
Lança o roxinol
Seu ré, mi, fá, sol
Em melhor accento.

E as outras aves
Que o contrafazem,
Por ti se desfazem
Em versos suaves.

Zephyro queixoso
Lhe faz o compasso,
No fresco regaço
Do bosque viçoso.

Na verde floresta
Sua solfa leda
O echo arremeda,
Por dobrar a festa.

D'uma e de outra parte
Te cinge verdura,
Melhor sem cultura ;
Mais gentil é Marte.

Na arvore de Alcide
Hera se embaraça ;
No alamo se enlaça
A mimosa vide.

O verde arvoredor
Na sombra contende,
Com a que te rende
O fresco salgueiro.

Tem platano ledo
De sua ventura,
Zomba da frescura
Do mais arvoredo.



MOTE

Tolhe-me que vos nos veja
mas não me pode tolher
que vos veja sem vos ver.

GLOSA

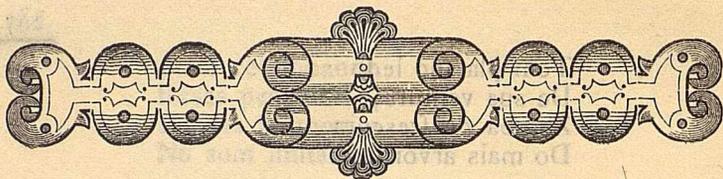
Se temor e inveja estão
unidos em uma vontade,
com mostras de crueldade
mostram sua condição.

Um mal outro mal deseja,
segue uma dôr outra dôr,
junta-se temor e inveja,
e por inveja e temor,
tolhem-me que vos não veja.

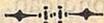
Qualquer destes males mata;
mas pera males sou mudo,
que a fé tomo por escudo,
e amor tudo desbarata;
que, ainda que cego, vê tudo.

Destes contrarios qualquer
tem poderoso partido;
mas amor tem mais poder,
tolhe-me bem tão subido;
mas não me pode tolher
que vos veja sem vos ver.





De D. Francisco de Portugal



Estas postreras razones
nacidas de ansia y dolor,
quiere que os escriba amor,
entre amargas confusiones ;
no mudalos con razones
señora, el mudar de estado,
ni porque fuy desdichado
siento libre el corazon ;
que és mas fuerte la prision
de un amor desesperado.

En ella padeceré
llorando mi desventura ;
porque no tener ventura,
no és dejar de tener fé ;
siempre os amo y amaré,
de dolor y penas lleno,
que aun que de ser vuestro, peno,
y nesto mi fé os muestra
que ha de ser el alma vuestra,
aun que sea el corpo ajeno.

Tener el cuerpo cautivo
no me ha de quitar la palma ;
porque aun que és vuestra el alma,
solo de ser vuestro vivo ;
mas ai ! que en vano os escribo,
y son vanas mis querellas !
pues no habeis de agradecellas
por no serme agradecida ;
Pero si pierdo la vida
que importa se pierden ellas ?

Que me querais os merese
daros el alma en despojos ;
que el amor que tiene ojos
no és amor, és interese ;
a vos misma os engrandese
quereros nesta ocasion ;
que amor no tiene razon,
y cuando en el fuera allada,
mas me quedais obligada
con razon ni sin razon.

Ni vuestra alma en las historias
que en ella escritas dejaste,
que ya por mia os confesaste,
y nel tiempo de mis glorias ;
mas ai ! queridas memorias,
dulces cuando amor queria !
teniendo os el alma mia,
cuantas penas que padece,
que a un triste mas le entristece
memorias de su alegria.

Allaste buena ocasion
para acabar mi esperanza ;
pues lo que en vos fué mudanza
si quereis llamar razon,
pues mostrais el corazon,
que prueba quiero mayor ? ;
que aun que és tirano, amor,
bien claro deja mostrarse,
que amor que puede dejarse
no puede llamarse amor.

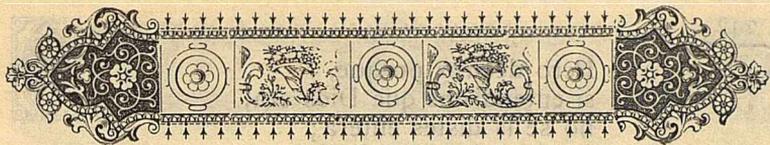
No sé lo que ahora espero
 pues estoy desengañado ;
 solo sé que en este estado
 nada espero y mas os quiero ;
 no sé si vivo ó si muero,
 solo lo que os digo sé :
 son efectos de mi fé,
 y maravillas de amor ;
 pues que se muestra mayor
 cuando menos hay porqué.

Que notables desengaños
 la razon pudo mostrarme ;
 pues pudo desengañarme
 antes del fin de mis años ;
 adiós queridos engaños,
 adiós locas confianzas,
 no me busqueis, esperanzas,
 pues que tan claro se vé
 que dán por paga a mi fé
 desengaños y mudanzas.

Si por razon me dejais,
 como quereis sin razon.
 a quien tan sin ella amais
 como a mi le engañais,
 vos quiso engañar amor ;
 que és rapáz y engañador,
 y en sus leyes tán injusto,
 que siempre cuando dá gusto,
 és á costa del honor.

Bien os pudiera hablar claro
 nesta amarga despedida ;
 mas pues se acaba la vida
 solo que os amo declaro :
 muéstreseme el tiempo avaro,
 y la fortuna en perderos,
 que aun que me quite el veros
 con tan injustas porfias,
 podrán dar fin a mis días
 mas no á la fé de quereros.





mas no sin misterio fue,
que como divinidad,
y humanidad conocistes,
la medida no mas la distas
para cubrir la mitad.

Y así pudo, aun que parida,
cubrir el cuerpo desnudo;
porque cubrir no se pudo
con medida el sin medida,
también os conociera
por Martín, glorioso santo,
así nel partir del manto
como Christo nel del pan.

MOTE

Suena con vuestro valor,
vuestro nombre, de tal arte
Martín, que a deciros Marte
os haríamos mejor.

GLOSA

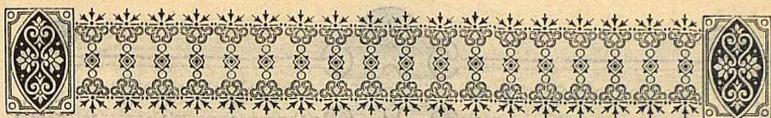
La hazaña aseñalada,
por do valeis tanto vos,
pues que venistes a Dios
por la capa y por la espada,
no hay ninguno, os certifico,
cual vos que tal fama cobre,
pues de partir con el pobre
quedais para siempre rico.

Un bien de eterno consuelo
esta vez nel cielo os escapa;
porque vale vuestra capa
mas que la capa del cielo;
mas haz, mas remedeas
es razon tån oportuna,
que ella, cubre el mundo con una,
vós, al que és mayor, con media.

Pero deciros porque,
 si entendistes que Dios era,
 no se la distes entera ;
 mas no sin misterio fué ;
 que como divinidad,
 y humanidad conocistes,
 la media no mas la distes
 para cubrir la mitad.

Y asi pudo, aun que partida,
 cubrir el cuerpo desnudo ;
 porque cubrir no se pudo
 con medida el sin medida :
 tambien os conocerán
 por Martin, glorioso santo,
 asi nel partir del manto
 como Christo nel del pan.

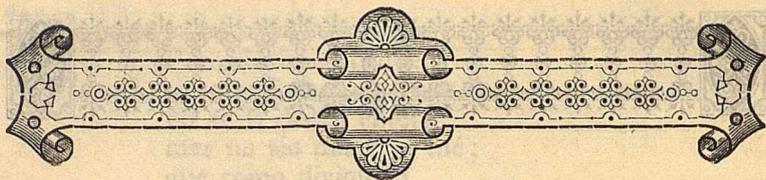




A' morte de Leandro

Leandro em o mar passando
entre esperança e temor,
foi-se o vento alevantando,
foram-lhe as ondas tirando
mais a vida, que o amor :
como a força ia perdida,
quasi sem poder fallar,
dizem que pedia ao mar
que lhe perdoasse a vida,
e que o matasse ao tornar.





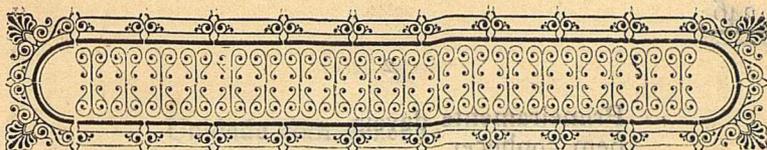
Lamentação



Minhas lagrimas ausentes,
meus suspiros sem ventura ;
ó minhas dores ardentes,
agora que estaes presentes,
alegrae minha tristura :
saudades, porque calaes ?
angustias, que não dizeis ?
gemidos, que não fallaes ?
os tormentos que me daes
c'os males que me fazeis ?

Nunca melhor peça vi
de muitos tempos passados,
atrevo-me porque sinto
seus primores delicados :
tem regras por excellencia,
pontinhos que faz pasmar !
E' frol de toda prudencia
segundo meu bom julgar. (1)

(1) No livro : *Expositio magistri Petri Tataroli in sumulas petri hispani*, impresso em 1501, que existe na Bibliotheca d'Evora, encontram-se no fim, por letra de um leitor quinhentista esta decima e outava,



De Simão Fernandes de Faria

ARITHMETICA

IHS



Em nome de Deus começa
arte nova
de algarismo, que por trova
nos ameaça,
porque menos nos esqueça,
e a guarde
quem tem necessidade
desta peça. (1)

(1) Foi já publicada em separado esta composição poetica e dedicada ao illustre senhor Doutor Eugenio do Canto, de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel. Razões de fôro íntimo lhe apressaram a impressão, donde o ter ficado com algumas imperfeições de leitura. Isto por um lado, e por outro o ter ella natural cabimento 'neste livro, como filha do-seculo em que escripta a mor parte destas poesias, 'nelle se deixa ficar á posteridade, melhormente lida e correcta.

2

Primeiramente deveis
bem conhecer
as letras, e as escrever,
se non sabeis :
um, dois, tres, quatro, cinco, seis,
e sete mais,
e oito, e nove, com as quaes
cifra noteis.

3

A cifra, que nada vale,
mais faz valer ;
põe-se por gráo encher
com seu signal,
como escada natural
pera subir ;
assim podeis construir
a numeral.

4

Item mais deveis saber
estes grados,
segundo vão ordenados
pera ler
as letras, e entender
suas valias,
quando cheias ou vacias
podem ser.

5

Começando a unidade
á mão destra,
a dezena toma a sestra
dinidade,
guardando tal calidade
quantas são,
ellas mesmas vos dirão
a cantidade.

6

Unidade com dezena
 ambas tomam
 outra, com que tres assomam,
 que é centena ;
 o milhar recebe pena
 por ser só,
 com as tres mette de ló
 com tercena.

7

A dezena de milhar,
 que é quinta,
 sua centena nos pinta,
 por mostrar
 que ensena, que tem folgar
 por se verem,
 pera melhor poderem
 nomear.

8

Outras tantas unidades
 traz o conto,
 ordenadas per seu ponto
 em edades,
 pera darem cantidades
 que comprehendam
 quaesquer contas, que se vendam
 por verdades.

9

Conto com sua dezena
 mettem velas ;
 sua parceira com ellas,
 a centena,
 governam per a viciena
 com milhar ;
 dezena centena a dar
 dous condemna.

Estas seis com seis passadas
doze fazem,
pelo modo em que jazem
nomeadas,
como casas deputadas,
as figuras,
ou grados de vestiduras
divisadas.

Um exemplo quero dar
do passado,
porque fique decrarado,
sem faltar:
trazem por commum fallar
quid est verum
experientia mater verum
singular.

Exemplo:

6, 5, 4, 3, 2, 1 | 6, 5, 4, 3, 2, 1

As especies quatro são
de algarismo,
formadas por gilogismo,
como vão;
de todas fareis menção,
brevemente,
porque dellas mais contente
deis rezão.

13

Seria logo a primeira,
 a sommar ;
 e a segunda, restar
 companheira ;
 multiplicar, a terceira
 no seguir,
 e a quarta, repartir
 derradeira.

14

Agora declararei
 cada uma,
 porque non fique nenhuma
 sem ter lei :
 um exemplo formarei
 em cada qual,
 com que todos, por equal,
 contentarei.

PRIMEIRA ESPECIE

15

Quando quizerdes sommar
 qualquer conta,
 pera verdes quanto monta,
 sem errar,
 começareis a juntar
 as unidades,
 e as suas cantidades
 congregar.

16

Todas as contas fareis
 da mão destra,
 e assim até á sestra
 seguireis ;
 ao repartir só mudeis
 esta maneira ;
 porque é de todas bandeira
 a guardéis.

17

Se fôr nada, cifrareis
 em seu grado,
 se um numero apartado
 pôl-o-eis ;
 se são dez, pintareis
 cifra figura,
 se ambos, o da ventura
 assentareis.

18

Aqui haveis de notar,
 se quizerdes,
 que dos dezés, que fizerdes
 em assommar,
 de cada, um levar
 no sentido,
 pera ir tomar vestido
 com seu par.

19

Se lá achar companhia
 mesturae-o ;
 sendo só, aposentae-o,
 sem porfia ;
 seguindo por esta via
 ireis parar
 em o cabo, por repousar
 per todo dia.

20

Exemplo vos quero pôr,
 porque vejaes
 mais craro, e o entendaes
 com mais sabor ;
 perdereis todo temor
 e medrosia,
 e cobrareis ousadia
 com favor.

Exemplo :

209700	
2020	
303000	
300	

21

Quatro cifras as sommadas
 cifra fazem ;
 ponde cifra donde jazem
 assignadas :
 os dois, ponde nas pegadas
 da dezena ;
 sete com tres dez, sem pena
 fazem fadas.

22

Pintae cifra ao pé
 das que fadaram ;
 levae um que nos leixaram
 por relé,
 com nove, dous, tres, dá fé
 que quinze são ;
 cinco põe-se em a mão
 a uma sé.

23

Só se ponha, pois non acha
 com quem morref ;
 dous, com tres, cinco á morte
 dá sem tacha,
 posto com sua garnacha
 de setim,
 pera guarda de sa fim,
 tudo despacha.

	209700	
	2020	4
	303000	— prova
	300	4
	<hr/>	
são	515020	

24

Pera provar se vae certo
o assommado,
tirae os nove do gado
no deserto,
assim mesmo ao reperto
no curral,
de ambos sobre um signal
descoberto.

SEGUNDA ESPECIE

25

Seguindo esta jornada,
entraremos
na segunda, que veremos
mais armada
do que foi esta passada,
pouca cousa ;
mas com pratica repousa
amansada.

26

Na unidade começae,
por ser prima,
a decipar, da de cima
lhe tirae,
o que ficar, assentae
em seu termo :
assim todas em o ermo
despojae.

27

Exemplo :

Esta lei não se entende
 geralmente,
 salvo donde se consente
 alli prende :
 a rezão tirar defende
 mais de menos ;
 mas dá logar que, por menos,
 se emende.

28

Quando a mais da provida
 é maior
 que sua superior,
 busca vida
 com seus padres supprida,
 ajuntados,
 com os de cima assentados
 na guarida.

29

Quando por dezes supprirdes,
 levae um,
 porque non vades em jejum :
 se tal virdes,
 mesturae-o, sem sentirdes,
 com seu gado ;
 o qual só será tirado
 por vos irdes.

30

Se não fordes bem certo
 'neste jogo,
 entrae ccm elle por rogo
 afagueiro ;
 com exemplo verdadeiro,
 segun virdes,
 tomal-o-eis com rirdes
 por inteiro ;

3095

467

31

Sete de cinco non posso
 'neste mez ;
 pera dez lhe faltam tres,
 por ser nosso ;
 tres com cinco faz em grosso,
 outo tal,
 assentae o no portal
 por ser vosso.

32

Levae um, posto com seis
 fazem sete ;
 sete com nove remette
 dous ás leis,
 ordenadas pelos reis
 que passaram ;
 que estes dous vos divulgaram
 que guardeis.

33

Quatro de cifra non errês
 o que fará ;
 pera dez seis nos dará,
 mal que lhe pês ;
 seis com cifra descortês,
 non medra nada ;
 albergae-os na pousada
 per um mez.

34

Um levae desta viagem,
 sem achar
 outros com que se ajudar
 de sua lingoagem ;
 vendo-se como selvagem,
 lança mão
 de um de tres, que em cima estão
 em seu paragem.

3095

467

2628

3095

35

Temos combate das duas,
 das irmãs,
 não mui fortes, mas meãs,
 das outras suas;
 já vencidas, ficam nuas,
 expricadas,
 com exemplos obrigadas
 pelas ruas.

TERCEIRA ESPECIE

36

A terceira deçaremos
 per rezões,
 e per veras conclusões,
 que formaremos,
 com que as sugigaremos
 a servir,
 quando quer que nos cumprir,
 como veremos.

37

Se quereis multiplicar
 por tavoada,
 sabeia-a bem decorada
 e expricar;
 porque possaes confiar
 em tal aviso,
 de cada dez, no sentido
 um levar.

38

Começae á mão direita
 a obrar ;
 porque se possa cobrar
 sua seita :
 a primeira se receita
 lá com todas,
 e as suas destas das vodas
 non engeita.

39

Todas honram seu alqueve
 de tal sorte,
 que qualquer seu rego corte
 por mais breve ;
 d'ahi donde lhes releve
 os ensina,
 exquirindo das de cima
 o que escreve.

40

Guardando as leis passadas,
 que ouvistes,
 na primeira, se sentistes
 declaradas,
 do que guardam as levadas
 na memoria,
 mettereis a vossa historia
 nas pousadas.

41

Com exemplo filhareis
 esta peça :
 de tal guisa se começa
 qual vereis,
 pelo qual comprehendereis
 esta cousa :
 se bem armaes vossa lousa
 caçareis.

Exemplo :

1065

407

42

Sete vezes cinco fazem,
sem processo
trinta e cinco por expresso,
com jazem :
põe-se cinco, tres se trazem
na memoria
até outra peditoria,
que se vazem.

43

Sete vezes seis produzem
seus corenta
e mais dous, com tres de ementa
cinco luzem ;
daqui, quatro se reduzem
per rezão,
á seguinte producção
com que se cruzem.

44

Sete vezes cifra lança
designada,
que com quatro ajuntada
quatro gança ;
estes mettereis na dança
apontados ;
porque sejam assignados
por fiança.

45

Sete vezes um sete,
 perfilhae-os,
 depois de haver quatro saios
 'neste frete,
 pelo qual nos bem promette
 de mandar
 outrem, que vá governar
 pelo topete.

1065

407

 7455

46

A cifra bem se escusa
 de servir ;
 a casa basta supprir
 como usa ;
 a sommar nunca refusa
 sua linha,
 sem crescer mais do que tinha
 na infusa.

47

Quatro dá de sua parte
 que governe,
 comtanto que não inverne,
 em Lizarte,
 mas que tantas vezes farte
 sua gente,
 quanto sete foi contente
 por tal arte.

48

Quatro vezes cinco vinte,
cifra ponde ;
a memoria dois esconde,
porque pinte
esto na casa seguinte,
que são seus :
por serem vossos e meus
se fez acinte.

49

Quatro vezes seis fareis
vinte e quatro,
se escaparem d'algum laço
mettereis
com esses dous, que trazeis,
bem notados ;
seis de todos confirmados
deixareis.

50

Quatro vezes cifra nada,
poreis dous,
pera enxotar os groux
da lavrada :
quatro vezes um, que brada
por sa fim,
dá quatro por selamim
de cevada.

51

Assommae quantas carreiras
tendes feitas ;
porque serão recolheitas
as janeiras :
fareis de duas maneiras
vossa prova :
uma velha e outra nova
companheiras.

$$\begin{array}{r}
 1065 \\
 407 \\
 \hline
 7455 \\
 0000 \\
 4260 \\
 \hline
 433455
 \end{array}
 \qquad
 \begin{array}{r}
 3 \mid 6 \\
 2 \mid 6
 \end{array}$$

52

Tirae nove do primeiro
e segundo ;
os que leixam 'neste mundo
sem herdeiro,
multiplicae no terceiro
e pagae
os nove, que tal vos sae
do celleiro.

53

Ou partí o assommado,
se sentirdes
por qualquer dos dous, que virdes
no eirado,
por serdes certificado
de tal arte,
o outro nos sae em parte
assignado.

54

tres irmãs temos sujeitas,
e captivas,
a nosso serviço vivas
e perfeitas,
com suas regras direitas,
verdadeiras,
que nos tiram de canceiras
e suspeitas.

QUARTA ESPECIE

55

Já nos imos achegando
 á final,
 com manifesto signal
 alcançando ;
 porém vamos attentando
 seu caminho,
 não demos 'nalgum espinho
 tropeçando.

56

Porém depois de trilhado
 a meude,
 é mais doce que alaude
 temperado :
 quando fordes achegado
 á cidade
 sereis de boa vontade
 hospedado.

57

É cidade pompulosa
 de gran fama ;
 das irmãs quatro se chama
 generosa,
 de todas mais preciosa,
 mais sabidas,
 e das tres mui bem solvidas
 balouçosa.

58

Quer-se muito praticada
 de contino ;
 porque é de metal fino
 ordenada,
 e com todas amansada
 juntamente,
 como vereis no presente
 debuxada.

59

Figurae o devidendo
 no papel,
 de tinta ou d'ouropel,
 escrevendo,
 á mão sestra submettendo
 o partidor,
 pera ser destruidor,
 despendendo.

60

Se o virdes sem companhia
 de um vestido,
 ponde-o sem arruido
 na montanha,
 termo d'alta Lemanha,
 se couber,
 se não, dae-lhe outra mulher
 de outra manha.

61

Não alargando a primeira,
 que já tinha ;
 porque de rezão convinha
 ser herdeira,
 entrará com a parceira,
 ajudando
 a outra, encaminhando
 tal carreira.

62

Ponde as vezes que cabe
 o partidor,
 á destra por servidor
 que se gabe
 de cociente, que sabe
 dar rezão
 do que lhe mettem na mão,
 quando cabe.

63

Como for o cociente
 assentado,
 deve ser multiplicado
 prestemente,
 no partidor, que é presente
 por escripto,
 tirando o seu amicto,
 ao crescente.

64

Leixareis o que vos queda
 lá no alto ;
 assim, de salto em salto,
 por moeda,
 cada um em sua seda,
 em direito,
 de seu proprio aspeito
 e jazeda.

65

O gastado leixareis
 com taes signaes
 riscado ; porque vejaes
 o que fazeis :
 o partido mudareis
 por diante,
 até que seja acabante
 não cesseis.

66

Quando derdes na ribeira
 já em secco,
 por vos non achardes peço
 na carreira,
 soccorrei-vos á bandeira
 do provar ;
 porque possaes afirmar
 ser verdadeira.

67

Comecem a exemplificar
estes termos ;
porque non fiquem enfermos
sem sarar,
é remedio singular
as dicentes,
com exemplos evidentes
ajudar.

68

Partireis mil e quinhentos
e sessenta
em tres partes, sem tormenta,
e sem ventos,
os sentidos bem attentos
esgoardando
té ao cabo, reiterando
casamentos.

69

Em dez quantas vezes cabem
estes tres ?
cabem tres, em portuguez ;
por que se gabem
que tres vezes tres bem sabem
que são nove,
e que de dez, um nos prove
quando acabem.

70

Em quinze cinco vegadas
tres se mettem ;
cinco vezes três apertem
quinze padas ;
da sua razão tiradas
nada queda :
comprem com outra moeda
as empadas.

71

Em seis duas vezes faço
 tres herdeiros,
 por ser bons casamenteiros
 os abraço :
 duas vezes tres no laço
 prendem seis,
 desterrados pelas leis
 do seu paço.

72

Em cifra desposiuro
 se fará :
 outra cifra vos dará,
 em mortoiro,
 por signal de tão sertoiro
 movimento,
 pera seu pagamento
 adjutoiro.

73

Fareis prova evidente,
 natural,
 multiplicando sem mal
 no cociente
 o partidor sem parente,
 e dar-nos-ão
 o devido só, bem são,
 inteiramente.

74

Quando quer que no partir
 sobejarem
 alguas que non acabarem
 de cumprir,
 á prova devem de vir
 ajudando,
 unidando, e tornando
 a reservar.

75

Tudo quanto dito temos
dá quartão
bem craro por regra, chão,
como vemos :
do partidor entendemos
na pintura,
quando de hua só figura
o fazemos.

76

Mas por duas ou por quantas
mais quizerdes,
partireis se bem souberdes
suas prantas ;
porque são de cores tantas,
e costuras,
quantas de Frandes pinturas
trazem mantas.

77

Um secreto notareis
proveitoso :
quando em tirar penoso
vos acheis,
emendando, correreis
até achar
de onde possaes tirar
o que quereis.

78

Tornareis ao mais leixando
em seu grado,
quer só quer acompanhado,
caminhando,
o necessario portando
na memoria,
com que alcanceis victoria
acabando.

Outro exemplo tomae,
 por notardes
 estes direitos, se olhardes
 como vae :
 com aviso attentae
 no que digo,
 e vereis quam limpo trigo
 este sae.

Exemplo :

152025040 | 299000

80

Parti cento e cincoenta
 e dous contos
 e vinte e cinco mil pontos,
 e corenta,
 por dozentos e noventa
 e nove mil,
 segundo a conta subtil
 representa.

81

Começareis a metter
 com tal temor
 a sestra do partidor
 no seu haver :
 non lhe deis tanto poder
 quanto lhe vem,
 pois c'os outros lhe convem
 do seu manter.

82

Dous em quinze cabem sete ;
 non lhos damos ;
 para as outras lhe deixamos
 deste frete,
 pera dar a quem se mette
 ajudar,
 se o merecer levar
 que o aperte.

83

Dae cinco no cociente,
 lá no lado,
 que com dous multiplicado
 dez vidente :
 dez de quinze, finalmente,
 será cinco ;
 cada uma deste brinco
 é contente.

84

Assim faz cinco com nove,
 se olhaes,
 coarenta e cinco achaes,
 que remove,
 tiram-se de donde chove
 cincoenta
 e dous, que sete assenta,
 com que prove.

85

Torna cinco a tocar
 seu pandeiro,
 e com nove segundeiro
 a cantar,
 corenta e cinco tirar
 de setenta
 vinte e cinco aposenta,
 por matar.

86

Mudareis mais por diante,
um só grado,
o partidior bem tirado,
caminhante,
qualquer letra concessante
desta troca ;
porque cada um toca
seu sombrante.

87

Quanto mais fôr necessario
de mudar
mudae, quanto demandar
seu fadairo,
se achar no seu armairo
que comer,
se não, passe até caber
no salairo.

88

Dois em dois bem caberia
'neste passo ;
mas em cinco, quanto escasso
que seria !
com nove non poderia
nem dois menos ;
dando cifra por acenos
serviria.

89

Cifra posta, seja morto
a feridas
o partidior, nas guaridas
todo torto ;
mudando ao outro porto
cobrará
as prantas que deixará,
'neste horto.

90

Em vinte e cinco podemos
 dous metter
 nove vezes, em poder,
 se queremos ;
 mas porque d'aqui guardemos
 mantimento,
 pera todo o convento
 outo demos.

91

Outo vezes bem alcança,
 por direito,
 a dez e seis seu sujeito ;
 por herança
 de vinte e cinco se lança
 lá de fora
 ficam nove, por demora
 na rebança.

92

Outo com nove pelejam,
 de tal sorte,
 que setenta e dous por morte
 dar desejam ;
 de noventa e dous se vejam
 apartados,
 fiquem vinte assentados,
 que sobejam.

93

Tornem outo á contenda
 d'outros nove :
 setenta com dous renove,
 de encomenda,
 de dozentos da fazenda
 cinco mais ;
 cento e trinta e tres leixaes
 por emenda.

94

Vem á parte desta conta
 os quinhentos
 e oito, com seus framentos,
 quanto monta,
 com sua prova na ponta,
 como vistes,
 segundo atraz ouvistes
 sem afronta.

$$\begin{array}{r}
 152025|040 \quad | \quad 299|000 \\
 \hline
 10 \qquad \qquad \quad 508 \\
 \hline
 52 \\
 45 \\
 \hline
 70 \\
 45 \\
 \hline
 252 \\
 0 \\
 \hline
 25 \\
 0 \\
 \hline
 252 \\
 0 \\
 \hline
 2525 \\
 16 \\
 \hline
 92 \\
 72 \\
 \hline
 205 \\
 72 \\
 \hline
 133
 \end{array}$$

95

Peço perdão geralmente
 aos senhores,
 a vós, com todos leitores
 da presente ;
 o que fôr sufficiente
 que a emende,
 qualquer erro que se entende
 eminente.

 A DEOS GRAÇAS

Índice onomástico de cantores e cantados

	PAGINAS
Affonso de Albuquerque	136
Alvaro de Abranches (D.)	46
» de Luna (D.)	176
Bernardo da Motta	195
Conde da Castanheira	28
» » Feira	18
» » Vidigucira	28
» do Vimioso	47, 167
Diogo de Tovar	93
Duque de Villa Hermosa	233
Fernando Corrêa de Lacerda	71
» da Cunha (D.)	13
Francisco de Portugal (D.)	9, 238
» Rolim (D.)	142
» de Sá e Menezes	57, 199
Gabriel Pereira de Castro	148
Henrique de Almeida	8
» de Portugal	14
Jeronymo Coutinho (D.)	28
João de Almeida (D.)	158
» de Bragança (D.)	234
» Manoel (D.)	205
Jorge Dias Cardoso	85
» Furtado	165
» da Silva	27, 29
Luiza Henriques (D.)	223
Luiz Lobo da Silveira (D.)	17
» Mendes de Vasconcellos	129
» Saraiva de Lucena	224
» da Silveira.	37
Manoel Pereira do Sem	1
» de Portugal (D.)	43, 45, 63, 64, 84, 86, 162, 178, 203
Martim de Castro do Rio	73
Motta	234
Nuno de Mendonça (D.)	159
Pero da Costa	161
Sebastião, Rei (D.)	183
Simão Fernandes de Tavira	245
» da Silveira (D.)	24
Vasco da Gama (D.)	219

Índice geral

	PÁGINAS
Dedicatória	v
Prefação do compilador	vii
Juízo crítico do Doutor Theophilo Braga	xvi
Mandaste-me pedir novas.	1
Pequena tomei amor	6
Des que una ves miré	8
A ver en tanta hermosura	9
Estas postreras razones	238
Nenhum effeito torpe da cubiça	10
As cousas que não tem cura	11
Isto não é vda	12
En que podré esperar contentamento	13
El luego se hizo semana	14
Tenho um bem que mal me trata	15
Los servicios recibidos	17
Vou mordendo e arranhando	17
A' morte do Conde da Feira	18
Tenho um ano singular	19
Ai! misero, sujeito á natureza	20
Já não quero de meu mal	21
Quem não parte na maré	22
Que coberta de cubiça	23
Para que me dán tormento	24
Christãos e mouros	25
Ao mundo	27
Aqui jaz um tão honrado	28
O mal de ser eu gottoso	28

	PAGINAS
Só vás no mal albardado !	28
Para que me dån tormento	29
Pode dar, pode tirar	30
Quem diz temor, diz morte...	31
A' sentença dada contra um fidalgo	32
O mor trabalho de todos	36
Meus males tudo procuram	37
Voy como loco sin tiento	37
Tudo o que vejo tem fim	38
Por ver se tanto mal se acabaria	40
Mundo quien te conociera	41
Que me dá que se me dê?	42
Um tempo sem mal nem bem	46
Troyas como as do Conde do Vimioso	47
Queixoso de querer sem ser querido	55
Sem vós, sem amor, sem esperança	56
Donde descança amor quando descança	54
Qual é a cousa nem pobre nem rica	60
Apressões de cada dia	61
Segredos nunca cuidados	65
Tudo o que vejo tem fim	68
Esperança	69
Horas breves do meu contentamento	75
Perguntas que se fazem	79
Vão-se meus amores	81
A vida foge sem parar uma hora	83
A perfeição, a graça...	84
Ainda que o metal luzente e duro	86
Soias de cantar onde pastavas	87
O' mundo caduco e vão	93
Amor verdadeiro e puro	94
La vida del amor es trabajosa	128
Esperanza	131
Importunos amantes de conventos	135
Contrição	337
Amor	138
Margarida	139
Saudade	140
Poder do amor	141
No es menester que digais	143
Assim como houve Fenix que renova	149
Vinde cá pensamento, vinde á conta	150
Perdi-me dentro em mim, como em deserto	151
Primicias do meu infelice estado	152
Descripção de Madrid	153
Já se te viene llegando	154
O mal que me atormenta não se entende	157
Amor trouxe Jesus	160
Viene, dulce muerte, viene,	163
Troyas como as do Conde do Vimioso	167
Foge-me diante dos olhos a esperança	177

	PÁGINAS
Sospechas, confusion, contradicciones	179
Naci de abuelo	180
Um atrevido temor	181
A D. Sebastião, elegia	183
Si el amor una alma enciende	189
Solo sé el porqué	191
Cheio de furiosa chama ardente	193
O grande esforço, o saber facundo	194
Quam bem parece um peito diamantino	202
Abre, abre las orejas	209
Llorad sin descansar, ojos cansados	215
Se de vós já se me deu	217
Tal estoy del sentimiento	220
Si por caso yo viviese	221
Ojos que se quieren bien	225
Dona velha relha	227
Aos Governadores	228
Aos governadores de Portugal	229
Folia. Vossa Magestade	231
Ao Mondego	235
Tolhe-me que vos não veja	237
Suena con vuestro valor	241
A' morte de Leandro	243
Lamentação	244

Errata

Na pagina 160 do segundo quarteto leia :

Amor nos leva a nós da cruz á gloria

As demais imperfeições de revisão faceis são de emenda ao leitor instruido.

Neste solo transtaganço
Na famosa *Liberalitas*
Julia, do povo romano,
Foi este Cancioneiro
Impresso, como o primeiro
Em Lisboa o foi, no anno
De quinhentos dezeseis
Sobre mil subentendidos,
Com mais um, já decorridos,
Trezentos outenta e seis.

